

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

ORLEY JOSÉ DA SILVA

**A ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
ALGUNS ASPECTOS FORMAIS E DISCURSIVOS**

Goiânia

2012

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Orley José da Silva				
E-mail:	proforleyjose@gmail.com				
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? ☒ Sim ☐ Não					
Vínculo empregatício do autor: nomeado efetivo e estável (concursado)	Secretaria Municipal de Educação de Goiânia				
Agência de fomento:					Sigla:
País:		UF:		CNPJ:	
Título:	A ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ALGUNS ASPECTOS FORMAIS E DISCURSIVOS				
Palavras-chave:	PRODUÇÃO TEXTUAL, DIALOGISMO, ENUNCIADO, ENSINO FUNDAMENTAL				
Título em outra língua:	STUDENT'S WRITING OF THE FUNDAMENTAL TEACHING: SOME ASPECTS FORMAL AND DISCURSIVE				
Palavras-chave em outra língua:	TEXT PRODUCTION, DIALOGISM, ENUNCIATION, ELEMENTARY SCHOOL				
Área de concentração:	Estudos Linguísticos				
Data defesa: (05/03/2012)					
Programa de Pós-Graduação:	Letras e Linguística				
Orientador (a):	Eliane Marquez da Fonseca Fernandes				
E-mail:	elianemarquez@uol.com.br				
Co-orientador (a):*					
E-mail:					

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Assinatura do (a) autor (a)

Data: ____ / ____ / ____

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

ORLEY JOSÉ DA SILVA

**A ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
ALGUNS ASPECTOS FORMAIS E DISCURSIVOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: LP6: Ensino e aprendizagem de línguas

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Eliane Marquez da Fonseca Fernandes

Goiânia

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

S586e

Silva, Orley José da

A escrita de alunos do ensino fundamental: alguns aspectos formais e discursivos [manuscrito] / Orley José da Silva. – 2012. xi, 148 f. : il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a.Eliane Marquez da Fonseca Fernandes
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2012.

Bibliografia: f. 98 - 100

1. Ensino fundamental 2. Estudantes do ensino fundamental – Produção textual I. Título

CDU: 81'42

ORLEY JOSÉ DA SILVA

**A ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
ALGUNS ASPECTOS FORMAIS E DISCURSIVOS**

Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Mestre em Letras e Linguística, aprovada pela Banca Examinadora aos cinco dias do mês de março de dois mil e doze, (05/03/2012), constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Eliane Marquez da Fonseca Fernandes - UFG
(Presidente)

Profª Drª Eliana Gabriel Aires – FE-UFG

Profª Drª Eliana Melo Machado Moraes - UFG

Dedico

**aos meus alunos do passado e do presente,
de quem aprendo enquanto ensino;**

**aos meus professores de ontem e de hoje,
porque me dispõem o que aprendem.**

AGRADECIMENTOS

Senhor meu, Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, Criador e Redentor meu,
Autor da minha salvação.

José Policarpo, Maria Eugênia, Jonas Pio e Maria Tereza, meus saudosos avós.

Antonio Policarpio, meu saudoso pai.

Adelourdes Maria, minha mãe.

Anna Paula, minha filha.

Alexandre Tosatti, genro-filho.

Pedro Henrique, meu neto.

Tios e primos.

Orleno, Orleney, Orly e Antonio, meus irmãos,

Ana Leonor, Celma, Marcilene, Noraldino, meus cunhados.

Eliézer, Orleane, Kállyta, Miriã, Leyde, Marcos, Marcelo, Mayara, Juliana, Micaelly,
Thalyta e Rayssa, meus sobrinhos.

Maria Sueli, Kátia Menezes, Lucielena Mendonça, Maria de Lourdes Paniago,
Agostinho Potenciano, Roberto Baronas e Eliane Marquez, professores neste curso.

Eliane Marquez, minha orientadora acadêmica desde o curso de especialização em
2002, a quem devo muito da minha capacidade de leitura e produção textual.

Márcia Mendonça, Maria Letícia, Raimunda Delfino, Gisélia Brito, Esther Ferreira,
Hosâmis de Pádua, Etelvina Gonçalves, leitoras e colaboradores nesta pesquisa.

Sinval Filho, Eliana Aires e Eliane Marquez, banca de qualificação, pela valiosa
contribuição.

Eliane Marquez, Eliana Aires, Eliana Melo, Sinval Filho e Maria Aparecida Rossi,
banca de defesa.

CRIARCONTEXTO, TRAMA e LITEDI, grupos de estudo que participo.

Consuelo e Bruno, secretaria da pós-graduação.

Secretaria Municipal de Educação, da Prefeitura de Goiânia.

Alunos-autores dos textos pesquisados.

EPÍGRAFE

“Tal é o homem, tal é o seu discurso.”

Cícero

RESUMO

Essa dissertação pretende analisar e explicar alguns aspectos discursivos encontrados em pares de textos escritos por alunos de duas turmas da última fase do Ciclo III, do Ensino Fundamental, de uma escola pública municipal da cidade de Goiânia. Pretendemos também compreender como os alunos se posicionam criticamente diante das vozes discursivas propostas; investigar que formações discursivas são mais empregadas na construção do texto; e proporcionar reflexões que contribuam para a melhoria do ensino da produção de texto na sala de aula. Do total de atividades escritas, fizemos uma seleção de 15 pares de textos, produzidos por 15 alunos. Cada par é composto de duas versões elaboradas pelo mesmo aluno. Essa pesquisa embasa-se na teoria do dialogismo e do enunciado, segundo Bakhtin (1997; 2003) e outros estudiosos que tomaram a escrita, o discurso e o texto como foco de suas indagações, tais como: Authier-Revuz (1990), Foucault (2005), Koch (2006), Orlandi (2005; 2006), Pecheux (1990; 1997; 1999). Caracteriza-se como uma pesquisa de *observação participante* que, além de apresentar características interpretativas, possibilita a interação entre o pesquisador e o grupo a ser pesquisado. A justificativa de nossa investigação liga-se à necessidade de compreender melhor sobre o processo de produção textual em sala de aula. Nossa análise fornece oportunidades de constatar que os alunos são capazes de lidar com a heterogeneidade de vozes na sociedade e de apropriar-se delas em seus discursos; de estabelecer a coesão e a coerência entre enunciados produzidos em momentos diferentes; de usar estratégias argumentativas visando convencer o leitor; de dar continuidade à mesma temática em aulas subsequentes. Finalmente, constatamos que o professor pode trabalhar o mesmo tema em aulas diferentes sem o risco de se tornar repetitivo.

Palavras-chave: produção textual, dialogismo, enunciado, Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze and to explain some aspects of discourse found in pairs of texts written by students of two classes of the last phase of Cycle III of the Elementary School, from a public school in the city of Goiania. We also want to understand how students critically position themselves in the face of discursive voices proposals; to investigate what discursive formations are most employed in the construction of the text, and promote reflections that can contribute to improve the teaching of text production in the classroom. From all the collected writing activities, we made a selection of 15 pairs of texts produced by 15 students. Each pair consists of two versions prepared by the same student. This research underlies on the theory of dialogism and enunciation, according to Bakhtin (1997, 2003) and other scholars who took the writing process, the discourse and the text as the focus of their inquiries, such as: Authier-Revuz (1990), Foucault (2005), Koch (2006), Orlandi (2005, 2006), Pêcheux (1990, 1997, 1999). It is characterized as a participant observation research that, besides presenting interpretative features, allows the interaction between the researcher and the group to be researched. The rationale of our investigation is linked to the necessity of better understanding the process of writing production in the classroom. Our analysis provides opportunities to confirm that the students are able to cope with the heterogeneity of voices in society and to appropriate them in their discourses; to establish cohesion and coherence in their enunciation produced at different times; to use argumentative strategies in order to convince the reader; to give continuity to the same theme in subsequent lessons. Finally, we noticed that the teacher can work the same theme in different classes without running the risk of becoming repetitive.

Keywords: text production, dialogism, enunciation, Elementary School.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Texto de apresentação da coletânea.....	101
APÊNDICE B – Carta dos pesquisadores aos alunos.....	102
APÊNDICE C – Formulário de cessão dos direitos autorais do texto.....	103
APÊNDICE D – Coletânea de textos para o primeiro texto.....	104
APÊNDICE E – Folha para a produção textual.....	105
APÊNDICE F – Texto complementar para o segundo texto.....	106
APÊNDICE G – Texto complementar para o segundo texto.....	108
APÊNDICE H – Texto complementar para o segundo texto.....	109
APÊNDICE I – Texto complementar para o segundo texto.....	111
APÊNDICE J – Imagens para o segundo texto.....	113

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A1 - Fotocópia do 1º texto de BBF	116
ANEXO A2 - Fotocópia do 2º texto de BBF	117
ANEXO B1 - Fotocópia do 1º texto de CHNM	118
ANEXO B2 - Fotocópia do 2º texto de CHNM	119
ANEXO C1 - Fotocópia do 1º texto de GMS	120
ANEXO C2 - Fotocópia do 2º texto de GMS	121
ANEXO D1 - Fotocópia do 1º texto de GSMS	122
ANEXO D2 - Fotocópia do 2º texto de GSMS	123
ANEXO E1 - Fotocópia do 1º texto de IA	124
ANEXO E2 - Fotocópia do 2º texto de IA	125
ANEXO F1 - Fotocópia do 1º texto um LFS	126
ANEXO F2 - Fotocópia do 2º texto dois de LFS	127
ANEXO G1 - Fotocópia do 1º texto um de LHTM	128
ANEXO G2 - Fotocópia do 2º texto dois de LHTM	129
ANEXO H1 - Fotocópia do 1º texto um de MPFN	130
ANEXO H2 - Fotocópia do 2º texto dois de MPFN	131
ANEXO I1 - Fotocópia do 1º texto um de NBD	132
ANEXO I2 - Fotocópia do 2º texto dois de NBD	133
ANEXO J1 - Fotocópia do 1º texto um de NGA	134
ANEXO J2 - Fotocópia do 2º texto dois de NGA	135
ANEXO K1 - Fotocópia do 1º texto de SGF	136
ANEXO K2 - Fotocópia do 2º texto de SGF	137
ANEXO L1 - Fotocópia do 1º texto de TBM.	138
ANEXO L2 - Fotocópia do 2º texto de TBM	139
ANEXO M1 - Fotocópia do 1º texto de TBR	141
ANEXO M2 - Fotocópia do 2º texto de TBR	142
ANEXO N1 - Fotocópia do 1º texto de TSM	144
ANEXO N2 - Fotocópia do 2º texto de TSM	145
ANEXO O1 - Fotocópia do 1º texto de VAS	146
ANEXO O2 - Fotocópia do 2º texto de VAS	147

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE APÊNDICES

LISTA DE ANEXOS

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
1.1 A metodologia de pesquisa	16
1.2 A escola pesquisada	18
1.3 Os ciclos de formação e desenvolvimento humano	19
1.4 Os sujeitos da pesquisa	21
1.5 A coleta de dados e a definição do <i>corpus</i>	22
 CAPÍTULO 2: LÍNGUA, LINGUAGEM E DISCURSO.....	28
2.1 Língua e linguagem	28
2.2 A língua como lugar de interação social	30
2.2.1 Dialogismo	32
2.2.2 Ideologia	35
2.2.3 Enunciado e enunciação	36
2.3 Michel Pêcheux e a Análise de Discurso	38
2.3.1 A noção de condições de produção em Análise de Discurso	40
2.3.2 A heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada.....	42
2.3.3 O sujeito do discurso	43
2.3.4 O interdiscurso	45
2.4 A concepção de formação discursiva em Pêcheux e Foucault	46
 CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS TEXTOS PESQUISADOS	50
3.1 Texto e ensino	50
3.2 Os textos estimuladores	54

3.3 Aspectos formais discursivizados	56
3.3.1 Marcas de pontuação.....	56
3.3.2 A continuidade nos textos pesquisados	62
3.3.3 Aspectos discursivos presentes nos textos pesquisados	72
3.3.4 A valorização do discurso científico	75
3.3.5 Perguntas retóricas/reflexivas	80
3.3.6 Interlocução, dialogismo e perspectiva do outro	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICES: de A a J	101
ANEXOS: de A a O	116

INTRODUÇÃO

A produção textual de alunos do Ensino Fundamental, principalmente em escolas públicas, tem sido motivo de preocupação para o governo e centros de pesquisa em educação do país nas duas últimas décadas do século XX e início do século XXI. Relatórios de congressos voltados para a educação, bem como a publicação de resultados de pesquisas acadêmicas e governamentais, além de reportagens na grande imprensa indicam a existência de um importante déficit de qualidade na leitura e na escrita.

Sabemos que a sociedade letrada exige dos sujeitos habilidade no desenvolvimento da leitura e da produção de textos. Isto porque a cultura letrada valoriza o conhecimento da leitura e da produção textual como saberes que são socialmente importantes. E a escola é o lugar ideal para o desenvolvimento dessas habilidades no aluno, como afirma Zilberman (2001, p.5),

o ponto de partida é a confiança depositada na escola enquanto espaço propício para o exercício e a valorização da leitura. [...] na sala de aula circulam textos, de modo que certamente fica mais fácil falar deles e sobre eles num local em que constituem a matéria-prima da aprendizagem.

Embora saibamos que estudos sobre a produção de textos escolares sejam realizados com frequência, sentimos a necessidade de também cooperarmos para a melhoria da compreensão do processo de aprendizagem de escrita na escola. Essa disposição é motivada pela nossa profissão, pois há alguns anos atuamos como professor no Ensino Fundamental em escolas públicas do município de Goiânia. A nossa prática docente nos possibilita vivenciar, empiricamente, a realidade da escrita estudantil. A pertinência do nosso objetivo de pesquisa é reforçada por Braggio (1992, p.19) para quem são necessárias mais pesquisas sobre o aprendizado da escrita e também da leitura na escola:

é preciso descobrir muita coisa ainda com relação à linguagem nas nossas próprias escolas. É preciso nos adentrarmos nas diferentes comunidades para descobrir como aí se dá a gênese da leitura e da escrita, que forças dinâmico-causais as possibilitam.

Estimula-nos a importância de mais investigação sobre a produção de textos. Por isso, este trabalho tem como objetivo geral analisar e explicar alguns aspectos discursivos encontrados em pares de textos escritos por alunos de duas turmas da última fase do Ciclo III, do Ensino Fundamental, de uma escola pública municipal da cidade de Goiânia. Isso se dá com a finalidade de melhorar nossa compreensão sobre o processo de produção textual em sala de aula. Nosso estudo tem como objetivos:

- compreender como os alunos se posicionam criticamente diante das vozes discursivas propostas;
- investigar que formações discursivas são mais empregadas na construção do texto;
- proporcionar reflexões que contribuam para a melhoria do ensino da produção de texto.

Tendo em vista os objetivos apresentados, este trabalho pretende responder às seguintes questões:

- Como podemos analisar e explicar alguns aspectos discursivos encontrados em textos escritos de alunos do Ensino Fundamental?
- Como os alunos se posicionam criticamente diante das vozes discursivas propostas na coletânea?
- Que formações discursivas são mais empregadas na construção do texto?
- É possível contribuir para a melhoria do ensino?

Esta pesquisa se caracteriza como etnográfica colaborativa que, segundo Bortoni-Ricardo, (2008), além de apresentar características interpretativas, possibilita a interação entre o pesquisador e o grupo a ser pesquisado. Dessa forma, ambos são igualmente participantes do processo de construção e também de transformação do conhecimento.

Justificamos nossa escolha por um método de *enfoque qualitativo* porque para uma investigação sobre processos escolares como esta que empreendemos nos parece adequado uma interação relacionada ao processo de produção textual em sala de aula. De acordo com Bauer e Gaskell (2002), dentre as vantagens da

pesquisa qualitativa estão a possibilidade de o estudioso interagir com os dados para interpretá-los e permitir avanços e recuos no decorrer do trabalho.

No mês de outubro de 2009, foram realizados dois encontros separados com um intervalo de nove dias, para a coleta de produções de texto sobre um mesmo tema. Foram colhidos 76 originais de textos que estão assim distribuídos: 26 textos somente no primeiro encontro; 06 textos são de alunos que se apresentaram somente no segundo encontro e 22 pares de texto foram produzidos pelos mesmos autores. Vamos denominar cada produção do aluno como primeiro e segundo texto. Do todo coletado para a pesquisa, analisamos o *corpus* formado por 15 pares de textos porque nos mostraram mais evidências sobre as questões discursivas.

Esta dissertação se constrói estabelecendo diálogos com as teorias do discurso e com os textos dos alunos. Para nos embasar teoricamente e depois explicarmos o processo de produção escrita dos textos, apresentamos inicialmente as concepções de língua e de linguagem. Partimos de Saussure (1995) e depois recorremos ao suporte teórico oferecido por autores ligados aos estudos do texto e dos aspectos discursivos que servem de base para o nosso estudo.

Portanto, recorremos aos conceitos de dialogismo, autoria, enunciado em Bakhtin (1997, 2003), também aos conceitos de condições de produção, efeitos de sentido e formação discursiva em Pêcheux (1990); além de buscarmos os conceitos de sujeito e discurso em Foucault (2005). Apresentamos também a noção de heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada em Authier-Revuz (1990). Observamos, além disso, as contribuições sobre a noção de texto em Fiorin (2008), Koch (2006) e Orlandi (2006).

Esclarecemos que embora seja função do professor de Língua Portuguesa orientar os alunos quanto ao padrão de escrita da Norma Culta, este estudo não se dedica a analisar possíveis falhas dos alunos em relação à Gramática Normativa, mas verificar como cada um trabalha discursivamente a língua na construção de seus dizeres.

Nosso texto se organiza em quatro capítulos. No capítulo 1, *Procedimentos metodológicos*, descrevemos o processo da coleta de dados e da metodologia de análise empregada. No capítulo 2, *Sobre concepções de língua, linguagem, discurso, sujeito, heterogeneidade, dialogismo, formação discursiva*, que servem de base para o nosso estudo. No capítulo 3, *Sobre alguns aspectos conceituais de*

texto e textualidade, discorreremos sobre as noções teóricas dos estudos do texto que contribuem com o nosso trabalho.

No capítulo 4, *Olhares analíticos sobre os textos dos alunos*, apresentamos os enunciados que compõem a coletânea utilizada nas atividades escolares e fragmentos dos textos que fazem parte do *corpus*. Apresentamos as análises de quinze pares de textos escritos por alunos do Ensino Fundamental, pondo em prática as orientações do modelo de pesquisa etnográfica colaborativa. Ao final do trabalho, encontram-se anexadas as cópias escaneadas dos textos originais estudados com a finalidade de que possam ser consultadas. Nos apêndices, fazemos a exposição dos documentos produzidos por ocasião da coleta de dados.

Na parte seguinte deste texto faremos a explanação pormenorizada dos procedimentos metodológicos que nos conduziram na execução desta pesquisa. Inclusive, discorreremos sobre a coleta e a seleção dos textos que constituem o “corpus” da investigação.

CAPÍTULO 1

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A produção de textos escolares constitui-se em atividade desafiadora para os estudantes. É comum eles acharem difícil apresentar suas idéias de maneira clara, por escrito. No entanto, a competência para a redação de textos é uma exigência de nossa cultura letrada e compreende-se que é função da escola desenvolver essa habilidade no aluno.

Portanto, o professor de língua materna e também a escola devem criar as condições de leitura e de escrita necessárias para a constituição do aluno como autor, a fim de que aprenda a raciocinar sobre a linguagem e possa exercer plenamente a cidadania. A capacidade de análise da linguagem pelo aluno pode, inclusive, fazer com que ele reconheça a voz do outro no discurso e desenvolva habilidades para a organização coerente das ideias e dos argumentos.

A presente pesquisa trata justamente de uma prática de produção textual realizada em 2009 por alunos da última fase do Ciclo III, do Ensino Fundamental, de uma escola pública municipal de Goiânia. Nesta análise, aspectos discursivos materializados nos textos são levantados com o intuito de que os seus movimentos internos e também os efeitos de sentido sejam observados.

Neste capítulo, expomos a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa. Por isso, pormenorizamos o processo da coleta de dados, descrevemos os sujeitos participantes da investigação, bem como os instrumentos de pesquisa e procedimentos utilizados.

1.1 A metodologia de pesquisa

Nosso estudo é de natureza qualitativa e, para sua realização, exercemos o papel de participantes ativos no processo de produção textual em contexto de sala de aula. Entendemos que essa modalidade de pesquisa seja a que mais se ajusta ao nosso propósito de analisar aspectos discursivos materializados nos textos dos

alunos, bem como para a apresentação de sugestões para a melhoria da produção de textos na escola. Assim, conforme Bortoni-Ricardo (2008, p. 470), “é tarefa da pesquisa qualitativa de sala de aula construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é o contexto por excelência para a aprendizagem dos educandos”.

Em nossa pesquisa qualitativa, consideramos os textos em sua dimensão discursiva, compreendendo que os enunciados podem trazer múltiplos sentidos e interpretações variadas. Assim, admite-se subjetividade e a singularidade dos sujeitos envolvidos na investigação, levando em conta a heterogeneidade dos discursos presentes no ambiente escolar.

É importante observar também que, nesse contexto, há a possibilidade de mobilização da linguagem e dos sentidos no interior do texto, tornando possíveis os avanços e os recuos das análises no decorrer do trabalho. Na modalidade qualitativa, esta pesquisa se inscreve na perspectiva da “pesquisa etnográfica colaborativa”. De acordo com Bortoni-Ricardo (2008, p.71),

na pesquisa etnográfica colaborativa, o pesquisador não é um observador passivo que procura entender o outro, que também, por sua vez, não tem um papel passivo. Ambos são coparticipantes ativos no ato da construção e de transformação do conhecimento.

Essa inscrição metodológica se justifica porque participamos interativamente do processo de produção textual dos alunos, com o apoio da professora regente das turmas, durante as atividades de sala de aula. Nossa participação, então, torna-se também evidente na definição do tema, na seleção dos textos da coletânea, na condução dos debates e no ordenamento das tarefas de escrita.

A posterior observação cuidadosa dos enunciados nos leva às análises. Assim, a investigação ganha proporções não previstas no projeto de pesquisa inicial, mesmo porque a definição do *corpus* não acontece antecipadamente. Deixamos que os próprios dados nos direcionem para a seleção do material pesquisado. Essa é uma característica das pesquisas qualitativas, em que ocorre o contato aproximado com o *corpus* e o uso da intuição do pesquisador para fazer com que surjam as evidências.

Assim, por meio da observação de outras investigações, é possível ver que conforme a situação estudada podem-se gerar conclusões diferentes. Nesse caso, é

de se esperar que o pesquisador apresente as opiniões em oposição levantadas e não deixe de registrar o seu próprio ponto de vista. Portanto, de acordo com Lüdke e André (1986, p. 20),

quando o objeto ou situação estudados podem suscitar opiniões divergentes, o pesquisador vai procurar trazer para o estudo essa divergência de opiniões, revelando ainda o seu próprio ponto de vista sobre esses aspectos contraditórios.

Os diferentes pontos de vista do campo de estudo e as conclusões resultantes da pesquisa servem para melhorar a atuação do professor e a consequente elaboração de textos pelos alunos. É essencial, porém, que as descobertas feitas durante o estudo sejam relacionadas à literatura disponível, até mesmo para que as decisões e as direções tomadas durante a pesquisa sejam mais seguras.

1.2 A escola pesquisada

A escola estudada situa-se em Goiânia, a capital do estado de Goiás e segunda cidade mais populosa da região Centro-Oeste do Brasil, cuja população somente é menor do que a de Brasília, a capital federal. De acordo com informações obtidas no relatório do censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Goiânia possui 1.301.892 habitantes e a sua Região Metropolitana tem 2.172.497 habitantes.

O bairro onde a escola está localizada surgiu na década de 1960, por meio do loteamento de parte da área de uma fazenda. De topografia irregular, o terreno é semiplano em uma parte e em outra apresenta diferentes níveis de declive, visto tratar-se de encosta de morro. Mesmo essa região de encosta foi quase toda demarcada e loteada.

A escola pesquisada, cujo nome não será mencionado para preservar o sigilo, serve à comunidade do bairro onde está situada desde janeiro de 1986 e pertence à Secretaria Municipal de Educação de Goiânia. Foi ampliada e reinaugurada em 2003, e atende a alunos do Ensino Fundamental somente nos períodos matutino e vespertino.

A estrutura física dessa escola é de alvenaria, composta por 12 salas de aula, biblioteca, sala de leitura, laboratório de informática climatizado com 36

computadores, pátio coberto para recreação dos alunos, quadra de esportes coberta, cozinha e despensa. Além disso, há estacionamento para 15 veículos de passeio, banheiros para alunos e banheiros para professores, sala para os professores, além de salas destinadas à diretoria, coordenação pedagógica e secretaria.

Nossa opção pelo estudo nessa escola se justifica pela sua natureza pública e pela localização em bairro relativamente distante da parte central da cidade. Além disso, oferece o Ensino Fundamental, seguindo o modelo pedagógico dos Ciclos de Formação e de Desenvolvimento Humano. Pode-se considerar também como motivação o fato de conhecermos bem a realidade do bairro e da escola, pois a maioria dos alunos-sujeitos da pesquisa foram nossos alunos durante a passagem deles pelo Ciclo II.

Consideramos também relevante o fato de eles estarem no último ano do Ciclo III, do Ensino Fundamental, até mesmo para verificarmos como é a produção textual de alunos da escola pública municipal de Goiânia que terminam essa etapa dos estudos, uma vez que participam da avaliação da Prova Brasil¹ e do SAEB², essenciais para a formação do IDEB.³

1.3 Os ciclos de formação e de desenvolvimento humano

A proposta de organização pedagógica do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia é em ciclos de formação e de desenvolvimento humano. Essa proposta, embora seja alicerçada nos estudos cognitivos de Piaget (1994), assenta-se, também, nas reflexões de Vygotsky (2002) sobre a interação histórico-social entre os sujeitos.

¹ Criada em 2005, a *Prova Brasil* avalia as habilidades em Língua Portuguesa e Matemática de alunos do Ensino Fundamental, de 4^a e 8^a séries, exclusivamente em escolas públicas urbanas do país com mais de 20 alunos matriculados na série. As médias de desempenho são divulgadas por escola participante, município e unidade da Federação. Os resultados servem de parâmetro para direcionar as políticas governamentais para o ensino fundamental na escola pública urbana.

² O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica – SAEB, aplica testes de Língua Portuguesa e Matemática, por amostragem, em escolas públicas e privadas de todas as regiões do país. Seu objetivo não é avaliar os alunos individualmente, mas o nível de ensino das redes escolares e dos sistemas educacionais.

³ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB é formado pelos dados fornecidos pela Prova Brasil e o SAEB, acrescidos da taxa de aprovação escolar. O IDEB, por outro lado, é a principal referência de construção do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, importante para o acompanhamento do sistema educacional brasileiro ao longo do tempo.

Portanto, ao inspirar-se em Piaget (1994), a concepção da organização escolar por ciclos entende que as atividades educacionais devem levar em consideração as idades da vida e da formação humana, o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos envolvidos na aprendizagem e o tempo certo para a escola submeter os alunos a determinados conteúdos e aprendizagens.

Por outro lado, a importância dada pelo modelo de ciclos à interação entre os sujeitos é por acreditar que as relações sociais também proporcionam a construção e a reconstrução de saberes. Essa vertente interacionista é consoante com as teorias de ensino e aprendizagem de concepção histórico-cultural do desenvolvimento humano de Vygotsky (2002), para quem o pensamento e a subjetividade são construídos dentro de um processo cultural e não a partir de uma formação natural e universal da espécie humana.

Em decorrência disso, constata-se que o modelo educacional leva em consideração os ciclos cognitivos da vida humana e também considera a interação social como importante para o desenvolvimento humano. Pode-se dizer que esse método acredita que a função da escola é promover a adequada socialização dos saberes, aproveitando os conhecimentos disponíveis sobre os estágios do desenvolvimento cognitivo e também das relações histórico-sociais. Esse processo ocorre, como afirma Lima (2002, p. 18), de acordo com “às peculiaridades do desenvolvimento biológico e cultural dos indivíduos em suas diversas fases do desenvolvimento humano”.

A visão sociointeracionista é cara ao modelo pedagógico dos ciclos da vida humana, visto que prevê a participação de toda a comunidade escolar na organização do ensino por meio do planejamento e aplicação de projetos pedagógicos. Por isso considera que ocorre a consequente co-responsabilização da escola e família pelo sucesso ou fracasso do ensino. Isso está assim registrado na Proposta Político Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia (2004, p. 56): “de forma que a construção do conhecimento não evidencia o sucesso ou fracasso do aluno, mas vê a possibilidade do sucesso de todos no processo”.

As discussões para implementar o sistema de ciclos nas escolas municipais de Goiânia ocorreram nos anos de 1996 e 1997, tendo como referência a *Escola Plural* de Belo Horizonte (MG). Nesse período, foram realizados encontros pedagógicos e criados grupos de estudos com a participação de técnicos da

Secretaria Municipal de Educação e representantes das escolas para divulgação dos pressupostos teóricos.

Os primeiros estudos previam para o Ensino Fundamental de oito anos a implantação de quatro ciclos de duas fases cada. Em 1999, porém, essa proposta inicial foi reformulada e passou a contar com três ciclos de três fases cada, assim organizados e nomeados: Ciclo I ou tempo da infância, reunindo alunos com idades entre 6 e 8 anos; Ciclo II ou época da pré-adolescência, agrupando alunos com idades entre 9 e 12 anos; e Ciclo III ou fase da adolescência, recebendo alunos com idades entre 13 e 15 anos, portanto, são atendidos os jovens no início da adolescência, período em que se encontram os sujeitos da nossa pesquisa.

1.4 Os sujeitos da pesquisa

Os participantes desta pesquisa são adolescentes que têm entre 14 e 15 anos de idade e pertencem ao universo de 66 alunos matriculados na última fase do ciclo III, do turno matutino, de uma escola pública municipal de Goiânia. Esses alunos estão divididos em duas turmas a saber: a turma “A” conta com 32 estudantes, sendo 15 do sexo masculino e 17 do feminino; a turma “B” conta com 31 estudantes, sendo 18 do sexo masculino e 13 do feminino.

Embora a Lei Nº. 8.069, de 13 de julho de 1990, popularizada como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), nos artigos 60 e 61 restrinja a inserção de crianças e adolescentes em atividades laborais, alguns desses jovens ocupam postos de trabalho no mercado informal, fora do horário das aulas. Há meninas que auxiliam os familiares nos afazeres domésticos e, em alguns casos, assumem plenamente o cuidado da casa, bem como o das crianças que nela habitam, enquanto os adultos saem para os seus postos de trabalho. Outras trabalham como empregadas domésticas e também em pequenas confecções de roupas instaladas nas residências da região.

Essa atividade econômica é muito comum nos bairros adjacentes à escola pesquisada. Na verdade, essas pequenas fábricas conhecidas por “facção” fazem parte do sistema de produção de roupas populares que alimenta o movimentado comércio desse gênero em Goiânia. Elas são terceirizadas por fabricantes maiores na realização de tarefas específicas numa determinada peça de roupa. Assim, uma

mesma peça passa por diversas etapas em seu processo de fabricação, cada etapa realizada numa casa diferente de “facção”.

Esse modelo de fabrico é, em grande parte, sustentado pelo modo familiar de produção, muitas vezes informal. Assim, ao utilizarem uma enxuta estrutura predial e de equipamentos e o uso de uma logística simples, os agenciadores do negócio fazem com que o produto dessa indústria tenha preço competitivo na concorrência com produção similar de outras regiões do país e até mesmo da China.

As oportunidades informais de trabalho encontradas na região da escola investigada são menores para os meninos em comparação com as meninas. Alguns deles auxiliam os pais ou parentes em atividades domiciliares cotidianas. Há quem trabalhe nos pequenos e médios estabelecimentos comerciais da região, em oficinas de conserto de motos e veículos, nas feiras livres dos bairros próximos e em fábricas caseiras de calçados.

1.5 A coleta de dados e a definição do *corpus*

Para a composição do *corpus* de análise deste trabalho, a nossa atuação e também a da professora das turmas foram imprescindíveis na sala de aula. Por isso as condições de recepção dos textos da coletânea e as condições de produção textual foram alicerces importantes para a elaboração dos textos pelos alunos participantes da pesquisa.

O presente trabalho de pesquisa, no âmbito escolar, começou na primeira quinzena do mês de outubro de 2009 quando nos encontramos com a diretora da escola pesquisada e a professora de Língua Portuguesa das turmas analisadas. Na oportunidade, apresentamos-lhes minuciosamente o nosso projeto de observar a produção textual de alunos que chegam ao último ano do Ensino Fundamental, para investigar alguns de seus aspectos discursivos.

Depois de obtermos, por parte das duas educadoras, o consentimento e o compromisso de cooperarem com o nosso trabalho, dirigimo-nos às salas de aula das duas turmas da terceira fase do Ciclo III, onde tivemos uma conversa amistosa com os alunos. A primeira sala de aula que visitamos foi a turma “A” e em seguida, a turma “B”. Esse primeiro contato com os alunos serviu para que lhes expuséssemos de maneira detalhada a forma e os objetivos da pesquisa.

Na oportunidade, perguntamos-lhes se gostariam de se tornarem sujeitos desta pesquisa, oferecendo-nos os seus textos. A princípio, com argumentos e justificativas bem parecidas nas duas salas, somente alguns alunos se mostraram interessados em fazer parte da investigação. A maioria apresentou sinais de resistência quanto a esse propósito, por considerar a produção de textos uma tarefa de difícil realização. As principais alegações apresentadas foram relacionadas à insegurança quanto à exposição das idéias de maneira clara; a forma ideal de construção do texto e a dificuldade de adequação à norma culta da Língua.

A aceitação da nossa proposta por parte deles tornou-se mais fácil depois que os deixamos livres para produzirem os textos ou não. Acordamos também que suas produções textuais não fariam parte da avaliação escolar de rotina. Além do mais, comprometemo-nos em preservar o anonimato dos participantes não somente no relatório final da pesquisa, mas também em outros trabalhos acadêmicos que fizéssemos baseados no texto deles, informando apenas as iniciais dos seus nomes.

Depois de terminada a negociação com os alunos, procedemos à escolha do tema. Encaramos o desafio de encontrar um assunto que fosse próximo aos adolescentes e, com isso, oferecer-lhes motivação para escrever. Escolhemos os discursos da indústria da moda e também da mídia porque influenciam na forma do corpo das pessoas. Este é um tema que, naturalmente, desperta o interesse do adolescente visto que está com o corpo em formação. Além do mais, alguns dos alunos trabalham em fábricas de confecção de roupas e são familiarizados com diferentes tamanhos de vestuários.

O procedimento seguinte à escolha do tema foi a seleção dos textos e fragmentos de texto, gravuras e fotos que serviram de subsídio para a escrita dos alunos, como podem ser verificados nos apêndices de “A” a “J”. A nossa subjetividade e o interesse social do assunto foram decisivos em nossas escolhas discursivas para a indicação dos textos selecionados. O mesmo critério subjetivo pode ser estendido à escolha das fotos, das gravuras e também sobre a disposição e a ordem dos materiais na coletânea.

Pode-se considerar também como manifestação da nossa subjetividade a escolha de imagens que mostram pessoas de ambos os sexos muito magras e debilitadas, fato que pode ser relacionado ao estado de pessoas vitimadas por uma

dieta alimentar inadequada. Escolhemos essas fotos com o intuito de demonstrar que indivíduos dos dois sexos podem estar sujeitos a esse distúrbio.

Temos plena consciência de que, ao escolhermos os textos e as imagens para a composição de um enunciado a ser apresentado em sala de aula, estamos construindo efeitos de sentido. Muito embora a nossa voz não esteja explícita, a própria escolha do material representa uma atitude ideológica. Tudo isso porque, dentre as muitas possibilidades discursivas, sempre podemos optar por um ou outro discurso.

A coletânea, obviamente, aponta para a afirmação de que a força persuasiva do discurso da mídia e da moda exercem influência sobre a sociedade, determinando o modelo ideal de corpo a ser buscado. No entanto, procuramos fazer com que vozes variadas, de diferentes lugares, estivessem presentes nesse material, para que os estudantes pudessem ter noção da diversidade de discursos existentes sobre a matéria.

A produção e a coleta de textos em primeira versão foram realizadas no segundo encontro, na última semana do mês de outubro de 2009. Como são duas turmas, primeiro entramos na turma “A” e depois na turma “B”, e permanecemos 120 minutos em cada uma delas, dando-lhes o tempo de 60 minutos para que produzissem os textos. A primeira hora em cada turma foi dedicada a dirimir dúvidas sobre os objetivos da pesquisa e a reforçar o convite para que participassem dela.

Foram escritos 48 textos somente em primeira versão, assim divididos: a turma “A” com 26 textos, sendo 11 escritos pelos meninos e 15 pelas meninas. A turma “B”, com 22 textos, sendo 11 escritos pelos meninos e 11 pelas meninas.

Para que os alunos realizassem essa primeira versão do texto, montamos um caderno de quatro folhas com orientações sobre a forma do texto e as informações sobre o tema escolhido. A primeira folha traz esclarecimentos acerca dos pesquisadores e dos objetivos da pesquisa. Também constam as instruções para a estruturação do texto por parte do aluno. No caso, pede-se que o texto seja argumentativo, que tenha entre 15 e 20 linhas. Escolhemos o texto argumentativo porque a professora das turmas já havia trabalhado as características desse tipo de texto com os alunos no primeiro semestre do ano letivo de 2009.

Na sequência, a segunda folha traz cinco fragmentos de textos numerados de 1 a 5, retirados da imprensa escrita, que definem sucintamente os conceitos das

doenças alimentares bulimia e anorexia e as relacionam às práticas sociais da indústria da moda e também da mídia, com o título: “*As opiniões da mídia e da moda, quanto ao modelo ideal de corpo, influenciam as pessoas?*” (APÊNDICE D). Assim, além de oferecer esclarecimentos sobre a natureza dessas doenças, a coletânea possibilita a reflexão sobre as políticas de cuidado do corpo vigentes na sociedade, a autonomia dos sujeitos para o cuidado de si mesmo e a possível influência que a indústria da moda, e também a mídia, têm sobre as pessoas. As outras duas folhas são destinadas ao rascunho e ao registro definitivo do texto.

Nenhuma informação adicional lhes foi dada, além daquelas oferecidas pela coletânea, e nem feito qualquer esclarecimento sobre dúvidas relacionadas ao tema. Tivemos a intenção de colher este primeiro texto de forma que o aluno pudesse escrever tão somente sobre as suas impressões a partir do que lesse e visse na coleção e do seu conhecimento prévio sobre o tema. Na ocasião, todo o material resultante da produção do texto foi recolhido e os alunos não ficaram nem mesmo com os rascunhos.

A coleta da segunda versão do texto foi realizada na primeira semana do mês de novembro de 2009, para que o aluno tivesse tempo para refletir sobre o assunto. O tempo utilizado para a realização da tarefa foi de 120 minutos em cada uma das salas. Os primeiros 60 minutos serviram para que os alunos fizessem novas leituras de textos, fotografias e charges, trocassem comentários e debatessem sobre o tema, sob a nossa mediação. Os 60 minutos restantes foram dedicados exclusivamente à escrita do texto.

Para a escrita da segunda versão, os alunos não tiveram acesso aos materiais da primeira produção, quais sejam: a coletânea, o texto original escrito por eles e o rascunho. Foram-lhes entregues apenas os quatro novos textos e mostradas novas 16 fotos e charges. Essas novas informações são recortes da mídia que ampliam o conhecimento sobre o transtorno alimentar e as suas consequências para o corpo, além de oferecerem recomendações para uma alimentação saudável.

Os quatro textos adicionais apresentados para a segunda versão adquirem importância para a escrita dos estudantes, na medida em que ecoam vozes discursivas vindas de lugares diferentes. O primeiro texto, por exemplo, tem por título: “*Após depressão e transtorno alimentar, psicóloga cria grupo de apoio online*”,

(APÊNDICE F). Trata-se do depoimento de uma psicóloga que sofreu de depressão e transtorno alimentar na juventude e hoje cuida de pessoas com esses problemas. Mais do que o relato de uma experiência pessoal, a narrativa traz orientações baseadas nos estudos da psicologia.

O segundo texto da coletânea, uma matéria jornalística com o título: “*Adolescente morre de anorexia nervosa no Rio*” (APÊNDICE G), relata o período de doença e a morte de uma adolescente de 14 anos, a mesma faixa etária dos alunos sujeitos da pesquisa. O terceiro, que traz o título: “*Conhecendo melhor a bulimia e anorexia*”, (APÊNDICE H), é um texto didático, criado por uma nutricionista, e esclarece sobre essas doenças, os seus sintomas e ensina como preveni-las. O último, intitulado: “*Pirâmide alimentar: guia prático para a alimentação saudável*” (APÊNDICE I), orienta o leitor quanto às práticas alimentares, de acordo com o discurso científico.

Na mesma ocasião, trouxemos-lhes 16 novas imagens relacionadas ao tema entre fotografias e charges, conforme (APÊNDICE J). Colamos essas imagens em quatro cartolinas e as afixamos no quadro-negro. Os alunos aproximaram-se delas, observaram-nas com interesse e curiosidade. Enquanto olhavam o material exposto, houve interação entre nós e havia troca de comentários sobre suas impressões. Depois desse momento, sentamo-nos em cadeiras organizadas em círculo e mediamos uma leitura interpretativa com debate, sobre a coletânea. Terminada essa parte, eles se puseram a escrever.

Nosso objetivo com a segunda produção textual é observar como dois textos sobre o mesmo tema com nove dias de intervalo são trabalhados pelos alunos. Além do mais, verificar as possíveis mudanças discursivas ocorridas no texto do aluno, de uma produção para outra, depois das novas informações adquiridas com outras leituras. Levamos em consideração que eles puderam trocar comentários com os colegas, contaram com a mediação dos pesquisadores, além dos dias que tiveram de uma versão para a outra, para pensarem e/ou pesquisarem sobre o assunto.

O segundo texto foi escrito por 28 alunos, um número consideravelmente menor do que os 48 primeiros textos. O levantamento detalhado das quantidades das duas etapas nos revela que foram colhidos 76 originais de textos que estão arquivados como documentos, em poder do pesquisador. Este material está dividido

da seguinte forma: 22 pares de primeiro e segundo textos, produzidos por 22 alunos, e outros 26 ítems somente de primeiro texto e 06, somente de segundo texto.

Dos 48 alunos que escreveram textos para a primeira produção, apenas 22 participaram da segunda. Por outro lado, 6 alunos que não participaram do primeiro momento, escreveram seus textos por ocasião da segunda etapa. Uma explicação possível para que eles tenham deixado de participar do primeiro ou do segundo momento de produção textual, pode ter sido pelo exercício da liberdade que tiveram de fazerem parte ou não da pesquisa.

Depois que eles terminaram de escrever os textos, endereçamos-lhes uma carta formalizando o nosso pedido de cessão dos originais dos textos, bem como a explicitação das linhas éticas que assumíamos a partir da posse daquele material. Em seguida, os alunos-autores, que são menores de idade, e seus pais ou responsáveis assinaram um documento cedendo-nos os originais de suas produções textuais para que fossem submetidas a estudos linguísticos e discursivos. Estes documentos também se encontram em poder do pesquisador. (APÊNDICE C)

Na mesma ocasião contamos-lhes nossa experiência pessoal com a leitura e a escrita, que foi muito intensa no período da adolescência. Aproveitamos a oportunidade para agradecer-lhes a participação na pesquisa e exaltamos o importante papel desempenhado pela leitura e a escrita na formação do indivíduo para uma vida melhor em sociedade.

Logo no início do processo de definição do *corpus* da pesquisa, descartamos os 33 textos solitários, cujos alunos não escreveram o segundo texto. Em seguida, nos detivemos nos 22 pares de texto, buscando elementos discursivos salientes que nos apontassem eventuais caminhos para a continuidade da investigação. Depois dessa nova triagem, finalmente chegamos aos 15 pares de texto que compõem o *corpus* deste trabalho; 10 escritos por meninas e 5 por meninos. Para facilitar o trabalho de análise, fizemos a transcrição destes pares de texto conforme os anexos de “A” a “O”.

A leitura de obras teóricas relacionadas ao estudo da língua, da linguagem do texto e do discurso realizada antes, durante e depois da coleta de dados foi importante para o embasamento teórico das análises. Como resultado dessa leitura, no próximo capítulo trataremos de conceituar a língua, a linguagem, o texto e o discurso.

CAPÍTULO 2

LÍNGUA, LINGUAGEM E DISCURSO

O levantamento de contribuições teóricas acerca de concepções linguísticas e discursivas é importante para fundamentar os procedimentos de análise da nossa pesquisa. Assim, propomo-nos, neste capítulo, apresentar a trajetória de algumas dessas visões com o intuito de melhor compreendermos os movimentos discursivos encontrados nos textos investigados.

2.1 Língua e Linguagem

A consideração da Linguística como ciência é devida aos estudos de Saussure, no início do século XX, principalmente depois da publicação do *Cours de linguistique générale*, em 1916. A parte mais importante de sua inovadora pesquisa é a definição da língua como objeto de estudo da Linguística. Embora ele considere todas as manifestações da linguagem como constituintes dessa nova ciência, divide a própria linguagem em dois aspectos: a língua, entendida como essencial e abstrata, e a fala, secundária e concreta. De acordo com Saussure (1995, p. 27),

o estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; este estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação é psico-física.

Saussure compreende que a língua não pode ser confundida com o uso da linguagem humana. A linguagem é mais ampla do que a língua; comporta partes de diferentes naturezas; é complexa e diversa a ponto de pedir a análise de outras ciências; obedece a princípios do aparelho fisiológico de linguagem, do sistema nervoso central e de sonoridade.

A linguagem tem ainda como característica o fato de pertencer tanto ao domínio social quanto ao individual e, devido às dificuldades de determinação da sua unidade, é impossível conhecê-la por completo, bem como classificá-la entre os

fatos humanos. Essa opção conceitual deixa de lado as informações que podem existir nos aspectos culturais, históricos, ideológicos, exteriores à língua. Mas, a língua, segundo Saussure (1995, p. 17),

não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

A língua é, portanto, apenas um instrumento que possibilita o exercício da fala pelos indivíduos. Partilhada coletivamente, é um produto social da faculdade da linguagem e supre a necessidade de comunicação humana. É composta por um sistema estruturado de signos aceitos por uma comunidade linguística, por meio de uma espécie de contrato firmado entre os membros da sociedade.

Por trazer consigo toda experiência histórica acumulada por uma sociedade durante sua existência, a língua, portanto, pertence a todos os membros da coletividade. Ela existe no corpo social sob a forma de sinais igualmente depositados em cada cérebro, mas não está completa em ninguém. É somente no conjunto de falantes que ela existe de maneira plena. Cada indivíduo não pode, por si só, nem modificá-la nem criá-la inteiramente.

Se, de um lado, a língua é de natureza homogênea e estável, a sua representação se dá em termos de relações de oposição entre os seus elementos e de regras de combinação. Por outro lado, a fala, é definida pelo linguísta genebrino como a realização particular da língua pelo indivíduo. Para que ela exista, depende da vontade, inteligência e condições psico-físicas do falante. Para Saussure (1995, p. 28), a fala “é a soma do que as pessoas dizem, e compreendem: a) combinações individuais, dependentes da vontade dos que falam; b) atos de fonação igualmente voluntários, necessários para a execução dessas combinações”. E para a fala como realização concreta, Saussure não dedicou estudos específicos.

2.2 A língua como lugar de interação social

Em 1929, com a primeira publicação de *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin (1997) já comenta o conceito de língua concebido por Saussure. Porém, suas concepções se tornaram conhecidas no Ocidente somente depois de quarenta anos. Percebemos pelos comentários que há uma coincidência conceitual quando ambos afirmam que a língua é um fato social e tem origem nas necessidades comunicativas humanas. No entanto, a linguística saussuriana, ao eleger a língua como objeto de estudo, dedica-se mais às relações estruturais do que às sociais. Nesse ponto divergem pois Bakhtin valoriza mais as relações sociais, em especial a interação, visto que para ele a palavra é o único objeto real e material de que dispomos para entender a linguagem humana.

Para Bakhtin (1997), a língua é concebida como *lugar de interação*. Em sua definição, o filósofo destaca o *caráter ativo* dos sujeitos no processo sociointeracional. Isso porque são produzidas e reproduzidas situações que constituem o ambiente social em que são construídos, e atuam na construção de outros. Então, pode-se dizer que não há interação sem a participação do "outro", pois se trata de um jogo que não se joga sozinho. Corroborando essa visão bakhtiniana, Sobral (2005, p. 22) pontua que "só me torno eu entre outros eus. Mas o sujeito, ainda que se defina a partir do outro, ao mesmo tempo o define, é o 'outro' do outro: eis o não acabamento constitutivo do ser, tão rico de ressonâncias filosóficas, discursivas e outras".

De acordo com Bakhtin (1997) a língua é dinâmica, vista como processo de interação, em que os sujeitos têm liberdade de dar direção aos seus discursos. Por essa concepção, o falante toma a iniciativa de agir e interagir com quem ele fala. Nesse aspecto, a língua deixa de ser direcionada e uniforme para assumir uma dimensão mais ampla, justamente por fazer parte de um contexto sócio-cultural e ideológico. Bakhtin (1997, p. 112) afirma que,

na verdade, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada, eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar.

Quando a reflexão centrada na materialidade da língua não deixa de ser importante, mas não atende à necessidade de compreensão da fala em sociedade. Bakhtin (1997) entende que o estudo do exercício da enunciação em sociedade é a única maneira que temos de conhecer a linguagem humana. Para ele, em se tratando de linguagem e não de língua, a unidade básica de observação não deve ser o signo, mas o enunciado. Para Bakhtin (1997, p. 261) “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”.

Por um lado, Saussure (1995, p. 28) entende que um signo linguístico é a relação entre um significante e um significado, ou seja, um signo tem sempre o seu significado. Bakhtin (1997), por outro lado, amplia essa posição, afirmando que um signo não tem um significado estabelecido rigidamente, mas pode receber diversas significações, em conformidade com a localização social e histórica dos usuários da língua, de acordo com o momento de enunciação.

Conforme Bakhtin (1997), no interior da língua operam duas forças: uma centrípeta e outra centrífuga. A primeira atua em direção ao centro da própria língua, no sentido de promover a sua conservação, isolamento em relação ao exterior, homogeneização e preservação. A segunda age no sentido inverso, oportunizando o múltiplo, o heterogêneo e a mudança. Dessa forma, é possível distinguir, a partir da análise feita dos discursos circulantes na sociedade, essas tendências em movimento dialógico.

Desse modo, vemos que a fala é compreendida como geradora das transformações linguísticas ocorridas na sociedade sendo a linguagem comparada a uma arena. Nessa arena, ocorrem as contradições, os confrontos, os conflitos que evidenciam valores sociais porque os sujeitos fazem suas escolhas de forma e sentido segundo sua ideologia específica em determinado tempo e espaço histórico.

Ao voltar nosso olhar para nosso *corpus* de textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental, entendemos a língua na perspectiva da interação. Desse modo, os sujeitos-alunos são constituídos na sua relação com o “outro”: familiares, colegas, professores, além de todos com os quais se deparam nos textos e na mídia. Não são indivíduos isolados, mas constroem-se como sujeitos a partir do olhar do outro, assim como colaboram para constituir cada um de seus

interlocutores. Dessa forma, seus dizeres nas redações apresentam suas perspectivas ideológicas do cotidiano.

Passamos a seguir a debater a concepção de diálogo em Bakhtin.

2.2.1 Dialogismo

O diálogo pode ser visto a partir de duas perspectivas: a pequena temporalidade, que é o diálogo realizado num contexto específico ou determinado; e a grande temporalidade, em que os limites contextuais do diálogo não são conhecidos, visto que estão num passado e futuro ilimitados. Trata-se, portanto, do diálogo inacabado, visto que está em permanente construção. O diálogo traz também em si a multiplicidade de sentidos e mesmo que no percurso histórico sejam esquecidos, podem ser reiterados em enunciados futuros, em uma atitude responsiva ativa. Segundo Bakhtin (1997, p. 128)

qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política etc.). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado.

O sujeito vive num mundo dialógico em que a voz de cada um é composta por múltiplas vozes. É a partir do olhar do outro que o indivíduo se comunica com o próprio interior. Além do mais, tudo que lhe chega à consciência acerca de si mesmo vem por meio da palavra e das impressões valorativas do outro. E é essa atividade dinâmica entre o “eu” e o “outro”, no território da interação linguística, que se define o ser humano. Conforme Barros (2005, p. 28), “a alteridade define o ser humano, pois o *outro* é imprescindível para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro” (grifos no original).

O dialogismo bakhtiniano pode ser entendido como um evento social que reúne sujeitos em cooperação, podendo esses se situarem próximos ou distantes (no espaço e no tempo) mas dialogam permanentemente. Então, quando o indivíduo enuncia aparecem em seu discurso, além das vozes dos outros discursos precedentes, os elos que fazem parte desse encadeamento. Conforme Dahlet (2005, p. 57) explica:

quando falamos, não estamos agindo sós. Todo locutor deve incluir em seu projeto de ação uma previsão possível de seu interlocutor e adaptar constantemente seus meios às reações percebidas do outro. Como decorrência mesmo dessa reciprocidade, toda ação verbal toma a forma socialmente essencial de uma interação.

É necessário explicar que o dialogismo não pode ser visto somente como a interação face a face, que é uma forma de composição comum nas relações dialógicas e presentes em qualquer enunciado de comunicação. Também não se deve supor que haja só dois dialogismos, ou seja, aquele que ocorre entre interlocutores e entre discursos. O dialogismo acontece também entre enunciados. Nesse sentido, Fiorin (2008, p. 32) afirma que "não se pode dizer que haja dois tipos de dialogismo: entre enunciados e entre o locutor e seu interlocutor. Na verdade, o interlocutor é sempre uma resposta a um enunciado e, por isso, todo dialogismo são relações entre enunciados".

Todo enunciado traz embutido em si marcas do dialogismo que aparece no momento da enunciação e fora dele, visto que a linguagem, dentro de um determinado contexto de produção, apresenta caráter sócio-histórico e ideológico. Portanto, o dialogismo entre enunciados e enunciadorez produz um dizer correspondente a uma resposta dada a um dizer precedente. Bakhtin (2003, p. 271) argumenta:

o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante.

Essas inter-relações de mão-dupla junto ao discurso produzem uma contra-força ou um outro discurso. É a ação da palavra e da contra-palavra porque o indivíduo pode resistir, rebelar-se, não aceitando essa formação. Então, os discursos vivem em infindáveis embates até que um prevaleça por algum tempo sobre o outro. Mesmo vencido, não é de todo extinto, mas fica em estado de latência esperando o momento de um novo atrito para que possa voltar a ser discurso dominante.

Portanto, é na interação com o outro e com o mundo imediato que o sujeito se constitui e constitui sua história individual e coletiva. Disso resulta a maneira de

pensar a prática de vida, as crenças, as atitudes e o reconhecimento do lugar que ocupa no tecido social.

Assim, discursivamente é constituído, influenciado pelas vozes dos outros indivíduos com os quais se relaciona. É equivocado pensar que se é solitário, tendo em vista que até o íntimo da pessoa é formado com o auxílio do outro nessa força dialógica. Bakhtin (2003, p. 294) assevera que

a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de assimilação – mais ou menos criador – das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de uma grande vária alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos.

Se o discurso se constrói pelo aproveitamento da palavra do outro, os alunos pesquisados apropriam-se dos dizeres que já conhecem, mas também fazem nova seleção de valores nos textos e fotos das duas coletâneas. Com isso assimilam tons valorativos vários acerca do poder da mídia na constituição dos corpos. Estabelecem um diálogo entre as diferentes concepções de que dispõem e outras que vão descobrindo na interação com colegas e com textos.

Ao propor em nossa pesquisa a produção de dois textos sobre a mesma temática, temos o objetivo de verificar as diferenças inseridas pelos alunos a partir de novos diálogos que podem desenvolver entre um texto e outro.

A palavra não é ideologicamente neutra porque é carregada de sentidos e comporta, em seu interior, muitas vozes. Por isso, as vozes têm poder de operar qualquer mudança social, visto que é justamente na *interação verbal* que a ideologia se materializa. Então, a adesão a ideias políticas ou religiosas, por exemplo, chega à sociedade por meio da palavra influenciando a língua e a ideologia. Ao fazer uma síntese da definição bakhtiniana de palavra nessa perspectiva, Stella (2005, p. 178) afirma que

a palavra é um produto ideológico vivo, funcionando em qualquer situação social (leia-se aqui ideológica), tornando-se *signo ideológico* porque acumula as entoações do diálogo vivo dos interlocutores com os valores sociais, concentrando em seu bojo as lentas modificações ocorridas na base da sociedade e, ao mesmo tempo, pressionando uma mudança nas estruturas sociais estabelecidas.

A palavra, portanto, é que registra as mais sutis variações das relações sociais e da vida cotidiana, contribuindo para formar e renovar as ideologias que estão em evidência.

2.2.2 Ideologia

É por meio das palavras que os sujeitos entram em contato com o mundo ideológico. Assim, a palavra do outro não possui a finalidade apenas de transmitir idéias, informações e regras, mas atua também na constituição ideológica do indivíduo. Bakhtin (1997, p. 95) afirma que,

não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

As palavras dos sujeitos, de acordo com Bakhtin (2003) podem ser de duas naturezas: a palavra autoritária ou a palavra persuasiva. A construção da consciência ideológica do indivíduo, portanto, ocorre por meio das interações dialógicas entre a palavra autoritária e a palavra internamente persuasiva. É a proeminência de uma sobre a outra que determina a influência a ser exercida pela palavra do outro sobre a palavra do indivíduo.

Entende-se por palavra autoritária aquela com a qual os sujeitos se relacionam de maneira absoluta. Essa modalidade de palavra é de natureza impositiva. Embora não queira ser contestada pela palavra do outro, sabe que não pode contar com o pronto reconhecimento e assimilação por parte do sujeito. Fazem parte da esfera de uso da palavra autoritária o discurso religioso, o político, o governamental, o ambiental e outros como os que temos na coletânea oferecida aos sujeitos pesquisados.

A palavra persuasiva, por sua vez, é de natureza ativa e responsiva visto que o processo de assimilação pode se estabelecer pelo entrelaçamento das palavras do ouvinte com as do locutor. Assim, à medida que as palavras são compreendidas pelo ouvinte, esse emite palavras novas em forma de resposta. Essa dinâmica dialógica possibilita ao ouvinte ter um posicionamento ideológico.

Com isso, compreendemos que os enunciados dos alunos na produção do texto solicitado trazem consigo as possibilidades de interação e de conflito entre as próprias palavras e as palavras do outro. Do encontro entre essas duas categorias de palavras, surgem os questionamentos e as transformações. Os alunos ao cotejarem os dizeres da coletânea e o que já sabem, passam a questionar o funcionamento discursivo.

Toda e qualquer palavra é dirigida a alguém e só terá sentido completo se houver compreensão. Uma possibilidade de que houve compreensão é a contra-palavra, ou seja, réplica ao que foi dito. Dessa forma, é estabelecido o caráter dialógico da linguagem quando a palavra do outro é levada a um novo contexto, ganhando sempre um novo significado pela mudança de tom ou de alteração, proposital ou não, do que foi dito. Na sua realização, a palavra em processo de diálogo surge sob a forma de enunciado numa ação que é denominada de enunciação.

2.2.3 Enunciado e enunciação

Enunciados são elementos linguísticos dinâmicos que emergem dentro de uma interação social real e concreta e se constituem em unidade básica para se analisar o discurso. Portanto, podemos considerar o enunciado como sendo uma ideia completa que apresenta seus limites na alternância comunicativa dos sujeitos. O sujeito do discurso, ao mesmo tempo em que escuta e compreende o emissor, é capaz de concordar, discordar e responder em uma atitude responsiva ativa. Assim, conforme Bakhtin, (2003, p. 294)

todo enunciado - desde a breve réplica (monolexemática) até o romance ou o tratado científico - comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão).

A enunciação, por sua vez, está ligada ao evento ou acontecimento em si. Este é o que pode ser chamado, neste momento, de enunciação; o instante exato das escolhas discursivas. A enunciação não se repete e quando o faz, ocorre em outras circunstâncias igualmente diferentes. Quando o sujeito fala de novo os mesmos dizeres temos uma nova enunciação. Um filme inteiro é um enunciado, mas

quantas vezes assistido pela mesma pessoa é uma quantidade de novas enunciações. Da mesma forma, a releitura de um livro é percebida de modo diferente.

O tamanho do enunciado é relativo e pode ser um texto com uma ou muitas palavras, uma frase ou mesmo um romance. O importante é que independentemente do tamanho, é sempre novo naquela situação e naquele momento; jamais se repete e é construído no instante da interação.

Dessa forma, uma conversa entre duas pessoas são enunciados sendo produzidos. Cada qual tem a sua fala, o seu enunciado. Até mesmo as pausas estão dentro do enunciado, mas entre frases não há pausas. De acordo com Bakhtin (2003, p. 275), “os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos no discurso, ou seja, pela alternância dos falantes”.

O enunciado como unidade do discurso e da comunicação existe dentro da situação vivida e é carregado de sentido. Já o enunciado como unidade da língua está restrito à frase ou à oração e não tem compromisso com o sentido, podendo ser colhido em qualquer lugar: em um livro, jornal, carta e em um texto escolar. Da mesma maneira, pode ser entendida a relação da entonação com o enunciado, que ao mudar a expressividade, pode mudar também o gênero⁴.

Na verdade, a enunciação do aluno pesquisador ao produzir textos é a ação de uma réplica ao diálogo social e unidade da base da língua, podendo ser diálogo interior, quando o sujeito compreende e guarda a resposta para si, ou exterior, quando ele expressa ou não a resposta.

Para Bakhtin (2003), a enunciação é por natureza ideológica, portanto social e não existe separada de um contexto, pois cada indivíduo tem um olhar diferente desse mesmo contexto. Sem interlocutor não há enunciação, mesmo que essa interlocução se dê no interior do próprio locutor. Acontece que, quando o locutor se expressa, o faz tendo em mente que o público social a quem se dirige é bem delineado. Segundo Marchezan (2006, p. 117),

⁴ De acordo com Bakhtin (2003, p. 282) “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos). Em termos práticos, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas em termos teóricos podemos desconhecer inteiramente a sua existência.”

O enunciado de um sujeito apresenta-se de maneira acabada permitindo/provocando, como resposta, o enunciado do outro; a réplica, no entanto, é apenas relativamente acabada, parte que é de uma temporalidade mais extensa, de um diálogo social mais amplo e dinâmico.

Por mais simples que sejam as palavras utilizadas pelas pessoas, e em nosso caso, pelos alunos, elas lhes chegam materializadas e cheias de sentidos os mais diversos, que não se sabe como e quando surgiram e, no entanto, significam alguma coisa. Falando sobre a interpretação, Orlandi (2006, p. 102) salienta que "os sentidos são, pois, partes de um processo. Realizam-se num contexto, mas não se limitam a ele. Têm historicidade, têm um passado e se projetam num futuro".

Se entendemos que o aluno investigado se insere numa perspectiva histórica da atualidade com os conflitos próprios do início do Século XXI, é exatamente na materialidade dos dizeres com os quais dialoga que vai buscar seus valores. Portanto, é por isso que um texto qualquer pode ter interpretações variadas, mas não qualquer interpretação, desde que se parta da "materialidade" nele contida. E desde que haja respeito aos limites impostos pela textualidade e pelo discurso, além de depender do nível de contextualização e conhecimento enciclopédico do leitor.

O sentido, por sua vez, não está na palavra em si, mas no contexto da comunicação, na forma como se dá a entonação, na manifestação da expressividade. E isso quase sempre é criado no mesmo ato da situação comunicativa. Assim, ao escolher a palavra, o sujeito-aluno, ao mesmo tempo, que agrega sentido a ela no contexto, revela a posição ideológica que tem sobre os acontecimentos.

Os estudos discursivos de Michel Pêcheux trouxeram uma nova compreensão sobre a linguagem e seus constituintes, abrindo caminho para outras investigações. Esse novo olhar, porém, não é uniforme visto que o próprio objeto, o discurso, não é estável.

2.3 Michel Pêcheux e a Análise de Discurso

Ao pesquisar a linguagem na década de 1960 em busca de seu objeto de estudo, o discurso, Michel Pêcheux (1990) encontra diferentes posturas nos entremeios das disciplinas por ele estudadas como: o marxismo, a linguística e a

psicanálise. Nesses espaços, não se conforma com as certezas encontradas e nem com a comodidade dos lugares já-feitos. Suas inquietações conceituais contribuem para o surgimento de novas possibilidades de leitura. Dessa forma, num constante processo de construção e desconstrução de seu objeto, as bases teóricas da Análise de Discurso foram levantadas.

A configuração do campo disciplinar da Análise de Discurso se dá em três fases: Análise do Discurso 1 (AD-1); Análise do Discurso 2 (AD-2) e Análise do Discurso 3 (AD-3), refletindo as revisões e as reelaborações conceituais do corpo teórico e metodológico dessa disciplina. O próprio Michel Pêcheux (1990) descreve essas três fases da AD.

A primeira fase envolve a noção de *maquinaria discursiva*. Conforme essa perspectiva, os discursos são fechados em si e resultantes de condições de produção estáveis e homogêneas. Além do mais, a produção desses discursos acontece em campos e momentos determinados. Já o sujeito do discurso é considerado assujeitado pela ideologia política, mesmo alimentando a ilusão de ser a fonte do dizer.

A segunda fase corresponde ao tempo do encontro de Pêcheux com a noção de *formação discursiva* elaborada por Foucault (2005) no livro “A arqueologia do Saber”, publicado originalmente em 1969, cujo objetivo era analisar as condições de produção dos saberes na cultura ocidental. De acordo com essa concepção foucaultiana, as formações discursivas (FD) se constituem também a partir das suas relações com outras FDs. Dessa forma, Foucault (2005) afirma que uma formação discursiva pode ser constituída por elementos discursivos que não estejam dentro dela, ou seja, vindos de fora.

Esse novo enfoque desafia a idéia de maquinaria estrutural fechada apresentada anteriormente por Pêcheux e promove inquietações conceituais no seio da Análise de Discurso. Em vista disso, Pêcheux (1997) passa a admitir a pertinência dos elementos discursivos vindos de outros lugares para a construção da formação discursiva e também compreende que o discurso é heterogêneo.

A terceira fase, de acordo com Gregolin (2004) estebelece-se pela desconstrução da noção de maquinaria discursiva de estrutura fechada, provocada pelo reconhecimento de outros primados teóricos. Dentre esses novos enfoques,

estão a consideração de que a sintaxe não é neutra; há reflexões sobre enunciação e discussões sobre o *discurso-outro* levadas pelo estudo da heterogeneidade.

Assim, o sentido está sempre em movimento e é produzido dentro de um ambiente histórico-social. Embora pareça transparente, na verdade constitui-se em um efeito de sentido que oferece a ilusão de o enunciado dizer o que realmente pretende. O sentido de uma palavra, expressão ou proposição, então, não está diretamente relacionado à sua literalidade e nem existe em si mesmo. Depende das posições ideológicas encontradas no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões ou proposições são produzidas ou reproduzidas.

De acordo com Pêcheux (1997), o sentido não é completo em nenhum enunciado porque ele nunca é dado no discurso. Não existe, portanto, como produto acabado, visto que um texto pode ter muitos sentidos. Como se trata da linguagem em funcionamento, como a ação de produzir textos, o que há é o efeito de sentido motivado pelos valores ideológicos. Assim, tem-se a interpretação ilusória de que um determinado enunciado queira dizer o que aparentemente diz. Conforme Pêcheux (1997, p.160),

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe 'em si mesmo' (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas ao contrário, é determinada pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo que as palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência as posições ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

Pode-se afirmar, nesse caso, que os sentidos são conduzidos pela ideologia porque mudam de acordo com a formação ideológica de quem o produz ou reproduz e também de quem o interpreta. A ideologia, por sua vez, é parte constitutiva da prática discursiva. Como elemento dominante, está presente no interior do discurso, ao mesmo tempo em que se deixa refletir na exterioridade. É a ideologia que permite a identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina.

2.3.1 A noção de condições de produção em análise de discurso

A noção de “condições de produção” se refere ao contexto ou às circunstâncias históricas que permitem a um determinado discurso, e não a outro, vir

à tona. Dessa forma, um discurso não pode ser analisado como um texto, visto que ele não é uma letra morta. O discurso é considerado como fruto de situações concretas acontecidas num período histórico, inserido em jogos de interesses que o fizeram aflorar, como afirma Orlandi (2006, p. 15),

as condições de produção incluem pois os sujeitos e a situação. A situação, por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em sentido lato. Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico, ideológico mais amplo. Se separamos contexto imediato e contexto em sentido amplo é para fins de explicação, na prática não podemos dissociar um do outro.

A noção de pré-construído em Pêcheux (1997), que no contexto discursivo se refere aos elementos que “já estavam lá” no momento da formação do discurso, seria uma analogia com a dicotomia língua/fala de Saussure (1995) que sustenta as condições de possibilidade de uso da linguagem, antes mesmo de o sujeito enunciar. Assim, a noção de pré-concebido serve de sustentação linguística para o desenvolvimento da idéia de interdiscurso.

De acordo com a visão da AD-1, o indivíduo não é livre para fazer as escolhas da sua fala, mas depois na AD-3 vemos que o seu dizer sempre é afetado pelo interdiscurso onde estão alojados os sentidos que foram se constituindo historicamente a partir das relações discursivas. Esses sentidos podem ser assumidos ou não pelo sujeito, dependendo das posições discursivas ocupadas ou em relação à ideologia.

Ao voltar nossa visão para cada aluno pesquisado produzindo textos, vemos que como sujeito-enunciador vai agenciar posições discursivas a partir da valoração dos aspectos em debate. Tudo isso se dá dentro de certas condições específicas de produção. São alunos do último ano do Ensino Fundamental, freqüentam uma escola pública, leem revistas, viajam pela internet, conversam com pessoas diversas e estão sujeitos ao interdiscurso.

Naquele instante de produção, estão numa sala de aula de língua portuguesa, diante de dois professores-mediadores que lhe solicitam um texto argumentativo sobre problemas alimentares ocasionados por pressões da mídia e da moda. Se o aluno vai ao interdiscurso tomar valores sobre o tema dado, os textos produzidos carregam vertentes heterogêneas.

2.3.2 A heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada

Authier-Revuz (1990), apoiando-se em teorias do discurso, da linguística e da psicanálise sobre o sujeito, interligando ao conceito de dialogismo de Bakhtin (2003), desenvolve estudos em que a noção de heterogeneidade enunciativa é apresentada como: a constitutiva e a mostrada.

Cada sujeito tem uma heterogeneidade constitutiva, que não aparece na superfície do discurso, é constituída, inexoravelmente, pela presença do outro, pelo dialogismo. Então, diz respeito aos atravessamentos que os discursos e os sujeitos, em nosso caso os alunos, podem sofrer no ambiente social. Dela depende a existência dos discursos e dos sujeitos. Assim, nessa relação dialógica, os enunciadores são constituídos e constituem o outro. Segundo Authier-Revuz (1990, p. 26-27), “nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’”, ou seja, as palavras de cada um de nós são sempre as palavras dos outros.

A heterogeneidade mostrada revela uma presença evidente de outras vozes e de outros discursos na superfície do texto do sujeito enunciador. Dessa forma, pode-se dizer que se refere à materialização linguística da voz do outro no discurso do sujeito, como veremos em alguns textos dos sujeitos pesquisados.

Ao analisar essas formas de heterogeneidade mostrada que evidenciam a presença do outro, quais sejam: o discurso relatado direto e o discurso relatado indireto; as formas de conotação autonímica; o discurso indireto livre, a ironia, e a imitação. Authier-Revuz (1990) defende que, através dessas marcas, *designando o outro localizadamente*, o sujeito empenha-se em *fortalecer o estatuto do um*. É nesse sentido que a heterogeneidade mostrada pode ser considerada como um modo de denegação no discurso da heterogeneidade constitutiva que depende *do outro no um*.

Os gestos de interpretação produzem a ilusão de que o enunciado quer dizer o que realmente diz. Mas um mesmo enunciado pode ter diferentes sentidos conforme a formação discursiva em que é (re)produzido. Nesse sentido, de acordo com Pêcheux (1997), o discurso nada mais é do que efeito de sentido construído

entre interlocutores, dentro de certas condições de produção como o caso dos alunos pesquisados, uma sala de aula.

As condições de produção constituem a exterioridade linguística. Essas condições podem ser no sentido estrito (quando dizem respeito às circunstâncias de enunciação) ou, em sentido amplo, (referindo-se ao contexto sócio-histórico-ideológico dos sujeitos). Porém, as condições de produção que interessam à Análise de Discurso são aquelas relacionadas ao contexto sócio-histórico-ideológico dos discursos, aliados às circunstâncias imediatas da enunciação.

Por ocasião da enunciação dos sujeitos, os processos discursivos fazem uso do que existe na memória coletiva a respeito das características da linguagem de um determinado momento histórico. Assim, segundo Achard (1999, p. 16),

a memória não restitui frases escutadas no passado, mas julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstruído pelas operações de paráfrase. Estas operações deslocam o que é provável historicamente, porque a operação de retomada se localiza nesse nível.

Os sentidos das palavras no discurso não são fixos. Eles são produzidos de acordo com os lugares ocupados pelos sujeitos discursivos. Dessa forma, uma mesma palavra pode ter sentidos diferentes conforme o lugar ideológico e social ocupado por quem enuncia. De acordo com Pêcheux (1997, p. 190),

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas.

A partir da exposição acerca dos sentidos e seus efeitos, passamos à discussão sobre o sujeito.

2.3.3 O sujeito do discurso

O lugar histórico-social de encontro dos sujeitos enunciadorees compreende o contexto e a situação que determinam as condições de produção do discurso. Esse lugar não é uma realidade física, mas um objeto histórico, ideológico e imaginário. Trata-se, de acordo com Orlandi (2005, p. 32),

de alguma coisa mais forte – que vem pela história, que não pede licença, que vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros

dizeres, em muitas outras vozes no jogo da língua, que vai se historicizando [...] marcada pela ideologia e pelas posições relativas ao poder.

O sujeito do discurso não é um “eu” individualizado, deve sua existência a um espaço socioideológico circunscrito em um dado momento histórico e não em outro como o caso do aluno que produz textos para a pesquisa. Esse sujeito revela o seu lugar social por intermédio da sua voz. Isso porque expressa um conjunto de outras vozes integrantes desse lugar sócio-histórico. Portanto, é importante diferenciar o sujeito da linguagem (falante) e o sujeito do discurso (falando). De acordo com Fernandes, E. (2007, p. 35):

sujeito falante trata-se do sujeito empírico, individualizado, que, dada a sua natureza psicológica, tem a capacidade para aquisição de língua e a utiliza em conformidade com o contexto sociocultural no qual tem existência. O sujeito falando (...) refere-se a um sujeito inserido em uma conjuntura sócio-histórica-ideológica cuja voz é constituída de um conjunto de vozes sociais.

O sujeito discursivo não deve ser entendido como um indivíduo de existência momentânea e particularizada. Antes, deve ser compreendido como histórico, social e descentrado. Dessa forma, o aluno colaborador da pesquisa é um sujeito histórico, porque está inserido nos acontecimentos do mundo em que vive. O aluno é também um sujeito social, porque não se trata de uma pessoa individualizada, mas de alguém que em decorrência da interação empreendida na sociedade e na sala de aula, é por elas apreendida. Como sujeito descentrado, o aluno é dividido pelo inconsciente e pela ideologia. Assim, Orlandi (2005, p. 20) explica que qualquer “sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam.”

A interação social do sujeito traz consigo a possibilidade da existência de múltiplas influências discursivas. Por isso, a heterogeneidade do sujeito-aluno faz com que ele não ocupe uma posição de proeminência na formação do discurso; que sua identidade não seja estática e muito menos a fonte do que diz porque na sua fala, há a fala de outros. Assim, discutindo sobre o sujeito, Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 458) afirmam que “ele é polifônico, uma vez que é portador de várias vozes enunciativas. Ele é dividido, pois carrega consigo vários tipos de saberes, dos quais uns são conscientes, outros são não-conscientes, outros ainda inconscientes.”

Dentro de um texto, um sujeito como o aluno pode assumir vários papéis, falando de lugares diferentes. Muito embora o sujeito seja caracterizado pela incompletude, vai se tornando mais completo de acordo com a posição enunciativa assumida porque fala com a propriedade de quem ocupa aquele lugar. Assim, na perspectiva da AD, o espaço ou lugar de representação social de onde se fala, é que determina o sujeito. Acerca disso, Foucault (2005, p. 139) assegura que “não importa quem fala, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar”.

2.3.4 O interdiscurso

O interdiscurso faz parte do processo de formação do discurso e pode ser entendido como aquilo que é dizível, pelo fato de estar disponível ao sujeito enunciador, embora lhe seja exterior. No interior do interdiscurso, enunciações diferentes e dispersas se encontram e formam uma memória, uma espécie de passado discursivo. De acordo com Pêcheux (1999, p. 50), “memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador.” Assim, na produção dos textos o sujeito-aluno lança seu olhar às perspectivas várias que carrega em sua memória mítica e social de modo a selecionar suas formações discursivas.

O interdiscurso funciona como uma espécie de entremeio, onde as relações de poder, motivadas por interesses diversos, se alojam. Segundo Maldidier (2003, p. 50), “o interdiscurso designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em função de relações de dominação, subordinação, contradição”.

A compreensão a respeito das vozes sociais presentes na voz do sujeito discursivo ajuda-nos a entender a constituição do próprio sujeito. Dessa forma, no papel de pesquisador, vamos tentar compreender melhor as vozes enunciadas pelo aluno nos textos. Entendemos que o sujeito não é homogêneo, visto que seu discurso é constituído por diferentes discursos vindos de outros lugares.

Essa multiplicidade de vozes é denominada pela Análise de Discurso, polifonia. A noção de polifonia foi desenvolvida por Bakhtin (2003) a partir de estudos sobre o romance de Dostoiévski e, nessa pesquisa, buscou compreender a

importância dos discursos para a estruturação do romance e analisar a constituição das diferentes vozes presentes em uma obra literária.

Não se pode confundir interdiscurso que é o conjunto universal de formações discursivas com memória discursiva. O conceito de memória discursiva não diz respeito a lembranças individuais do passado, mas a uma memória constituída coletivamente. Assim, os discursos expressam uma memória coletiva presente nos sujeitos que compartilham os mesmos aspectos socioculturais e ideológicos.

É na trama do texto que os sentidos e os discursos aparecem. Portanto, saber produzir e entender textos constituem-se em habilidades imprescindíveis para a compreensão das relações discursivas e de significado existentes na sociedade.

Para a compreensão de uma leitura, é necessário que as informações implícitas sejam levantadas junto à memória discursiva. Dessa forma, a memória discursiva é um saber que nos remete a algo *já dito* em outro lugar, mas que, mesmo assim, continua estabelecendo relações discursivas e fazendo, portanto, com que as palavras agora *ditas* tenham sentido.

Segundo Pêcheux (1999), uma importante característica da memória discursiva é a sua constituição pelo esquecimento. Embora os enunciados nela presentes já tenham sido feitos e esquecidos, ainda portam sentidos dos lugares por onde passaram e, mesmo assim, continuam constituindo os dizeres, pois reaparecem de forma nova a cada novo discurso, não ficando descartada a possibilidade de que sejam rejeitados em contextos discursivos futuros. É por isso que os sujeitos não controlam os sentidos neles formados.

Na parte discursiva, observamos os movimentos discursivos que aparecem nos enunciados dos alunos, bem como as relações dialógicas existentes entre as versões textuais dos autores. Verificamos também o dialogismo existente tanto entre as versões de um mesmo estudante quanto entre as versões dos alunos e os textos que compõem a coletânea. Além do mais, atentamos para a heterogeneidade de vozes que aparecem nos enunciados.

2.4 A concepção de formação discursiva em Pêcheux e Foucault

A Formação Discursiva, doravante FD, é o lugar por excelência de constituição do sentido. Em virtude das características múltiplas do enunciado, o

sentido que dele emerge não é transparente, mas pode ser compreendido como um efeito de sentido. Isso porque no interior de uma FD encontram-se enunciados que existem hoje ou que existiram em outros momentos históricos e em diferentes lugares sociais. Assim, sob novas condições de produção, os enunciados remodelam-se, possibilitam outros efeitos de sentido e passam a integrar certas FD.

Os efeitos de sentido congregam um conjunto de dizeres inscritos no processo sócio-histórico-discursivo. Por isso quando o sujeito produz sentidos, afetados por representações imaginárias, a partir de seu lugar social; busca um feixe de possibilidades enunciativas, atravessadas pelos valores sociais que existem dispersamente em nosso meio. Esse feixe de possibilidades são as FD.

Ao trazer o conceito de FD para a Análise de Discurso, Pêcheux (1997) o reformula de acordo com a perspectiva marxista da luta de classes. A noção de FD então é ressignificada passando à condição de componente das formações ideológicas, doravante FI. As formações ideológicas são a forma como os sujeitos da enunciação compreendem seu próprio papel e o dos outros no discurso. A partir daí, a FD é entendida como a regulação do que pode ser dito a partir de uma posição dada em uma determinada conjuntura.

Desse modo, as FDs carregam os controles exercidos pelos valores ideológicos e torna possível a noção de sujeito interpelado pela ideologia. A condição de sujeito inserido na história faz com que, ao enunciar, fale a partir de uma determinada formação discursiva. Assim, é necessário considerar que os sujeitos passam a se referir às mesmas coisas de modo diferente, portanto, heterogeneamente. Dessa forma, a ideologia é um aspecto determinante para a noção de FD.

Já a noção de FD em Foucault (1995) é, em alguns aspectos, diferente da visão proposta por Pêcheux (1997). Foucault se distancia das questões marxistas de luta de classes e ideologia e procura fazer suas análises em termos de valores como saberes e poderes. Busca fundamentar seus estudos sobre a descontinuidade e dispersão dos sentidos nos discursos, as regularidades discursivas e as relações entre enunciados. Interpretando a visão foucaultiana, Gregolin (2004, p. 90) entende que,

sendo o enunciado dialeticamente constituído pela singularidade e pela repetição, a sua análise deve, necessariamente, levar em conta a dispersão

e a regularidade dos sentidos que se produzem pelo fato de terem sido realizados. Por isso, descrever um conjunto de enunciados no que ele tem de singular, paradoxalmente, é descrever a dispersão desses sentidos, detectando uma regularidade, uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações, posições, funcionamentos, transformações...

A visão foucaultiana de unidade discursiva baseia-se na materialidade histórica e constitui-se na dispersão dos acontecimentos. Assim, é perfeitamente possível encontrar fios discursivos que atravessam uma sucessão de acontecimentos dispersos, unindo-os a uma mesma orientação organizacional. Mesmo assim, essa unidade discursiva, composta por elementos dispersos, não pode ser considerada homogênea e nem de aplicação uniforme.

O discurso tem a sua unidade constituída por meio de enunciados produzidos historicamente a partir do processo de dispersão de acontecimentos discursivos. É a compreensão de como um determinado enunciado emergiu e não outro em seu lugar que vai possibilitar a compreensão do discurso. Assim, de acordo com Foucault (2005, p. 124),

a análise enunciativa é, pois, uma análise histórica, mas que se mantém fora de qualquer interpretação: às coisas ditas, não pergunta o que escondem, o que nelas estava dito e o não-dito que involuntariamente recobrem, a abundância de pensamentos, imagens ou fantasmas que as habitam; mas, ao contrário, de que modo existem, o que significa para elas o fato de se terem manifestado, de terem deixado rastros e, talvez, de permanecerem para uma reutilização eventual; o que é para eles o fato de terem aparecido - e nenhuma outra em seu lugar.

Verificando o sujeito pesquisado por nós, vamos tentar considerar porque o que escreveram apresenta certos discursos e não outros em seu lugar. Portanto, os textos produzidos conjugam a unidade e a dispersão que são elementos heterogêneos e constituem a noção de FD. Os enunciados e os discursos são acontecimentos sujeitos à continuidade, descontinuidade, dispersão, formação e transformação. Suas unidades, porém, obedecem a regularidades discursivas e a plenitude do sentido nunca é alcançada. Fernandes, C. (2007, p. 55) considera que:

a noção de unidade vincula-se à de dispersão, pois, como argumenta Foucault, todo discurso resulta de um já-dito (não sabido, apagado) e esse já-dito é sempre um jamais-dito. Tudo que foi/é enunciado, secretamente, silencia-se na dispersão temporal e, pela descontinuidade, na História, renuncia a temas e acontecimentos que, como discursos, permanecem apagados, perdidos no tempo em decorrência das transformações histórico-

sociais que ocorrem. Porém, esse já-dito (re)aparece transformado em um jamais-dito, como continuidade de acontecimentos e discursos que se dispersam no tempo.

Os enunciados, então, como elementos integrantes das regularidades discursivas, acontecem no momento presente da enunciação, provocando outros enunciados, além de se ligarem a enunciados anteriores e posteriores.

Para compreender os posicionamentos críticos dos alunos diante dos discursos e observar as FD mais empregadas propomo-nos desencadear as seguintes ações analíticas: Na parte discursiva, observamos os movimentos discursivos que aparecem nos enunciados dos alunos, bem como as relações dialógicas existentes entre os textos dos autores. Verificamos também o dialogismo existente tanto entre os textos de um mesmo estudante quanto entre os textos dos alunos e os textos que compõem a coletânea. Além do mais, atentamos para a heterogeneidade de vozes que aparecem nos enunciados.

No próximo capítulo trataremos de analisar os textos produzidos pelos alunos, com a finalidade de interpretar os seus aspectos discursivos à luz das teorias linguísticas e discursivas. Esperamos que esta investigação contribua para o ensino/aprendizagem da produção textual em sala de aula.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DOS TEXTOS PESQUISADOS

Como o presente trabalho dedica-se a análise de textos, faremos um preâmbulo sobre a noção de texto e ensino para, em seguida, procedermos com a análise do *corpus*. Partimos da noção ampliada de que o texto não é definido pela sua extensão, mas pelo que significa. Quando se fala em produção textual no ambiente escolar, por mais que a escola seja o que ressalta Koch (2006), espaço ideal para o exercício da comunicação e também para a produção e recepção de textos, ainda se fazem necessárias pesquisas que visem a melhorar o desempenho dos seus sujeitos.

Este capítulo traz as análises do *corpus* desta pesquisa e também informações acerca dos textos que serviram de estímulo à produção textual dos sujeitos pesquisados; os aspectos discursivos dos textos que apresentam efeitos de sentido; o uso de exemplos como estratégia de convencimento e perguntas retóricas.

3.1 Texto e ensino

Consideramos o texto como um todo organizado de sentido. O sentido do texto, porém, não está limitado às suas partes isoladas, mas se completa na união e nas relações solidárias que as partes estabelecem entre si. Além do mais, é preciso entender que para a construção do sentido, deve-se também levar em consideração que as palavras, assim como os textos e os discursos, não são neutras e nem existem sozinhas, mas são habitadas, atravessadas e constituídas historicamente por outras, de forma discursiva e atuam dialogicamente.

Podemos afirmar que o sentido não está preso à palavra, mas ao contexto da comunicação. Fazem parte desse processo a entonação e a expressividade, quase sempre criadas no mesmo ato da situação comunicativa. Assim, ao escolher a palavra e a maneira de expressá-la, o sujeito ao mesmo tempo em que agrega sentido a ela, revela a opinião que tem sobre as coisas.

No entanto, essas são atividades complexas porque não se limitam apenas ao processo de codificação e decodificação dos signos, mas chegam aos aspectos discursivos. As condições de produção de textos, que são exteriores ao próprio

texto, inscrevem-se como itens necessários à compreensão do discurso. De acordo com Orlandi (2006, p. 15) “na análise de discurso não podemos deixar de relacionar o discurso com as suas condições de produção, sua exterioridade”.

Temos consciência da expectativa social de que a escola deve criar as condições necessárias para o aluno apresentar bom desempenho na elaboração de textos orais e escritos e saber posicionar-se criticamente em questões da vida prática e social. Além disso, que este aluno também tenha desenvolvida a habilidade necessária para dar continuidade aos estudos formais e atenda às exigências do mercado de trabalho.

Um dos desafios enfrentados pela escola para cumprir essa tarefa é o fato de muitos alunos terem pouco contato com o texto escrito em casa, como: livros, revistas e jornais, restringindo-se apenas a leituras na *internet*, aos recortes de textos trazidos pelo professor e aos livros didáticos e paradidáticos comumente disponibilizados pela escola.

Para o bom resultado desde processo de ensino/aprendizagem na produção de textos, portanto, são importantes as condições nele envolvidas. Deve-se a Pêcheux (1990), o crédito de lançar os estudos discursivos para fora do texto, levando-os às condições e ao lugar de produção. Assim, quando se está dentro de um texto, tem-se uma compreensão, mas quando se projeta para o contexto, dá-se o encontro com outros textos e, então, há uma nova perspectiva de compreensão.

Há uma ressonância entre os textos, o que se percebe pela leitura. Por isso, toda leitura faz o leitor recordar de leituras anteriores. Isso porque, por mais singelas que sejam as palavras ditas pelas pessoas, elas chegam materializadas e carregadas de sentido. Sentidos esses que não se sabe como e quando surgiram e, no entanto, significam alguma coisa. Discutindo sobre isso, Orlandi (2006, p. 21) afirma que “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados”.

Os textos são construídos por meio de escolhas enunciativas e a linguagem utilizada, em nenhum momento, tem o mesmo sentido para o autor e leitor. No caso da escola, a produção textual envolve a subjetividade e a contextualização social do aluno. Em vista disso, a compreensão ocorre por meio de uma atividade interativa refinada na organização dos sentidos, que passa pela observação de elementos linguísticos e discursivos do texto.

Dessa forma, embora várias interpretações sejam possíveis e elas se encontrem, de certa forma, ligadas à visão de mundo do leitor, essa liberdade não é tão ampla assim, visto que a palavra é de ordem material e nem sempre expressa com exatidão o sentido pretendido pelo autor.

Os indivíduos não têm o controle completo da linguagem para dizerem o que querem de forma transparente. Por mais que se considerem bons usuários da linguagem e saibam transmitir ideias adequadamente, os sujeitos são traídos por aquilo que lhes escapa. Além do mais, quem os lê ou os ouve acaba cooperando para a construção do sentido que é afetado pela expressividade da entonação, pelo viés ideológico e pela analogia que se tem com um determinado ambiente social.

Quando enfocamos os textos pesquisados, não podemos perder de vista que o aluno também não detém esse controle linguístico. Por isso, na leitura avaliativa dos textos produzidos para esta pesquisa, temos que levar em conta os sentidos afetados pela expressividade e pela entonação que aparece por meio de marcas gráficas.

Assim, o texto produzido pelo aluno resulta de um conjunto de saberes, de relações e de conhecimentos que ele adquiriu no convívio com a família e a sociedade. É necessário, então, que o professor tenha a devida sensibilidade para compreender os conhecimentos linguísticos mobilizados pelo aluno na produção de seu texto. Os textos escolares são instrumentos ricos e apropriados para o professor monitorar a sua própria atuação junto aos sujeitos aprendizes.

É importante que o professor de língua materna proporcione momentos de leitura e escrita aos alunos, visando à compreensão interlocutiva deles na produção de textos. Esse exercício faz com que o aluno adquira competência no uso dos mecanismos de escrita. Acerca da escrita de texto pelo aluno, Fernandes, E. (2007, p. 183) afirma que “o aluno competente quanto à capacidade de redigir um texto é aquele que sabe manejar os procedimentos linguísticos conforme as exigências contextuais, de modo a atingir o leitor segundo os objetivos gerados na situação.” Assim, o aluno pode aprender na escola a formular adequadamente a mensagem e o texto com a finalidade de alcançar os objetivos comunicacionais almejados.

O ensino da produção textual permite supor, em primeiro lugar, que ao produzir um texto, o aluno, à sua maneira, procure estabelecer um diálogo com outros textos e com seu interlocutor, nesse caso, o professor. A palavra é passada

ao professor por quem o aluno espera ser lido. A expectativa desse enunciador é que o professor-leitor não somente aponte possíveis erros e acertos, mas também que apresente uma atitude responsiva capaz de estabelecer uma dialogia, condição considerada essencial para a produção de sentidos, dizeres e trocas de significação.

A lógica escolar, porém, quase sempre é invertida: o aluno escreve uma redação mais para ser corrigido do que um texto para ser lido como comunicação de fato com qualquer pessoa. Essa lógica praticamente anula a atitude responsiva ativa, visto que o aluno muito pouco espera como resposta efetiva à sua produção textual. Esperando apenas a correção e não uma resposta, o aluno não procura o diálogo.

O aprendizado da produção de texto por parte do aluno depende de se achar interlocutores e espaços adequados ao exercício da expressividade. A escola é o lugar ideal para o surgimento dessas interações, quando o professor se coloca como mediador das relações dialógicas.

Os lugares do professor e do aluno são demarcados cultural e historicamente. Assim, há a preocupação do sujeito em respeitar as regularidades linguísticas do lugar que ocupa. Portanto, o texto produzido pelo aluno na escola pode ser considerado um produto, resultado das interações e das posições discursivas ocupadas pelo professor e pelo aluno. Em vista disso, os alunos se esforçam para escrever da melhor maneira possível, tendo sempre em mente o destinatário e, por isso, avaliam e escolhem seus registros. Para tanto, se colocam na posição de leitores no momento da escrita, com a finalidade de produzirem um texto, cujo sentido reflita seus desejos de expressão.

Ao escrever o texto escolar, o aluno constrói a imagem do professor como interlocutor. Porém, somente com a concretização da leitura efetiva do texto por parte do professor é que são estabelecidas, de fato, as instâncias práticas de interlocução. Dessa forma, espera-se que o professor dialogue com o aluno sobre os parâmetros de composição textual, demonstre e comprove a utilidade do uso de certos recursos linguísticos e discursivos, além de esclarecer os objetivos da aprendizagem.

Assim, é função do professor discutir com o aluno sobre os discursos e os elementos constituintes dos textos para apontar os caminhos que melhorem a qualidade da produção textual. Portanto, a interferência do professor nas alterações

que o autor realiza nos textos se constitui em papel da escola para estabelecer a representação da linguagem escrita nela instituída. Essa interferência pode ser feita através de comentários, perguntas orais dirigidas ao aluno, ou observações escritas no próprio texto.

3.2 Os textos estimuladores

Com relação ao processo de análise dos dados colhidos para a pesquisa, procuramos sempre nos lembrar de que a profundidade e a qualidade dos resultados investigados dependem do empenho do pesquisador. Então, quem se dedica a pesquisar o texto deve ter conhecimento acerca do discurso e da subjetividade do autor do texto que analisa e também da sua própria subjetividade. Mesmo porque os textos são construídos por meio de escolhas enunciativas e a linguagem utilizada em nenhum momento tem sentido exato para autor e leitor, pois tanto a produção como a leitura dos textos envolvem a subjetividade e a contextualização social de ambos.

Assim, procedemos à pesquisa dos aspectos que indicam aspectos discursivos encontrados nos textos desta análise, escritos em dois encontros distintos. Ressaltamos que a segunda produção, foi realizada sem que os alunos tivessem o primeiro texto em mãos. Os alunos entendem que os dois momentos de escrita fazem parte de uma ação em continuidade, embora a produção dos textos esteja separada por um tempo de nove dias entre uma escrita e outra e, nesse intervalo, haja a apresentação de outros conteúdos.

A coletânea de textos disponibilizada aos estudantes por ocasião do primeiro texto, realizado na última semana do mês de outubro de 2009, apresenta uma heterogeneidade de vozes. Isso porque objetivamos que os alunos precisem dialogar com vários textos para a construção dos seus. A temática sugerida versa sobre a existência de uma possível relação de influência do discurso midiático e também do discurso da moda sobre a atitude das pessoas quanto ao cuidado com os seus corpos. Para a montagem da coletânea, cinco fragmentos de textos foram recortados e adaptados⁵, além de duas fotografias. Os fragmentos apresentam

⁵ Textos tirados do site www.anorexia.com.br

vozes discursivas diferentes acerca do tema e as fotografias mostram um jovem e uma jovem preocupados com seus pesos.

O primeiro recorte mostra uma voz social que se preocupa com a restrição alimentar e a realização exagerada de exercícios físicos, relacionando-as com a obediência ao discurso da moda. O segundo apresenta o discurso médico/científico que define a anorexia e a bulimia a partir dos seus sintomas. O terceiro, a visão alarmante da estatística que mostra percentuais de mortes por anorexia. O quarto texto apresenta o discurso de uma anoréxica pela confissão de uma adolescente que se submete a um regime alimentar agressivo com a finalidade de emagrecer. O quinto, também responsabiliza a mídia e a publicidade pela morte de muitas garotas que buscam o emagrecimento. Para reforçar a ideia, há o relato de uma adolescente que busca, perigosamente, emagrecer.

Essa proposta demanda dos alunos conhecimento prévio do assunto, além de habilidade na seleção, organização dos argumentos e compreensão dos mecanismos de produção textual. Espera-se também que eles sejam capazes de entender os conflitos de vozes existentes na coletânea e saibam se posicionar diante deles. Portanto, em seguida, apresentamos a coleção de textos utilizada para a escrita dos estudantes.

As opiniões da mídia e da moda, quanto ao modelo ideal de corpo, influenciam as pessoas?

COLETÂNEA – Esta coletânea que contém fragmentos de textos e imagens extraídos e adaptados do site: www.anorexia.com.br foi usada como base para a primeira versão do texto a ser desenvolvido pelo aluno.

1. Uma garota morre de vontade de comer cachorro-quente e tomar sorvete, mas não come nada porque quer que lhe caia bem uma calça de cintura baixa que acabou de comprar. Um rapaz odeia fazer exercícios, mas passa horas na academia só pra ter o corpo malhado e ser elogiado pelas garotas. Afinal, quem é que manda em nosso corpo e em nossas vontades? A moda tem tanta força assim para dizer o que as pessoas devem ou não fazer com os seus corpos?

2. A **anorexia** faz com que as meninas, mesmo magras, se sintam gordas e não comam para que fiquem ainda mais magras; já a **bulimia** é quando a pessoa come a todo instante, grandes quantidades de comida, para depois ficar com a consciência pesada (porque acha que pode engordar!). Então provoca o vômito ou a evacuação pelo uso de laxantes.

3. Estatísticas macabras

A anorexia é a doença psiquiátrica que mais mata:
5,6% dos pacientes morrem depois de dez anos de doença;
21% dos pacientes que são internados morrem.

4. Trecho de blog pró-ana e pró-mia

“Estou na escola agora... Sem net em casa pra variar... Então, faz 3 dias que eu to comendo quase nada, fico +- até 19h só tomando água e depois eu comia um sanduíche e miava... comia mais um pouquinho, mas não passava de 100 kal, e miava de novo... Ontem eu fui caminhar e depois quis ir na sauna. La dentro eu sentia meu coração acelerado, faltava ar, achei que era normal. Fui ao vestiário, entrei no chuveiro e fui caindo, daí tudo apagou e eu acordei meio sem saber onde estava. Ainda to muito sem graça. Fiquei com vergonha de isso ter acontecido, mas eu to emagrecendo!”

5. A desculpa de muitas garotas para seguir essa dieta mortal é a pressão da mídia e da publicidade. “Vivemos vendo aquelas modelos magríssimas e todas aquelas mulheres lindas, maravilhosas na TV. Com isso nos sentimos péssimas, inferiores. A mais feia das feias”, diz a gaúcha Karina, 16, 1,70m, 55kg, que deseja pesar menos de 50kg

6. Imagens:

Um dos sinais deste problema é que a pessoa não se sente satisfeita com o próprio corpo.



3.3 Aspectos formais discursivizados

Consideramos a observação dos aspectos formais nos textos analisados porque eles adquirem significado no discurso e promovem efeitos de sentido entre os interlocutores. Pode-se afirmar, conforme Orlandi (2005, p.69) que “se o texto é unidade de análise, só pode sê-lo porque representa uma contrapartida à unidade teórica, o discurso, definido como efeito de sentidos entre locutores.”

Em busca desses efeitos de sentido é que consideramos o aspecto discursivo que pode ser observado no emprego das aspas, exclamações e parênteses para marcar a expressividade e também a heretogeneidade de vozes.

3.3.1 Marcas de pontuação

Uma das marcas que nos interessam são os sinais gráficos que têm o seu lugar no uso convencional da escrita e são determinantes não somente para marcar

a entonação, como também para a constituição de sentidos no interior do texto. Portanto, a escolha e emprego de marcas gráficas são importantes para que o enunciador tente reproduzir, no registro escrito, o efeito de sentido que surge naturalmente na oralidade.

Pode-se considerar, então, que o uso de aspas, reticências, pontos, exclamações e interrogações, bem como a escolha do tipo e do tamanho da letra utilizada no registro escrito adquirem importância no processo de constituição de sentidos do texto.

Com o emprego das aspas podemos observar aspectos da heterogeneidade discursiva. Entende-se por heterogeneidade discursiva quando o discurso do sujeito é marcado pela interferência de outros discursos. Authier-Revuz (1990) classifica a heterogeneidade discursiva de duas maneiras: a constitutiva e a mostrada. A primeira diz respeito ao inconsciente, em que o sujeito é a origem daquilo que diz. A segunda mostra a heterogeneidade por meio de marcas explícitas, como o uso de aspas ou parênteses, onde se explicita o dialogismo e o dizer do “outro” é mostrado. Também atua implicitamente em casos de ironia e imitação, apresentando “outro dizer” sem, necessariamente, explicitá-lo. Assim, a heterogeneidade mostrada consegue imprimir, como efeito de sentido, a noção da separação do dizer que pertence ao outro e o próprio dizer.

As aspas, além de serem usadas para marcar fronteira de separação das palavras de outros no discurso e estabelecer ironia, como pode ser constatado no fragmento de texto, a seguir, de NBD (1º texto), podem também indicar o emprego do discurso politicamente correto. Esse é o tipo do discurso que age sobre o que pode ou não ser dito, e o aluno conhece socialmente os dizeres que estão interditados.

(NBD – 1º texto)	Quantas pessoa morrem por bulimia ou anorexia por influencia de “amigos” pela “net”. [...] muitas querem ajudar e outras pressionam por que ta engordando de mais “assim não vai arranjar namorado, gorda do jeito que ta vai ficar solteira.”
(NBD – 2º texto)	Vemos casos de pessoas “adolescentes” que morrem todos os dias por causa dos distubios alimentares.

Ao usar aspas nas palavras “amigos” e “net” como aparece no fragmento do texto de (NBD – 1º texto), a enunciativa ironiza as amigas encontradas na *internet*. O efeito de sentido pode ser observado, quando se leva em consideração o

contexto em que essas duas palavras estão inseridas que não se pode considerar como amigo, quem influencia o outro à morte. Temos aqui um emprego canônico das aspas.

No mesmo fragmento de texto, há uma referência à pressão familiar sofrida pelas adolescentes gordas por meio de expressões do tipo: “assim não vai arranjar namorado, gorda do jeito que ta vai ficar solteira.” Aparentemente, as aspas parecem sem sentido, mas trata-se da reprodução de uma voz que circula na sociedade a favor do corpo magro. É o emprego de outra voz discursiva, como se a pessoa gorda estivesse sujeita a não atrair a atenção de um parceiro para o casamento. Mas é como se houvesse uma discordância dessa voz agressiva, uma voz com cujo discurso não concorda.

Ainda no mesmo fragmento de texto, ao dizer que “muitas pessoas querem ajudar e outras pressionam por que ta engordando de mais” relata, implicitamente, as vozes de duas FDs diferentes que se contradizem e procuram influenciar quem está acima do peso. Há, por um lado, o discurso que defende ações equilibradas e racionais para o emagrecimento e, por outro, o discurso que não se compromete com a moderação e com o planejamento adequado para a perda de peso.

Ao lançar mão das vozes discursivas que ecoam no ambiente social apontando para a necessidade de emagrecimento em contraponto com a falta de compromisso com essa ação, temos as oposições discursivas em polifonia, marcadas pela materialidade das aspas, que pressionam o sujeito.

É importante também observar o crédito dado ao olhar do outro sobre si, no caso do fragmento, o olhar dos amigos. Esse olhar de fora faz com que o sujeito olhe a si mesmo de maneira diferente, segundo a ótica do outro e, por meio dessa visão dialógica, toma decisões quanto à forma do próprio corpo.

Ao usar aspas na palavra “adolescentes” no fragmento de texto (NBD – 2º texto), a enunciadora faz com que sua voz adquira a dimensão de indignação e denúncia. Pelo visto, a materialidade do sinal gráfico pretende enfatizar a ideia de que pessoas muito jovens estão morrendo diariamente por causa das disfunções alimentares. Portanto, as vozes polifônicas enunciam dizeres que estão fora do texto, no interdiscurso. Ao cotejarmos as duas versões de NBD, percebemos que o segundo texto da aluna foi menos explícito e enfático que o primeiro.

Nos fragmentos de texto a seguir, a enunciadora (MPFN – 1º e 2º texto) procura distanciar-se da FD das pessoas bulímicas, para tecer comentários e aconselhar.

(MPFN – 1º texto)	Como não sou anorexa nem bulemica, não sei o que se passa na cabeça destas meninas de sentirem assim tão “gordas” sendo tão magras. [...] acho que essas anorexas são “Maria vai com as outras”, pois não há sentido em ficar magra porque a outra é. [...] eu não acho boa idéia morrer cedo e “bonita”. Mas acho, ou melhor, tenho certeza que é melhor viver a vida do que sobreviver na vida.
(MPFN – 2º texto)	É incrível a quantidade de pessoas que fazem tratamentos para perder peso que não é necessário perder, mas, “tem que perder para ficar de acordo com a moda.” [...] eu, na minha opinião não acho correto perder peso, “passar fome”, para ficar magra e doente ainda por cima.

Ela acredita na eficácia de sugestões apresentadas por alguém de fora do problema. Esse modo de olhar o problema a distância sem envolver-se, ressalta uma posição de superioridade em relação ao fato. O diálogo quase desaparece e a voz da aluna sobrepõe-se cheia de autoridade discursiva como pode ser observado na afirmação: “mas eu acho, ou melhor, tenho certeza...”.

A aluna assume a FD de quem tem autoridade para falar sobre o assunto, intensificando a autoridade velada na parte inicial do primeiro texto, demonstrando conhecer o jogo de vozes presentes no discurso. Ela passa a apresentar uma entonação de certeza no seu discurso.

É também digna de ser registrada a presença da heterogeneidade mostrada no enunciado da aluna porque há a interferência do discurso do outro em seu discurso, representado pelas aspas. Ao inserir outras vozes em seu discurso a aluna transfere a responsabilidade do dizer para este outro enunciador.

Ao analisarmos o primeiro fragmento de texto da enunciadora VAS (1º texto), notamos o emprego da expressão “ditadura da moda” entre aspas para criticar o autoritarismo desse discurso sobre a magreza do corpo. Há, por causa dessa expressão, a ocorrência de polifonia no texto da aluna, pela inserção desse discurso vindo de outro lugar.

(VAS – 1º texto)	Muitas pessoas por causa da chamada “ditadura da moda” querem ser aquelas modelos magérrimas que vemos na televisão.
(VAS – 2º texto)	A moda não abranje ninguém a não ser as “barbies” da sociedade.

A palavra “ditadura” pertence ao campo semântico da política e é usada para se referir a um governo de exceção, autoritário, que não tolera oposição. Quando a autora diz que a moda é uma ditadura, certamente, refere-se em tom de censura ao discurso da moda no mesmo sentido político da palavra.

Com isso, considera a moda como sendo pouco democrática porque age de maneira impositiva, determinando a forma do corpo das pessoas. Nesse caso, as pessoas se veem assujeitadas a essa vontade da moda e da mídia, que têm nos modelos magros a representação dos seus interesses.

Uma constatação dessa possibilidade de interpretação pela autora do texto é a referência às “barbies” que estão na sociedade, apresentadas no segundo fragmento de texto (VAS – 2º texto). Nesse ponto, há uma referência que não é somente à imagem da boneca *Barbie*, mas também à ideologia discursiva que a constitui. Ela não é uma boneca qualquer, mas um ícone de beleza que encantou gerações de garotas desde a sua criação, semeando no imaginário de crianças e adolescentes, de todos os biotipos, o ideal de corpo magro, esbelto e branco propagado pela indústria da moda e pela mídia. Temos, polifonicamente, a voz da crítica à ditadura da moda e do consumismo, além de lembrar que as crianças já são levadas a admirar uma silhueta delgada.

A enunciadora demonstra compreensão das FDs presentes no jogo midiático ao sugerir que a moda e o comércio estão a serviço das pessoas magras, excluindo do processo, naturalmente, os que são gordos. Deixa implícita a ideia de que as pessoas buscam o emagrecimento a todo custo para adequarem os seus corpos ao modelo de corpo convencionado socialmente.

A autora (IA – 1º texto) faz questão de isolar do seu discurso a voz que parece vir da confissão de uma pessoa bulímica, quando insere a frase “tem medo de engordar” entre parênteses, separando-a das demais partes do enunciado.

(IA – 1º texto)	A bulimia é quando a pessoa come a todo instante, fica com a consciência pesada (tem medo de engordar), dá ância de vômito.
-----------------	---

Os parênteses são usados, geralmente, para estabelecer a polifonia, não é só um dizer convencional, mas um discurso poderoso que é aceito. Por outro lado, essa voz discursiva paralela nesse fragmento de texto é um desejo de explicitar o que a autora pensa, sem censura.

Sua ação, portanto, insere-se no campo da atitude responsiva-ativa, visto que o autor antecipa as possíveis dúvidas e inquietações do leitor e procura resolvê-las antes que o texto chegue ao destinatário. A aluna também recorre à expressão “consciência pesada”, discurso que entrelaça religiosidade e subjetivação acerca da forma física a manter, para depois provocar o vômito.

Outro sinal diacrítico que observamos pelos efeitos de sentido que traz é o ponto de exclamação. O ponto de exclamação é um sinal de pontuação que não somente serve para diferenciar os enunciados de entonação exclamativa e emotiva, como também para estabelecer relações semânticas. Assim, tanto pode ser empregado nos finais das interjeições, apóstrofes e imperativos quanto em situações excepcionais para expressar o sentido almejado pelo autor; sentido esse que não foi conseguido de outra forma. Assim, Paschoalin e Spadoto (2000, p. 402-3) afirmam que

os sinais de pontuação são recursos típicos da língua escrita porque esta não dispõe do ritmo e da melodia da língua falada. É, pois, a pontuação um meio de representar, na escrita, as pausas e entoações da fala. Sendo assim, não há critérios extremamente rígidos quanto ao uso dos sinais de pontuação.

Notamos o uso do ponto de exclamação fora dos padrões normativos, em algumas situações dos textos pesquisados. No entanto, percebemos que o seu emprego serve para tentar expressar o efeito de sentido pretendido pelo aluno, conforme pode ser observado nas análises dos fragmentos a seguir.

(BBF – 1º texto)	Vamos acabar com esse tal de anorexia e bulimia, vamos ser feliz com uma vida normal uma vida equilibrada, porque tudo que é demais não presta, e tudo que é equilibrado é bom!
(BBF – 2º texto)	O interessante de tudo isso, foi que ela montou um grupo de pessoas que tinham os mesmos problemas que ela tinha e ela ensinava como lidar com esses problemas que um dia ela também passou! (...) mais nos temos que aprender a lidar ou seja nos estamos desprezando aquilo que Deus nos deu, e começar a gostar de nós mesmos do jeito que nós somos. (...) vamos parar com isso e vamos nos unir contra a Bulimia e Anorexia! (...) diga não a Anorexia e Bulimia! (...)

Com o uso da exclamação na primeira versão, em “tudo que é equilibrado é bom!”, o autor (BBF) reforça o tom panfletário, típico do discurso médico para alertar o paciente. Esse tom é necessário ao argumento presente no enunciado, contrário à dieta alimentar desequilibrada. O aluno, portanto, inscreve o seu discurso no contexto

do discurso que defende o equilíbrio e o controle das ações para o cuidado do corpo, compatíveis com o discurso do bem-estar.

A entonação proporcionada pelas exclamações usadas, na segunda versão do texto (BBF), “diga não a Anorexia e Bulemia!” cumpre uma função discursiva. Por meio dela é possível perceber o caráter apelativo do enunciado, alertando o leitor para os riscos presentes nas tentativas de mudança da forma do corpo. O aluno, por meio da expressividade da entonação nos enunciados, assume um discurso que resiste à política do corpo magro a qualquer custo. Para dar sustentabilidade à sua voz, recorre ao discurso de cunho religioso sugerindo o conformismo com o próprio corpo, ao dizer que não se deve desprezar “aquilo que Deus nos deu”.

Na última parte da segunda versão (VAS) do fragmento a seguir, a aluna usa três pontos de exclamação, e não somente um, para enfatizar o tom de exortação que faz às pessoas no sentido de gostarem de si mesmas. Esse sentimento está relacionado com a aceitação do próprio corpo e com a consequente indiferença à interferência da opinião alheia.

(VAS – 2º texto)	Devemos pensar mais em nós pararmos de nos preocuparmos com o que as pessoas vão pensar. Devemos nos gostar!!!
------------------	--

Em outras palavras, a autora sugere que o estado de felicidade, ou discurso do bem-estar, só é possível de ser alcançado quando o sujeito decide olhar-se com o próprio olhar, não se importando com a visão que o outro possa ter de si.

3.3.2 A continuidade nos textos pesquisados

Em outro grupo de textos encontramos um gesto de continuidade surpreendente. Para a escrita do primeiro texto em primeira versão os alunos basearam-se na coletânea de textos já detalhada anteriormente. Após nove dias, escreveram o segundo texto depois de terem debatido o assunto, inclusive, com as novas informações posteriores à coletânea da primeira versão, também mencionadas neste trabalho. Faz-se relevante reafirmar que, para a realização da segunda versão, os alunos não receberam de volta as primeiras versões, os seus rascunhos e nem a coletânea de textos.

No entanto, ao analisarmos os dois textos produzidos pelos alunos, percebemos a ocorrência de uma relação de continuidade entre eles.

E é a aproximação entre a primeira e a segunda versão que vai produzir sentido. Os autores não escreveram dois textos diferentes do ponto de vista da estrutura, pois em algumas das segundas versões, há referências diretas à primeira, para, em seguida, continuarem o assunto. Há, portanto, uma ligação temática e textual entre as versões.

Os textos mostram que os alunos consideraram os dois momentos de produção textual como uma sequência próxima em continuidade. Por outro lado, a manutenção e, ao mesmo tempo, ampliação do tema podem ter feito com que dessem continuidade ao desenvolvimento da idéia antes iniciada. Dessa forma, não revisam e nem reescrevem o primeiro texto mas tratam de complementá-lo.

Embora os alunos estudem várias disciplinas semanalmente e lidem com os conteúdos de cada uma delas, observa-se que eles, mesmo assim, conseguem estabelecer relação de continuidade entre uma aula e outra, mesmo que essa outra aula tenha acontecido uma semana depois.

A interligação entre a primeira e a segunda versão do texto normalmente é feita por meio do uso de elementos que permitem uma relação de coerência entre ambas as versões. Isso porque possibilitam uma retomada do assunto para uma posterior continuidade, ou seja, pode ser entendido como uma mesma peça textual. Os estudos realizados nos fragmentos de texto a seguir apontam algumas relações de continuidade encontradas nos textos dos alunos.

Esse exemplo de continuidade sem que se tenha em mãos o texto anterior, é encontrado nos textos de LHTM (1º e 2º texto), pois ao começar o segundo texto dizendo “essas pessoas, fazem esse tipo de coisa por causa dos outros” estabelece uma ligação coesiva explícita com o último parágrafo do primeiro texto que diz “isso não acontece só com as mulheres não, também acontece com os homens que fazem academia”.

(LHTM – 1º texto)	isso não acontece só com as mulheres não, também acontece com os homens que fazem academia, eles malham bastante mas não comem com medo de engordar, eles fica magro e pensa que está gordo e fica sem comer, e acaba adoecendo.
(LHTM – 2º texto)	Essas pessoas fazem esse tipo de coisa por causa dos outros, eles não fazem por conta própria faz por causa da mídia, por causa dos colegas.

A remissão às expressões “eles fazem” e “essas pessoas” são uma referência aos sujeitos que aparecem respectivamente no último parágrafo da primeira versão do texto e no primeiro parágrafo da segunda versão. São elementos coesivos que remetem às mulheres que buscam o emagrecimento e aos homens que fazem academia presentes nos dois textos. Essas referências também podem ser consideradas marcas de uma relação dialógica entre as duas versões, porque as vozes da primeira ecoam na segunda. Tem-se, portanto, uma dialogia entre as estruturas dos textos e outra dialogia que relaciona os temas e os discursos.

Outro exemplo de continuidade é o texto de TSM (1º e 2º texto), pela retomada explícita que faz ao texto anterior logo no primeiro parágrafo ao dizer: “como disse no primeiro texto”.

(TSM – 1º texto)	anorexia faz com que as meninas, mesmo magras se sintam gordas e não comem. (...) a bulimia faz com que a meninas comam, comam, e comam pra depois ficarem com a consciência pesada e vomitem.
(TSM – 2º texto)	Como disse no primeiro texto, anorexia e bulimia são duas doenças graves que giram em torno da pirâmide alimentar.

Além de retomar as idéias do texto anterior, essa frase dialoga com os possíveis leitores. Portanto, a enunciativa não se dá ao trabalho de reescrever sobre as duas doenças, Anorexia e Bulimia, e muito menos falar da dieta alimentar porque já o tinha feito ao longo do primeiro texto.

Na primeira versão, a autora trata de definir anorexia e bulimia; na segunda, age pelo princípio da economia linguística por julgar que os seus interlocutores, os pesquisadores, já foram devidamente informados. Isso porque, muito provavelmente, pensa que o segundo texto seja uma continuidade do primeiro. Nesse caso, não há necessidade de retomar as explicações feitas, visto que os seus leitores têm a posse da primeira parte do texto.

Pode-se observar, também na primeira versão, o diálogo que a enunciativa estabelece com as informações da coletânea e com o seu próprio conhecimento de mundo. Na segunda versão, o diálogo é estabelecido com a primeira, e também com as outras informações trazidas pelos textos complementares à coletânea.

As versões textuais de TBR (1º e 2º texto) podem ser consideradas uma continuação do mesmo tema. Na primeira, ao dizer que “hoje estaremos falando de um tema sério muito sério mesmo sabe porque? porque vamos falar sobre (anorexia

e bulimia)” a enunciadora usa a estratégia de valer-se de uma pergunta retórica, em atitude responsiva, no sentido de chamar a atenção do leitor para a importância e a gravidade das doenças.

(TBR – 1º texto)	Hoje estaremos falando de um tema serio muito serio mesmo sabe porque? porque vamos falar sobre (anorexia e bulimia) que e uma picicologica que faz com que adolecêntes comecem, a achar que estão gordas e começam a para de comer isso faz com que eles emagreçam ate a morte.
(TBR – 2º texto)	Como vimos na semana passada a anorexia e um caso muito grave e agora que descobrimos mais coisas sobre ela podemos falar mais sobre os seus riscos e o que causa essa doença (P) ou pcicologica caso não entenda.

Logo no início da segunda versão, a enunciadora chama a atenção do destinatário. Dessa vez, recorre à própria memória e à memória do leitor ao enunciar “como vimos na semana passada a anorexia e um caso muito grave”. Com essa oração, além de firmar um diálogo com o interlocutor, dialoga também com a primeira versão ao retomar o mesmo assunto da seriedade e da gravidade da anorexia.

Ainda na segunda versão, referindo-se às novas leituras realizadas sobre o assunto, a estudante afirma “agora que descobrimos mais coisas sobre ela podemos falar mais sobre os seus riscos e o que causa essa doença”. Com essa afirmação, a aluna reforça a ideia de que novas informações sobre o mesmo tema contribuem para o aumento do nível de conhecimento e para o estabelecimento de convicções.

Podemos inferir a partir desta análise que as crenças advindas do conhecimento adquirido podem fazer com que o sujeito assuma a postura discursiva e prática de quem conhece com mais profundidade o assunto. Quando a autora expressa “caso não entenda” é porque se sente autorizada a enunciar didaticamente.

Por outro lado, podemos entender que o texto de TBR (1º e 2º texto), como também os textos de outros autores analisados neste trabalho, não obedecem plenamente ao comando da coletânea e não desenvolvem diretamente a temática solicitada: *As possíveis influências da mídia e da moda no controle do corpo*. Esses alunos elegem outro tema mais relacionado com a experiência de vida deles, que são as doenças “anorexia e bulimia”. Portanto, chama a atenção para o aspecto de que eles assumem discursivamente os assuntos que mais lhes interessam e são

mais próximos de seu contexto. Com isso vemos como os alunos têm mais facilidade para enunciar sobre assunto conhecido.

Um exemplo de manutenção temática pode ser observado nas versões de CHNM (1º e 2º texto). No primeiro fragmento de texto, a aluna afirma que “isso acontece quando a garota olha no espelho e vee aquela que não quer ver, elas podem ate estar abaixo do seu peso que se sente gorda”. A personagem do seu texto nega-se a aceitar a própria compleição física, por achar-se gorda, mesmo estando magra, visto que se vê com o olhar do discurso do corpo magro.

(CHNM – 1º texto)	Bom, a boemia e o caminho da anorexia, isso acontece quando a garota olha no espelho e vee aquela que não quer ver, elas podem ate estar abaixo do seu peso que se sente gorda.
(CHNM – 2º texto)	Bom as vezes não devemos deixar o orgulho tomar conta da nossa consciência e nem a mídia e nem os olhos dos nossos amigos, por que muitas das vezes você pode estar com o corpo perfeito que você fica gordo e ridículo.

No segundo fragmento, o mesmo discurso do primeiro é mantido quando a enunciadora afirma que “muitas das vezes você pode estar com o corpo perfeito que você fica gordo e ridículo”. Assim, estabelece um diálogo com o interlocutor. No mesmo contexto, em tom de aconselhamento ao leitor a aluna ressalta que “não devemos deixar o orgulho tomar conta da nossa consciência e nem a mídia e nem os olhos dos nossos amigos”. Mostra uma relação de escrita com o próprio eu. Trata-se de uma censura à permissão do olhar do outro sobre si, o que não deixa de ser também um ato de resistência ao poder desse olhar.

Com essa afirmação, a autora do texto liga a escrita com aspectos da sua subjetividade e dá uma demonstração de conhecimento sobre a possibilidade de que a visão de si pode ser influenciada pela visão que os outros têm acerca dela. Essa percepção, portanto, seria atravessada pela percepção do outro, ou seja, o sujeito se vê também com o olhar do outro. Esse posicionamento pode ser considerado uma corroboração ao argumento discursivo que admite a influência do olhar do outro sobre o modelo de corpo adotado pelos sujeitos.

A produção textual de GSM (1º e 2º texto) também estabelece uma relação de coerência temática entre as duas versões quando, na primeira, afirma que “atualmente a anorexia e a bulimia estão muito elevadas”. Essa é uma assertiva que indica a alta incidência dessas doenças na sociedade.

(GSMS – 1º texto)	Atualmente a anorexia e a bulimia estão muito elevadas, tudo isso porque a moda e a mídia controlam o corpo e a mente dessas pessoas, que querem ser como as modelos de capa de revista e, quando a pessoa deixa isso acontecer, ela perde totalmente a noção do seu peso e do quanto está magra.
(GSMS – 2º texto)	A anorexia e a bulimia são casos muito comuns, tudo isso por causa da moda, muitas garotas e garotos sonham com a carreira de modelo e para conseguirem isso fazem dietas radicais que prejudicam muito a saúde e que podem levar à morte.

Na segunda versão, mantém a mesma opinião ao dizer que essas enfermidades, “a anorexia e a bulimia são casos muito comuns”, ou seja, encontradas com facilidade no meio social.

No primeiro texto, certamente por influência da coletânea (APÊNDICE B), o aluno credita à moda e à mídia a alta incidência de anorexia e bulimia, ao afirmar que “a moda e a mídia controlam o corpo e a mente dessas pessoas”. É interessante observar que a ideia de controle do corpo e da mente das pessoas não aparece de maneira explícita na coletânea, mas foi assim entendido pelo autor do texto que demonstra ter conhecimento da relação dialógica de controle sobre os interlocutores.

Quando se tem poder para controlar o corpo e também a mente, tem-se o domínio dos pensamentos e das ações do outro. O controle específico da mente envolve questões discursivas e ideológicas, que se refletem na atuação do corpo. Por outro lado, o aluno acredita na possibilidade de resistência à força desse poder exercido pela mídia e pela moda ao afirmar que esse domínio acontece somente “quando a pessoa deixa isso acontecer, ela perde totalmente a noção do seu peso e do quanto está magra”, ou seja, o sujeito pode escolher a não se submeter à vontade de outrem.

A coerência temática em VAS (1º e 2º texto) está no fato de terminar a primeira versão mencionando a bulimia e a anorexia como sendo contrárias ao discurso do bem-estar. Na sequência, ao começar a segunda versão fala exatamente sobre as características dessas doenças e os seus possíveis riscos à saúde do corpo e à manutenção da vida.

(VAS – 1º texto)	Se fossemos felizes com nos mesmas não teríamos casos de bulimia e anorexia porquê encontraríamos a felicidade dentro de nos mesmos.
(VAS – 2º texto)	A anorexia e a bulimia A anorexia e a bulimia hoje atacam milhões de pessoas principalmente os adolescentes. Essa doença pode causar varias complicações e até levar a morte.

Na primeira versão, a autora do texto faz uso da primeira pessoa do plural, inserindo-se no discurso, certamente para demonstrar seu engajamento com o tema e para manifestar sua opinião. Depois de ter contato com as informações complementares da coletânea para a realização da segunda versão, passa a expor o tema em terceira pessoa, distanciando-se do assunto. Pode-se perceber também que a aluna, depois das novas leituras, assume o papel discursivo de quem tem autoridade para informar o seu leitor sobre os riscos inerentes ao tipo de emagrecimento que não segue aos padrões de boa saúde.

A escolha da tipologia informativa na segunda versão para a transmissão da mensagem pode ser considerada uma estratégia de convencimento. Isso mostra a influência da mídia na escolha do estilo, em uma tentativa de demonstrar impessoalidade. Esse gênero discursivo possibilita o distanciamento do autor da vivência do problema abordado e inspira credibilidade ao leitor, pois traz nele a participação de outras vozes que são autorizadas socialmente para falarem do assunto.

A idéia de texto único é bem presente nas versões de MPFN (1º e 2º texto), o que pode ser confirmado pela coerência textual entre as partes. Chegamos a essa conclusão ao observarmos que a íntegra da segunda versão não menciona, por exemplo, as doenças anorexia e bulimia, mas trata dos seus sintomas e consequências para o corpo, além de aconselhamentos ao interlocutor. A autora entende que não seja necessário voltar ao assunto visto que já o tinha feito, na primeira parte.

(MPFN – 1º texto)	Anorexia e bulemia. Não sou médica para falar deste assunto por isso vou dizer somente o que penso, dar a minha opinião.
(MPFN – 2º texto)	Para emagrecer saudavelmente é simples! Só basta você fazer exercícios físicos e se alimentar de acordo com o que os médicos dizem.

Pode-se notar a mudança da pessoa do discurso de uma versão para a outra. Na primeira versão a aluna se coloca na primeira pessoa do singular e se mostra insegura quanto ao que tem a dizer “não sou médica para falar deste assunto por isso vou dizer somente o que penso, dar a minha opinião”. Reconhece o discurso médico como a voz autorizada a opinar sobre o tema.

Na segunda versão, depois das leituras complementares à coletânea, a aluna assume o discurso em terceira pessoa e não se acha mais insegura “para emagrecer saudavelmente é simples! Só basta você fazer exercícios físicos e se alimentar de acordo com o que os médicos dizem”. Então, assume a voz discursiva da autoridade médica e passa a prescrever cuidados como quem tem autoridade para fazê-lo.

As versões textuais de IA (1º e 2º texto) também apresentam coerência temática ao tratarem de formas de emagrecimento. A primeira versão dedica-se à discussão da perda de peso sem critérios racionais, que leva às doenças e à morte. A segunda trata do emagrecimento equilibrado, baseado em medidas adequadas, que resultam em perda de peso e ganho em saúde.

(IA – 1º texto)	Hoje em dia temos vários problemas de anorexia e bulimia, então somos exatamente inconformados com nosso corpo o que causa essas doenças são as pessoas se rejeitar ao seu corpo, querer cada vez mais emagrecer mesmos estando magras achando que estão gordas.
(IA – 2º texto)	A pessoa que aprende a comer perde peso, mas perde corretamente e depois dificilmente volta a ganhar peso. A maioria das pessoas seguem aquela dieta que para emagrecer precisam tomar remédios que podem até levar à morte, basta a nossa alimentação ser controlada.

Quando o enunciado da segunda versão diz que “a pessoa que aprende a comer perde peso, mas perde corretamente e depois dificilmente volta a ganhar peso”, permite ao leitor entender que esse emagrecimento é saudável por basear-se em uma alimentação balanceada. Essa forma de alimentação, de acordo com a aluna, precisa ser aprendida. O ensino dessa alimentação, obviamente, é realizado por quem detém o conhecimento técnico/científico. Verifica-se, então, o reforço do argumento médico sobre os aspectos alimentares em contraposição ao discurso do senso comum, sem base científica.

O enunciado da primeira versão apresenta o discurso que rejeita o próprio corpo ao afirmar que “somos exatamente inconformados com nosso corpo”, para assumir o discurso homogeneizante do corpo magro quando diz “querer cada vez mais emagrecer mesmos estando magras”, como forma de adequar-se a um novo padrão de corpo.

As versões da produção textual de LFS (1º e 2º texto) se completam. A continuidade temática é percebida quando, na primeira versão, há referências sobre

bulimia e anorexia, suas características e consequências para o corpo além de citar a influência da mídia na propagação dessas doenças. No segundo texto, a enunciadora dedica-se a aconselhar o interlocutor quanto ao necessário cuidado com o corpo para evitar essas doenças. As recomendações dizem respeito à alimentação balanceada e ao exercício físico equilibrado.

(LFS – 1º texto)	Hoje a bulimia, a anorexia estão atingindo, muitos jovens antes era muito pouco o caso dessas duas doenças que esta matando os jovens de hoje. Mas porque que essa doença esta se alastrando cada dia mais? Será por falta de atenção dos pais, ate da mídia que influencia a cada de mais, ate as roupas de hoje influencia a cada vez mais.
(LFS – 2º texto)	O cuidado com o nosso corpo é essencial fazer uma alimentação saudável fazer exercícios fazer bem pro nosso corpo e também pra alma. Devemos fazer um exercício mais um exercício saudável não com muito exagero não com ficxao de ficar com um “corpo perfeito”.

Como a temática é a mesma, as informações sobre as características das doenças não são retomadas na segunda versão, que se dedica apenas a complementar o conteúdo da primeira. Embora ambas as versões sejam polifônicas visto que intrinsecamente constituídas de outros discursos, a segunda versão apresenta na expressão “corpo perfeito” uma polifonia extrínseca. A continuidade constitutiva está no fato de a autora citar a bulimia e a anorexia como doenças que matam muitos jovens hoje em dia, na primeira versão; e na segunda, alertar para o cuidado com o corpo, a necessidade de uma alimentação saudável e de exercícios físicos que fazem bem para o corpo e para a alma.

Os textos produzidos por TBM (1º e 2º texto) apresentam uma continuidade na explanação das ideias. Essa linha única de raciocínio pode ser vista quando, na primeira parte da produção textual, são informadas as características das duas doenças, seus sintomas e o público a elas sujeito. Esses assuntos não são retomados com a mesma ênfase na segunda parte, que se dedica à prescrição de cuidados para com a alimentação e com os exercícios físicos.

(TBM – 1º texto)	a Bumilia não chega à ser uma doença mas é um passo para a Anorexia. A bulimia é uma sensação que várias pessoas sentem por ter a impressão de estarem gordas; as primeiras atitudes são: A (o) jovem sente-se que está gordo(a); então ele(a) passa a ter uma espécie de regimes e dietas.
(TBM – 2º texto)	Um método ideal pra ter uma alimentação saudável sem causar danos em seu corpo. Como se alimentar corretamente? Para ter uma alimentação balanceada, é preciso não só apenas comer e se entopir de lanches, hot dogs, sanduíches, sucos e bebidas, para dizer que tem

	peso. Você precisa ter consciência do que está ingerindo, se vai fazer bem pra sua saúde, que danos e consequências pode causar no seu organismo.
--	---

Nas duas versões textuais, o autor oscila entre a linguagem formal e a informal. Faz uso de palavras e expressões comuns na oralidade e conhecidas do público jovem, inseridas no texto escrito. Mesmo assim, suas informações são baseadas no discurso científico encontradas nos (APÊNDICES “E” e “F”). Essa mescla de modalidades linguísticas ocorrida no interior do texto pode ser entendida como artifício para chamar a atenção de seu público leitor, no caso, o de adolescentes, para as informações por ele transmitidas, que são baseadas no discurso científico.

A voz discursiva que se opõe à proposta de emagrecimento agressivo com possibilidades de riscos à saúde e à vida é apresentada nas versões textuais de NBD (1º e 2º texto), por meio do uso de verbos no imperativo. Assim, a enunciadora assume a postura de alguém portador do discurso de autoridade e pode, nesse caso, ordenar, aconselhar e prescrever atitudes.

(NBD – 1º texto)	Quem quer emagrecer faça exercícios pratique esporte, faça caminho mas sem neuras.
(NBD – 2º texto)	Temos que tomar cuidado com nossa alimentação. Vemos casos de pessoas “adolescentes” que morrem todos os dias por causa dos distúrbios alimentares.

Na primeira versão, quando aconselha a “quem quer emagrecer faça exercícios pratique esporte, faça caminho, mas sem neuras”, há uma clara adesão ao discurso da magreza. A enunciadora, ao assumir a voz discursiva da medicina, faz questão de afirmar que o emagrecimento deve ser equilibrado e as atividades físicas moderadas.

Nota-se na segunda versão a presença do discurso favorável ao equilíbrio das ações diante das questões alimentares, visando o emagrecimento controlado e sadio. Trata-se, portanto, do reconhecimento e valorização da voz de autoridade presente na opinião médica, que pode ser encontrada nos textos complementares à coletânea, conforme (APÊNDICES “E” e “F”).

3.3.3 Aspectos discursivos presentes nos textos pesquisados

Esta pesquisa tem como um dos principais objetivos fazer a análise de alguns dos aspectos discursivos que aparecem nos textos dos alunos, que são os feixes discursivos que estão dentro do texto. Por meio da análise desses discursos, podemos observar, por exemplo, a presença de vozes discursivas e o emprego de estratégias argumentativas influenciáveis que visam chamar a atenção do leitor para a mensagem do texto.

Um dos aspectos discursivos que observamos é o uso de estratégias de convencimento. É no campo das ideias que o convencimento se efetiva. Portanto, através do discurso ideológico, o interlocutor é influenciado. Quando as informações são demonstradas e provadas pelo locutor, têm a capacidade de mudar a opinião do outro. Para tanto, estratégias argumentativas são montadas pelos enunciadores com o intuito de conseguir a adesão do sujeito-alvo da proposta. A respeito do convencimento do outro, Halliday (1999, p. 34) faz o seguinte comentário:

a fim de conseguir que alguém mude de opinião ou deixe de acreditar em uma coisa para acreditar noutra, um comunicador bem preparado tenta, primeiramente, recriar na mente do outro experiências pertinentes a sua argumentação. Depois, tenta transformar o modo como seu público percebe o assunto e, ao mesmo tempo, justificar aquilo que é apresentado como verdade.

Dessa forma, para que a argumentação cumpra com a finalidade de convencer o outro, o locutor deve escolher adequadamente as estratégias discursivas que sejam capazes de fortalecer e dar credibilidade ao seu discurso. Portanto, o uso de adequadas estratégias de convencimento aumentam a capacidade de persuasão do texto argumentativo.

A inserção de exemplos é uma das estratégias muito empregadas pelos alunos em seus enunciados, talvez pelo motivo de ser um texto escolar. Os exemplos que são contados a partir das informações contidas na memória coletiva e também daquelas retiradas da própria vivência são importantes para a construção da intencionalidade persuasiva do texto. Dessa forma, o discurso do sujeito comporta uma heterogeneidade de discursos que atuam como estratégia argumentativa para convencer o destinatário. A eficiência de uma estratégia

argumentativa está em sua característica explicativa e as múltiplas vozes presentes no discurso contribuem para isso.

Observamos que para a construção dos seus textos, os alunos se valem de algumas estratégias argumentativas com o intuito de convencer o interlocutor. O aconselhamento por meio de exemplos pessoais ou de outras pessoas é uma delas. Agem como se soubessem da importância desse planejamento para fundamentar e realçar suas ideias.

Assim, a busca de referências na própria realidade, como os exemplos pessoais e de terceiros, é bastante valorizada em seus textos. Dessa forma, ao relatar experiências de indivíduos famosos e também de pessoas anônimas com o processo de emagrecimento, esclarece o leitor quanto aos riscos a que está sujeito.

De acordo com o fragmento de texto a seguir (BBF – 1ª texto), o aluno recorre ao exemplo da experiência de emagrecimento de uma prima para ilustrar o seu ponto de vista. Trata-se da descrição de uma faceta da vida de alguém próximo ao enunciador, aspecto que pode reforçar a credibilidade do seu argumento.

(BBF – 1º texto)	Uma prima minha fez um curso de modelo e passou, ela não ganha quase nada mais o sonho dela era ser modelo. Por isso os pais dela deixaram ela cuidar da vida dela. E a cada dia ela está emagrecendo mais, porquê o rapaz que cuida do desfile falou para ela que se ela não ficasse magra totalmente, não teria como desfilar e ela começou emagrecer de mais e todos da família está encabulados.
------------------	--

Esse é um relato rico em informações porque nele aparecem, dialogicamente, a heterogeneidade de vozes de lugares diferentes, além de oposições discursivas relativas às FDs distintas. Pode-se verificar, por exemplo, baseado no enunciado “por isso os pais dela deixaram ela cuidar da vida dela”, que a atitude dos pais em deixar a filha seguir à própria vontade, sugere uma disputa de poder.

Pelo estranhamento da família com o emagrecimento da filha, conforme o dito “e ela começou emagrecer de mais e todos da família está encabulados”, percebemos que os parentes não concordam com a prática alimentar da modelo. Apesar da importância do discurso familiar, nesse embate dialógico, a família não tem forças para demovê-la da idéia de emagrecer exageradamente.

Nessa arena surge a FD do discurso do mundo da moda, materializada pela postura discursiva do agenciador do desfile. Segundo relato do autor do texto, “o rapaz que cuida do desfile falou para ela que se ela não ficasse magra totalmente não teria como desfilar”. De acordo com essa voz, o emagrecimento ao extremo é necessário para a manutenção do emprego de modelo. A própria forma de proceder ao relato, também denuncia o estranhamento do aluno que conta o caso do comportamento da prima. Pelo visto, o autor do texto acha-se inscrito em uma FD diferente que prioriza a saúde do corpo e a manutenção da vida.

Da mesma forma que BBF (1º texto) usa o exemplo como estratégia de convencimento, o aluno TBM (1º texto) vale-se dessa estratégia ao contar o exemplo de uma prima de onze anos que restringe a própria alimentação para emagrecer e poder realizar o sonho de ser modelo.

(TBM – 1º texto)	Eu tenho uma prima de 11 anos que fica de regime intenso. Com o sonho de ser uma modelo, ela deixa de comer chegando ao ponto de desmaiar de fome por falta de uma alimentação adequada. Ela é tão magra que veste as roupas da irmã de 3 anos.
------------------	---

Nesse texto, encontramos a heterogeneidade de vozes vindas do discurso da moda, “sonho de ser uma modelo”; do discurso da saúde, “falta de uma alimentação adequada”; da prima de quem o autor comenta, “regime intenso”; e do próprio autor ao dizer que “ela é tão magra que veste as roupas da irmã de 3 anos”.

De maneira implícita, o autor censura a atitude da prima. Essa censura nos ditos “eu tenho uma prima de 11 anos que fica de regime intenso” e também “desmaiar de fome por falta de uma alimentação adequada”, pode ser entendida como o exercício de uma voz em contra-palavra, ou seja, uma voz discordante.

Esse “regime intenso” ou exagerado a que se refere, é o responsável pela fragilização do corpo da prima. Ao dizer que a debilidade do corpo da garota é pela ausência de “uma alimentação adequada”, pressupõe que há uma maneira conveniente de se alimentar. Pode-se notar, então, uma oposição discursiva: de um lado a exigência do mercado da moda e da mídia por um tipo de corpo; e de outro, a defesa do discurso médico/científico em favor do corpo saudável.

O exemplo, a seguir, de NBD (2º texto) cita pessoas próximas a ele que se curaram da bulimia e da anorexia.

(NBD – 2º texto)	Conheço muitas garotas que viveram esse problema na vida mas por ajuda elas se curaram e hoje estão bem, por que procuraram pessoas que podia ajudar.
------------------	---

O fato de as personagens serem próximas à narradora é um dado importante no processo de convencimento do interlocutor. As curas foram possíveis porque houve a busca de outras “pessoas que podia ajudar”. Há, nesse trecho, a idéia implícita de que o auxílio veio de gente habilitada em conhecimento científico para esse tipo de ajuda. É a valorização da confiabilidade na assistência baseada em princípios equilibrados.

Pode-se também perceber que os prestadores de ajuda olhavam para as garotas com o olhar da moderação, diferentemente da visão da moda que tinham lançado no problema das doenças.

3.3.4 A valorização do discurso científico

O discurso científico tem força social de convencimento e o aluno faz uso dessa voz porque reconhece o seu poder. A citação do argumento de autoridade, ou seja, a opinião de especialistas no assunto abordado é geralmente inserida no texto do estudante com o propósito de referendar o seu ponto de vista. Assim, além de elevar a credibilidade do seu argumento, transfere a responsabilidade do seu dizer àquela voz discursiva autorizada.

Verifica-se também, que os alunos conhecem a diversidade de vozes existentes na sociedade com relação ao cuidado do corpo. Além de conhecê-las, sabem distinguir a filiação ideológica de cada uma delas e conhecem os pontos em que elas divergem. Esse discernimento os torna autônomos para aderirem a uma ideologia ou outra. Alguns alunos, mesmo conhecendo o discurso da alimentação e do exercício físico equilibrados e bem administrados aos diferentes corpos, optam por modelos que contrariam a esses princípios; geralmente, porque buscam resultados imediatos e diferentes daqueles oferecidos pelos padrões da normalidade, mesmo sabendo que essa atitude pode lhes trazer prejuízos irreparáveis.

A prática discursiva da beleza, da higiene e da saúde é comum entre os adolescentes, certamente porque passam por momentos de mudanças no corpo e são mais sensíveis ao olhar do outro. Além do mais, eles estão susceptíveis à heterogeneidade de vozes discursivas vindas da sociedade sobre o cuidado do

corpo. Essa valorização discursiva do cuidado corporal desses jovens justifica o desejo de conseguir a aceitação de determinados grupos sociais, cuja inserção, algumas vezes, passa pelo crivo do olhar do outro sobre o seu corpo.

Dessa forma, procuram enquadrar-se nas FDs dos modelos de corpo estabelecidos socialmente, mesmo porque é a forma do corpo que vai determinar, em algumas situações, a sua aceitação ou não pelo grupo social e até as possibilidades de relacionamento amoroso.

O texto de IA (1º texto) é construído na forma de paráfrase das informações contidas no texto complementar à coletânea (APÊNDICE F).

(IA – 1º texto)	Podemos ter o nosso corpo em forma para isso devemos comer legumes, frutas, pequenas porções de carne vermelha e manteiga, arroz e pão branco pequenas porções, laticíneos ou suplementos de cálcio 1 a 2 vezes por dia, peixe, aves e ovos, alimentos preparados com grãos integrais na maioria das refeições, isso sim precisamos para manter o nosso corpo, outra coisa que nós devemos fazer 1 hora de caminhada diária e tomar no mínimo 8 copos de água ao dia.
-----------------	---

De posse do conhecimento necessário para cuidar da alimentação e do corpo por meio de exercícios físicos, embasada na FD do discurso científico, a aluna assume o papel de quem pode prescrever cuidados à saúde do seu leitor: prescreve a alimentação e acrescenta, “isso sim precisamos para manter o nosso corpo, outra coisa que nós devemos fazer 1 hora de caminhada diária e tomar no mínimo 8 copos de água ao dia”. As recomendações são transmitidas com segurança, manifestada de forma incisiva pelo uso das locuções verbais com os verbos no presente do indicativo seguidos de um no infinitivo, “podemos ter”, “precisamos manter” e “devemos fazer”. A autora age de forma cuidadosa e orienta o leitor detalhadamente, pois pressupõe que seu leitor não conheça a melhor forma de cuidar do corpo. Então, se dispõe a ensiná-lo.

Para construir as versões textuais, a aluna (CHNM – 1º e 2º texto) também apropria-se da FD do discurso científico contido nos textos complementares à coletânea (APÊNDICE E e F).

(CHNM – 1º texto)	Começam a emagrecer e a adoecer, elas emagrecem tanto que dão anemia fortíssima, fica com o cérebro nervoso, os cabelos ficam finos e quebradiços, o coração baixa a pressão sanguínea, os ossos e músculos ficam fracos e fassel de se deslocar, dão pedra nos rins o intestino dá pressão de ventre e enchoso, não mestroom mais. (etc) E assim que chegam a anorexia.
-------------------	--

(CHNM – 2º texto)	Como evitar doenças como boemia e anorexia como emagrecer com saúde. Por exemplo: fazer caminhada, exercícios físicos, não ingerir líquido durante a refeição, evitar doces em geral, Dar preferências a frutas e verduras, ingerir no mínimo 8 copos de água por dia, não realizar lanches intermediários etc...
-------------------	---

Na primeira versão, a autora discorre sobre os sintomas característicos da anorexia. Não se trata de uma pura e simples descrição dos sintomas de uma doença, mas de uma estratégia - ancorada no discurso médico científico - para alertar o leitor sobre o perigo causado pela enfermidade. Percebe-se essa estratégia pelo uso de algumas palavras e expressões que acentuam o estado de gravidade, como “emagrecer e a adoecer, anemia fortíssima, cérebro nervoso, enchoso, não mestroom mais e outros”. A própria escolha das palavras e expressões já demonstra o posicionamento ideológico da autora, de preocupação com a doença.

A heterogeneidade de vozes discursivas está presente no discurso da moda pela magreza; no discurso da autora do texto pelo discernimento das diferentes vozes sobre a temática abordada; e no discurso médico científico com a descrição dos sintomas das doenças e com a prescrição dos cuidados necessários para manter a saúde do corpo.

Na segunda versão, a voz da aluna assume o lugar de alguém que pode orientar e o faz de maneira segura e autônoma, valendo-se do conhecimento do discurso científico observado na coletânea. Por isso, estrutura o seu texto de maneira didática, prescritiva, mostrando os procedimentos que precisam ser seguidos pelo interlocutor para se conseguir emagrecer com saúde. Certamente, pressupõe que o seu leitor comete erros relacionados à alimentação por não possuir informação adequada que possibilite evitar a bulimia e a anorexia.

As versões textuais de TSM (1º e 2º texto) responsabilizam a mídia pela atitude de emagrecimento das pessoas, por usar somente gente magra como modelo em suas peças publicitárias. A enunciadora estranha o fato de não haver modelo gordo no mercado da moda; segundo ela as pessoas gordas não são incluídas nos padrões de beleza da moda, por isso são vítimas fáceis de doenças relativas ao emagrecimento indevido.

(TSM – 1º texto)	Hoje em dia, quanto as mulheres e os homens, acham que devem seguir o caminho da mídia. (...) Para elas agora são só as dietas, é dieta de sopa, é dieta de lua e outras, elas até emagrecem mais parece que nunca estão satisfeitas.
------------------	---

	Para outras tudo se resume em “PARAR DE COMER” pra mim comer agora é so verdura” mais e a carne, a massa e o laticínio? ficam ondem? pois é! acho que elas não se fazem essa pergunta!
(TSM – 2º texto)	Muitas meninas acham que tudo tem a ver com a mídia. “Se aquela atriz cortar o cabelo mais curtoe se o cabelo curto estiver na moda, a menina vai lá e corta também, e se uma atriz ou melhor quase todas as atrizes forem bonitas e magrinhas?” As gordinhas querem ser também!

A enunciadora assume o papel de alguém que tem conhecimento das informações científicas acerca das questões alimentares e passa a transmitir esse conhecimento a quem, supostamente, tem uma visão equivocada sobre o procedimento adequado das dietas alimentares. Parece ter como interlocutor uma colega mais ingênua. Ao dialogar com essa possível colega, o seu discurso adquire maior autenticidade porque perde de vista o interlocutor professor/pesquisador.

Dentro da perspectiva de autoridade questiona as dietas da moda que eliminam componentes alimentares importantes, pergunta, “mas e a carne, a massa e o laticínio? ficam ondem?” Essa pergunta, além de expressar o seu reconhecimento da importância desses itens na composição de uma alimentação idealizada, ironiza o fato dos praticantes de dietas duvidosas não possuírem também a mesma consciência.

O uso da expressão “PARAR DE COMER”, em maiúsculas e entre aspas, pode ser entendido como o emprego de um recurso linguístico que visa chamar a atenção do leitor para o que tem a dizer. Trata-se de uma força de expressão, visto que a pessoa apenas diminui a ingestão de comida. Essa também é uma fala comumente usada por quem passa a comer muito pouco com a finalidade de emagrecer.

Nessa expressão, e na forma como ela foi usada, está o outro discurso da autora, que se mostra contrário ao tipo de dieta alimentar que atenta contra os princípios de manutenção do corpo sadio e da vida. A aluna se aporta, ideologicamente, no discurso médico/científico para a alimentação e o cuidado do corpo.

A enunciadora VAS (1º texto) assume a posição discursiva de superioridade, com voz de verdade sobre a anorexia e faz uso, inclusive, da linguagem médica para falar da evolução da doença como *complicações* que podem “até levar a morte”.

(VAS – 1º texto)	Essa doença pode causar varias complicações e até levar a morte. (...) muitas pessoas fazem dietas por conta própria sem indicação dos nutricionistas.
------------------	--

Trata-se de um texto que condena as dietas feitas sem a devida orientação de um profissional habilitado. Nota-se claramente a aceitação do discurso da ciência nutricional como aquele que é autorizado para tratar das questões alimentares. Pode-se observar que o discurso da ciência é absorvido pela aluna através da mídia e da própria escola.

Em seguida, ao afirmar que as pessoas comuns não sabem fazer o correto balanceamento e a devida administração da dieta alimentar, admite que não se considera uma pessoa comum. A enunciadora deixa implícita a ideia de um discurso catastrófico ao sugerir que a não obediência às regras de uma orientação nutricional adequada, pode levar à morte. Portanto, temos no enunciado uma oposição discursiva: de um lado, o discurso autorizado, representado pelo conhecimento científico; e de outro o discurso leigo, representado pelo improvisado sem a devida preocupação com a qualidade dos resultados finais.

A enunciadora (SGF – 1º texto) acredita que bulimia e anorexia sejam doenças causadas por algum tipo de descontrole emocional e, portanto, as pessoas que padecem dessas doenças necessitam de ajuda psicológica.

Sem essa ajuda as pessoas enfermas terão muita dificuldade para reassumir o controle das suas emoções. A autora do texto reproduz um discurso corrente na sociedade que reconhece o valor do discurso científico da Psicologia no tratamento de pessoas com problemas emocionais. A voz da ciência é uma formação discursiva recorrente na coletânea que repercute nos textos dos alunos.

(SGF – 1º texto)	Eu acho que para ajudar essas pessoas que tem “anorexia e bulemia” precisa de uma ajuda psicológica.
------------------	--

Ao sugerir o atendimento psicológico, a enunciadora (SGF – 1º texto) afirma, implicitamente, que anoréxicos e bulímicos têm problemas emocionais a serem resolvidos.

Ao especificar a faixa etária mais susceptível às doenças próprias do emagrecimento, a aluna (GMS – 2º texto) chama a atenção para a incidência dessas enfermidades entre adolescentes e jovens, que levam muitos deles à morte. Para

falar do assunto, a autora absorve a voz de autoridade da ciência e da mídia sem perceber o quanto estas têm poder de convencimento.

(GMS – 2º texto)	A maioria deles já sabem dos riscos que correm, mas mesmo assim fazem tudo pela moda. As dietas que essas pessoas costumam fazer são muito perigosas. (...) Hoje a maioria dos casos são em adolescentes e jovens de 13 à 30 anos, e muitos já morreram por causa dessas doenças, pois eles mesmo fazem sua dieta sem ajuda de um nutricionista.
------------------	--

Em sua narrativa sobre a relação dos adolescentes e jovens com a anorexia afirma que “a maioria deles já sabem dos riscos que correm”. Esse conhecimento que os jovens possuem sobre o risco de emagrecer descontroladamente é adquirido por meio dos discursos da mídia e da escola. Portanto, o enunciado da aluna é constituído por uma heterogeneidade de discursos que estão presentes na mídia, na moda, na escola e no conhecimento científico da nutrição.

No seu entender, são esses sujeitos da sociedade os que mais sofrem com o descontrole da dieta alimentar. Além do mais, traz implícita no texto a informação de que esses grupos elaboram a própria dieta propositadamente, por conta própria, sem acompanhamento de um profissional da nutrição. Certamente, tomam essa decisão porque desejam resultados mais rápidos no emagrecimento e mais próximos do padrão imposto pela indústria da moda. Dificilmente conseguiriam esses objetivos com a dieta prescrita pela orientação nutricional, visto que o tempo a ser gasto e a quantidade de peso a perder são avaliados e administrados.

3.3.5 Perguntas retóricas/reflexivas

Ao analisarmos os textos dos alunos, verificamos que eles usam com frequência a estratégia argumentativa de construírem seus enunciados com perguntas e respostas, como uma influência da sistemática de ensino e avaliação da própria escola. Em algumas situações, mesmo sabendo a resposta, deixam-na por conta do leitor. Obviamente, não esperam uma resposta imediata do destinatário, pois se trata de uma estratégia de chamar a atenção do interlocutor e convidá-lo à reflexão. Esta estratégia serve também para empregar sentido crítico e irônico ao enunciado.

O enunciador (NGA – 1º texto) começa o texto com uma pergunta retórica e logo em seguida com a sua resposta procede à busca de uma interlocução com o

leitor. Esse tipo de pergunta não exige uma resposta direta do destinatário. Antes, serve para que ele reflita e responda a si mesmo. Por outro lado, a estratégia da pergunta retórica é útil para que o autor desperte a atenção do interlocutor e o instigue a participar do diálogo.

(NGA – 1º texto)	Você sabe o que é anorexia ou a bulimia? Bulimia é o caminho que é percorrido, por muitas modelos que querem a fama, que submetem a tudo para serem famosas.
------------------	--

Ao estabelecer uma interação dialógica com o seu interlocutor, o autor convida-o a cooperar ativamente na construção do diálogo. No sentido bakhtiniano, esse tipo de ação é chamado de atitude responsiva ativa, em que locutor e o interlocutor participam, dialogicamente, da efetivação do discurso. A participação do leitor no discurso insere mais uma voz no processo heterogêneo do discurso, que se une às outras já presentes: a da medicina, “Você sabe o que é anorexia ou a bulimia?”; a da moda, “modelos”; e a da mídia, “a fama, que submetem a tudo para serem famosas.”

Antes de formular uma pergunta, usada como estratégia argumentativa, o locutor procura construir uma formação imaginária do seu interlocutor e por meio dela avalia os seus efeitos responsivos. Assim, ao escrever o texto, o aluno elege como destinatário outro jovem que não sabe o que são anorexia e bulimia e o grupo de pessoas mais susceptível a elas. O interlocutor, por sua vez, ao receber a pergunta, também deve construir uma formação imaginária do emissor e procurar entender as intenções da pergunta.

Esse é um processo que leva as duas partes à reflexão sobre um tema conhecido ou não pelos interlocutores. Dessa forma, a interrogação leva o leitor a buscar, em sua memória, informações que respondam à pergunta recebida, muito embora essa resposta não seja aquela esperada pelo emissor. Trata-se, portanto, de uma resposta que pode ser dada ou não pelas partes, mesmo porque essa resposta está presente em sua compreensão da realidade, tendo em vista o seu conhecimento acerca das diferentes vozes encontradas na sociedade.

A tônica da primeira versão de TBR é apresentar a bulimia e a anorexia como resultados de uma alimentação inadequada baseada no senso comum. Na segunda versão (ANEXO M), numa mudança de papéis, a aluna dedica-se a orientar

o leitor quanto a uma alimentação que siga os padrões nutricionais defendidos pelo conhecimento científico, visando o benefício e não o dano ao corpo.

(TBR – 1º texto)	Hoje estaremos falando de um tema serio muito serio mesmo sabe porque? porque vamos falar sobre (anorexia e bulimia) que e uma picicologica que faz com que adolecêntes comecem, a achar que estão gordas e começam a para de comer isso faz com que eles emgreçam ate a morte.
------------------	---

A autora apropria-se, então, da coletânea (APÊNDICE F), que diz respeito aos cuidados alimentares e físicos necessários ao bom funcionamento do corpo. Ao fazer a pergunta no início do texto, não espera a resposta imediata do leitor, o que não deixa de ser uma operação dialógica. Aliás, a pergunta atua de forma a despertar o interesse do interlocutor para com o tema e trazê-lo para o discurso, a fim de que a sua voz se una às demais presentes no texto.

Pela maneira de conduzir a apresentação dos argumentos, a autora parece acreditar que o seu destinatário não se alimenta de forma adequada. Esse comportamento alimentar inadequado pode ser pela falta de informação, problema que a aluna se propõe a resolver com as sugestões apresentadas; ou pode ser uma decisão deliberada, de cunho ideológico.

Ao usar a pergunta retórica, a enunciadora (MPFN – 1º texto) chama a atenção do leitor para as suas reflexões.

(MPFN – 1º texto)	Acho que e 100% influência da moda, colocam aquelas mulheres sexy para fazerem comerciais, desfilarem, enfim, torturar as que se acham feias. Mas será que essas garotas que fazem esses comercial são realmente bonitas? Há algumas pessoas que não vêem a beleza física, mas sim a beleza que há por dentro. (não são os médicos/cirurgiões)
-------------------	--

Quando afirma, por exemplo, que a mídia coloca em seus comerciais e desfiles *mulheres sexy*, chama a atenção do interlocutor para a questão de que a sensualidade está estreitamente ligada à promoção do comércio, especialmente o da indústria da moda. E, ao afirmar que as *mulheres sexy* torturam as *feias*, dá uma noção do valor de opressão que a sexualidade assume nas relações sociais. Percebemos aqui a FD da mídia sobre o conceito de beleza de uma mulher, influenciando a FD da sociedade que passa a considerar feias as mulheres que não se enquadram ao seu padrão de beleza.

É o jogo da sedução que movimenta o processo de aceitação ou não da forma natural dos corpos. As mulheres e os homens parecem ter a necessidade de se sentir bonitos e atraentes, de acordo com a forma de corpo prestigiada socialmente, e sentem-se mal quando não se acham enquadrados no modelo sedutor estabelecido pela moda e pela mídia. Mesmo que esse modelo de sedução não esteja associado à boa saúde e ao bem estar pessoal, como pode ser observado no questionamento feito pela autora: “será que essas garotas que fazem esses comercial são realmente bonitas?”

A pergunta feita no texto da aluna traz implícito o questionamento do conceito de beleza. O que é ser belo? O enunciado apresenta duas concepções de beleza igualmente apreciadas pelas pessoas: uma física, estética, visível, exterior e a outra, interior, espiritual, invisível, que pode ser percebida apenas do ponto de vista da abstração. Há aqui duas FDs em oposição. A FD de valorização da beleza estética pregada pela mídia e a outra FD valoriza a beleza gerada pelo sentimento de bem-estar, de natureza subjetiva.

Finalmente, a autora questiona, em forma de ironia, a capacidade da ciência médica de conhecer a beleza do interior humano. Demonstrando consciência dos jogos discursivos presentes nos ditos e não-ditos, trata metaforicamente da beleza externa e da interna, para causar o efeito de sentido pretendido.

Os médicos, detentores do conhecimento médico/científico autorizado, pelo que se pode depreender do texto, conhecem o corpo humano por dentro, o das vísceras. Porém, não é essa forma interior de beleza que a enunciativa se refere, mas ao íntimo das pessoas. Há aqui uma mudança de paradigma em relação ao modelo social vigente, visto que a aluna busca valorizar mais as qualidades do caráter e da personalidade do que as qualidades estéticas do corpo.

O enunciado da aluna (LFS – 1º texto) apresenta vozes de algumas FDs, como a do discurso da medicina sobre as doenças que se alastram e suas possíveis causas; do discurso do comércio sobre a numeração das roupas que é cada vez menor; de maneira implícita, há o discurso da moda que dita os padrões a serem seguidos (pelo comércio e pela sociedade); e o discurso da autora que se contrapõe ao fato de que as roupas expostas à venda sejam em modelos cada vez menores e desconsiderem o público das “gordinhas”.

(LFS – 1º texto)	Mas porque essa doença esta se alastrando cada dia mais? Por que as roupas estão vindo mais justas cada vez mais apertadinha, e como fica as “gordinhas”?
------------------	---

Segundo o que pode ser subentendido no enunciado, essa escassez de ofertas de roupas maiores no comércio exerce, indiretamente, uma pressão a favor do discurso do emagrecimento sobre o público que veste numerações mais altas.

A visão da autora é a de adesão ao discurso de oposição crítica ao modelo de numeração das roupas, além de trabalhar com vozes do interdiscurso. Coloca em jogo a pressão social pelo modelo de corpo ideal e as necessidades humanas de possuir determinadas vestimentas. Trata-se de uma compreensão, por parte da autora, do exercício do poder midiático e do comércio sobre as pessoas.

Ao se referir às pessoas obesas como “gordinhas”, no diminutivo e entre aspas, procede a uma escolha lexical que lhe possibilita expressar-se com mais polidez, evitando constranger esse grupo. A palavra “gordinhas”, que nesse caso é de natureza polifônica, pode ser empregada para referir-se a pessoas com média gordura, e, no presente caso, parece referir-se a pessoas obesas, que têm dificuldade de encontrar roupas que lhes sirvam.

Com esse posicionamento tomado de forma planejada e consciente, inscreve-se no discurso do politicamente correto. Esse discurso ideológico está presente na sociedade contemporânea como forma de tratamento aos grupos e pessoas que são ou se portam diferente do que, majoritariamente, a sociedade considera normal. Essa forma de dizer pode ser também entendida como ambiguidade, pois o controle do que pode ser dito ou não leva à muitas vezes a dizeres hipócritas.

De acordo com o fragmento de texto de VAS (1º texto), muitas pessoas querem ser iguais às modelos vistas na televisão. Sujeitam-se às orientações da mídia, da moda, do comércio e da sociedade, mesmo contrariando a lógica da boa saúde, para terem visibilidade e aceitação social.

(VAS – 1º texto)	Muitas pessoas por causa da chamada “ditadura da moda” querem ser aquelas modelos magérrimas que vemos na televisão. Porquê somos assim? Porquê é tão difícil nos sentirmos bem com nós mesmas e com o nosso próprio corpo? Porquê somos tão exigentes com nós mesmas? Porque a sociedade quer que sejamos as barbies da sociedade. Porque a mídia quer que sejamos assim.
------------------	--

Diante disso, as perguntas reflexivas ou retóricas atuam como elementos que mostram uma voz do inconformismo contido no enunciado e a submissão à força dessa FD. Ao pregar a satisfação pessoal com o próprio corpo, a autora inscreve-se no discurso da resistência ao modelo corporal imposto. Mesmo porque, todo discurso se realiza numa oposição de vozes em contradiscurso.

Assim, o não ser tão exigente consigo mesma, significa mais equilíbrio nas decisões relacionadas à alimentação e a consequente prudência diante das medidas de emagrecimento. Para isso, é preciso contrariar a vontade da sociedade e da mídia. Esse processo de contrariedade encerra um diálogo entre FDs em que uma prevalece sobre a outra.

3.3.6 Interlocução, dialogismo e perspectiva do outro

Os sujeitos sociais que estudamos relacionam-se dialogicamente em vozes que frequentam nosso meio social. É nesse relacionamento e pela interlocução que vamos perceber a atenção para o olhar do outro, como sujeitos constituintes. Além do mais, com os seus olhares, atuam na constituição do outro. Assim, de acordo com Barros (2005, p. 28) “A alteridade define o seu humano, pois o outro é imprescindível para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro.” Portanto, em seus textos, os sujeitos manifestam uma pluralidade de vozes, uma polifonia de discursos que vão indicar a heterogeneidade de cada sujeito enunciatador.

Em Bakhtin, temos a dialogia que marca a relação interativa por meio das palavras. Mas podemos ver também que a interação a partir da perspectiva visual indica vertentes que tecem as heterogeneidades. Os alunos dizem a partir de focos e olhares diferentes. O que vem a seguir é a nossa identificação dos diferentes olhares presentes nos discursos dos alunos.

A aluna (IA – 1º texto) inscreve-se na FD religiosa de tradição judaico-cristã, para a qual cada corpo é objeto da ação criadora de Deus.

(IA – 1º texto)	Acho isso uma bobeira, tentar emagrecer, precisamos ficar satisfeitos com o corpo que Deus no Deu.
-----------------	--

A criação particularizada, então, dá identidade heterogênea constitutiva aos sujeitos, o que justifica a diferença dos biotipos encontrados na sociedade. Dessa

maneira, a enunciadora tem a percepção das oposições discursivas e adere aos discursos do conformismo, do contentamento e de aceitação da suposta naturalidade do corpo. Aceitar os desígneos divinos indica um posicionamento de conformismo religioso e social.

O posicionamento da autora é contrário ao que é defendido pela FD da moda e da mídia ao declarar que o emagrecimento para atender às suas vozes é *uma bobeira*. Assim, procede à valorização de mostrar um olhar satisfeito e conformado de si para si, capaz de trazer a própria felicidade. Esse discurso da passividade, talvez seja até resultado de uma alienação em relação ao discurso da moda.

De acordo com o fragmento, a seguir, VAS (2º texto) prega a resistência ao discurso social. Em contraposição, diz que as pessoas não devem tratar dos seus corpos baseadas no modelo consensual da sociedade e sim buscarem antes de tudo a satisfação pessoal e o resgate do amor próprio. É a valorização do próprio olhar sobre si mesmo, sem a interferência do olhar do outro. Esses posicionamentos mostram como a heterogeneidade convive em nossa sociedade, inclusive na sala de aula.

(VAS – 2º texto)	Devemos pensar mais em nós pararmos de nos preocuparmos com o que as pessoas vão pensar. Devemos nos gostar.
------------------	--

Os discursos dos indivíduos em sociedade procuram controlar as ações dos outros indivíduos, e tentam evitar o controle sobre si. Mesmo aquelas ações relacionadas aos corpos. Portanto, se antes o olhar de Deus devia determinar um comportamento, agora o olhar sócio-discursivo do outro exerce importância na construção da imagem ideal de corpo que se tem de si.

Nesse sentido, a percepção de outrem determina o tipo de atitude a ser tomada pelos sujeitos para a construção das suas aparências físicas. Essa percepção, pois, tende a seguir princípios de padronização e não se importa com o bem-estar geral das pessoas. Ao dizer “devemos pensar” já soa como resposta ao discurso de que não se pensa em si, mas na voz alheia e aponta para a interação existente.

Ao citar um exemplo de uma novela televisiva, programação de amplo alcance de público e construída de forma a dar a impressão de realidade ao

telespectador, a aluna (NBD – 1º texto) vale-se da estratégia de apoiar-se em um lugar discursivo de credibilidade popular para validar o seu discurso.

(NBD – 1º texto)	Um exemplo disso foi na novela “Paginas da vida uma mãe que queriam que sua filha seja uma bela bailarina.
------------------	--

Dessa forma, reforça o argumento de que pessoas são pressionadas por FDs familiares para buscarem o emagrecimento. Essa pressão ocorre por meio de censuras abertas e veladas à estética corporal do parente. Ou seja, é o olhar da família determinando o tipo de corpo que o outro deve ter.

Os textos de LHTM (2º texto) e de GMS (2º texto) argumentam que há pessoas que buscam o emagrecimento em obediência aos colegas e à mídia. É o olhar da mídia e dos outros sobre si. Vozes em oposição e vozes entrecruzadas.

(LHTM – 2º texto)	Essas pessoas, fazem esse tipo de coisa por causa dos outros, eles não fazem por conta própria faz por causa da mídia, por causa dos colegas.
(GMS – 2º texto)	A maioria deles já sabem dos riscos que correm, mas mesmo assim fazem tudo pela moda.

Na verdade, essas pessoas têm consciência dos problemas advindos dessa decisão, mas se sentem constrangidas em atender aos desejos alheios, pelos quais são controladas. Em contraposição, os alunos defendem a valorização da vontade individual, que cada pessoa tome e assuma a decisão que lhe pareça melhor, ou seja, a valorização do próprio olhar sobre si mesmo.

Pode-se afirmar que há, na sociedade, a FD que tende a ser favorável ao corpo magro. Assim, a forma de constituição corporal passa a ser valorizada nas relações sociais. É natural que esse discurso influencie os sujeitos, que passam, então, a olhar os seus próprios corpos com o mesmo parâmetro do olhar social.

Em vista desse olhar sobre si mesmo influenciado pela ótica do outro é que vem o inconformismo com a forma do próprio corpo, como aparece no fragmento do texto enunciado por SGF (1º texto), logo a seguir:

(SGF – 1º texto)	uma adolescente de 14 anos encucou que estava gorda e ela queria que queria esmagreecer, ai ela procurou os amigos dela como que ela fazia para esmagreecer ai eles disse para ela tomar limão ai nisso ela começou a tomar todo dia agua com limão. Ai o corpo dela não aguentou por que ela tava muito fraca e por que também ela não comia nada ai Deu uma bulemia muito forte nela ai ela não aguentou e ela faleceu.
------------------	---

Quando a adolescente de 14 anos busca a orientação dos amigos e interage quanto a um programa de emagrecimento, procura também uma avaliação discursiva deles acerca da estética do seu próprio corpo. A necessidade de emagrecer, então, lhe é imposta e dirigida pelo olhar dos amigos. O mesmo ocorre quando, no início do fragmento do texto, a garota lança o olhar sobre si mesma e se vê gorda. Essa sua visão é influenciada pela percepção que os outros têm a seu respeito.

Temos presente nesse fragmento de texto duas FDs: uma do senso comum, que acredita na eficácia da ingestão de água e limão para se conseguir o emagrecimento; e, em contra-palavra, a FD médico/científico que prega métodos racionais e equilibrados para o emagrecimento, visando o bem estar do corpo.

A autora deixa subentendido que compreende o jogo discursivo e consegue situar as FDs que apresenta nos enunciados. Ao dizer que, por causa da pouca alimentação “Deu uma bulimia muito forte nela ai ela não aguentou e ela faleceu”, traz implícita a opinião contrária do narrador às práticas alimentares não autorizadas pelo discurso científico. É como se dissesse que, quando se obedece às opiniões não autorizadas pelo campo da saúde, as possibilidades de resultados trágicos são reais.

As alunas (CHNM – 1º texto e MPFN 2º texto) inserem em seu enunciado vozes de pessoas insatisfeitas com a forma dos próprios corpos. Essa insatisfação é gerada pelo olhar de reprovação do comércio de roupas com relação aos diversos tamanhos de corpos.

(CHNM – 1º texto)	muitas vezes acontece da garota querer comprar uma calça, e não cair bem então elas dizem “há eu estou muito gorda.” [...] mais na maioria dos casos são as calças que vem um pouco apertada por exemplo: “Eu vou La na loja e compro uma calça e meu numero pode ate ser 36 (trinta e seis) na etiqueta o numero pode ate ser 36 mais na verdade não e, o numero pode ser um 34 ou 38 por ai.”
(MPFN – 2º texto)	Se pelo menos a mídia olha-se o esforço que as pessoas fazem para emagrecer, mas não, elas fazem e criticar mais ainda, a mídia só quer que você compre o que ela oferece e fique do jeito que ela quer.

Esse olhar mostrado pela diminuição e aumento equivocado no tamanho da numeração de calças exerce uma poderosa pressão pelo emagrecimento dos seus clientes. Para se verem vestidos com essas roupas, então, aceitam passivamente e se submetem à perda de peso.

O enunciado de MPFN (2º texto) ao dizer que “se pelo menos a mídia olhasse o esforço que as pessoas fazem para emagrecer [...] a mídia só quer que você compre o que ela oferece e fique do jeito que ela quer”, estabelece sintonia com a pergunta da coletânea. Essa questão indaga se a mídia e a moda influenciam as pessoas, tece críticas à insensibilidade da indústria da mídia com relação ao sacrifício feito pelas pessoas para emagrecerem. Esse esforço pela perda de peso, naturalmente, resulta em necessidades de compra dos produtos que são nela veiculados.

Ao iniciar a primeira versão do texto, MPFN (1º texto), enuncia que não é médica para falar sobre as doenças anorexia e bulimia. Na oportunidade, além de reconhecer o discurso médico como voz de autoridade sobre o assunto, exime-se de possíveis afirmações equivocadas que possa emitir no decorrer do texto. Com essa atitude, sente-se também livre para apropriar-se dessa voz de autoridade científica para orientar o seu leitor.

(MPFN – 1º texto)	Anorexia e bulimia. Não sou médica para falar deste assunto por isso vou dizer somente o que penso, dar a minha opinião.
(MPFN – 2º texto)	Para emagrecer saudavelmente é simples! Só basta você fazer exercícios físicos e se alimentar de acordo com o que os médicos dizem.

No final da segunda versão de MPFN, o enunciado já não apresenta a dúvida discursiva do início do primeiro fragmento, quando a enunciativa diz não ser voz autorizada para falar sobre o assunto. Nessa parte, a aluna assume a posição de porta-voz do discurso médico pelo emagrecimento saudável, voz discursiva que administra os exercícios físicos e a alimentação visando ao bom cuidado do corpo.

“Para emagrecer saudavelmente é simples!”. Essa afirmação de MPFN traz implícita a ideia de que sem o discurso médico o processo de perda de peso pode ser complexo e prejudicial à saúde. Essa hipótese, aliás, vai ao encontro do anseio social de racionalização e normalização dos procedimentos de emagrecimento.

Em forma de discurso indireto livre, a aluna (MPFN – 1º texto) insere a voz outra, do interdiscurso, de uma personagem anoréxica em seu enunciado, ao dizer que elas, as anoréxicas, “são lindas como anjo”.

(MPFN – 1º texto)	Uma vez vi no depoimento de uma anorexia que elas são lindas como anjo. Eu não sabia que um anjo era doente, deprimido e assustador.
-------------------	--

O diálogo que se passa no íntimo da autora, ironiza essa afirmação ao questionar o conceito de beleza de anjo. Notam-se aqui, duas vozes discursivas divergentes. A primeira, da personagem anoréxica, para quem a beleza é frágil e delicada como a figura de anjo e a segunda, do discurso para quem a beleza angélica não é decadente. Fica, então, implícita a ironia quando a anoréxica olha para si e se acha bonita. Por outro lado, é considerada feia quando vista pelo enunciador do texto. A enunciativa percebe a heterogeneidade discursiva que permeia o contexto sócio-histórico.

O aluno (TBM – 2º texto) preocupa-se com a enunciação e quer saber se o interlocutor compreende as informações transmitidas em suas versões textuais. Ao usar “captô”, busca o diálogo, insere a interação num reforço do contato comunicativo com o leitor. Portanto compreende a heterogeneidade dos discursos com os quais convive.

(TBM – 2º texto)	Captô! Não va pela cabeça dos outros seja você mesmo, não seja igual seja diferente e principalmente use a cuca.
------------------	--

Essas informações dizem respeito aos sintomas e aos riscos da bulimia e da anorexia, às possibilidades de prevenção contra elas e às possíveis relações de influência ideológica, trazidas pela mídia e pela moda.

Em discurso de oposição, o enunciador insiste para que o leitor não siga a opinião dos outros no sentido de atender ao apelo social pela padronização dos corpos, mas que ouse ser diferente do modelo socialmente imposto. Para isso, o interlocutor deve manter o seu corpo da forma como é, natural. Esse é um posicionamento de resistência do aluno ao discurso de padronização predominante na sociedade. Ele aconselha ainda que não se considere a percepção do outro para o cuidado do corpo, mas as orientações do próprio olhar.

A enunciativa (CHNM – 2º texto), no texto a seguir, assume a posição de superioridade discursiva e orienta o seu leitor indicando o modelo de emagrecimento saudável. Este, por sua vez, é o discurso científico, que garante ao interessado a manutenção da saúde do corpo, dentro de medidas razoáveis.

(CHNM – 2º texto)	Então pense duas vezes ou ate mais na sua forma de emagrecer e vai por mim vai na forma mais saudável.
-------------------	--

Os fragmentos de texto, a seguir, fazem uso da injunção, que pode ser entendida como o olhar do autor sobre o leitor, no intuito de convencer o seu interlocutor a concordar com seu discurso.

(BBF – 2º texto)	Vamos parar com isso e vamos nos unir contra a Bulemia e Anorexia! Diga não a Anorexia e Bulemia!
(TBR – 2º texto)	Gente vamos acorda anorexia não e brincadeira não se não ajudar quem precisa vai acabar morrendo vamos para para pensar, não so em você mas nas outras pessoas.
(TBR – 2º texto)	Pence e repence.
(TBM – 1º texto)	Se você jovem não se cuidar a anorexia e a bulimia pode te matar.

Os discursos procuram estabelecer um diálogo com o outro social. Assim, os enunciados são construídos visando estimular uma ação transformadora do outro. Para tanto, utilizam-se de verbos no modo imperativo e recorrem a uma linguagem próxima àquelas dos panfletos ou *slogans*, com a nítida intenção de impactarem o receptor.

Os autores citados elegem a anorexia e a bulimia como inimigas comuns e recorrem ao uso de palavras e expressões que deixam essa ideia bem clara. Recorrem ao repertório de palavras relativas ao campo semântico da luta, da batalha ou do conflito, para a construção do efeito de sentido que pretendem.

Em seu enunciado, (TBR – 2º texto) anuncia que a doença “não é brincadeira”. Em outras palavras é como se tratasse de um assunto que merece cuidados especiais. O aluno TBM (1º texto) acrescenta que “a anorexia e a bulimia pode te matar”. O tom alarmante usado por ambos funciona como uma estratégia de convencimento, transmitindo a mensagem de que a prática inadequada de emagrecimento pode trazer consequências sérias para o corpo, inclusive a morte.

O aluno BBF (2º texto) convoca a todos para uma batalha contra essas doenças em tom conclamatório: “vamos nos unir contra a Bulemia e Anorexia!”. A união de todos, pedida pelo aluno, contra essas enfermidades pode ser considerada uma não obediência aos padrões impostos pela moda e pela mídia para com os corpos das pessoas. De maneira implícita, está a aceitação do discurso do equilíbrio e da boa saúde encontrados no discurso médico/científico.

A mídia é mencionada nos textos, a seguir, como instância promotora de um discurso homogeneizante voltado para o cuidado do corpo e da beleza.

(TSM – 1º texto)	Se ninguém tomar atitude a mídia vai ganhar e a gente vai perder.
(VAS – 2º texto)	Na verdade eles não estão nem aí se você vai morrer ou não.
(TBM – 1º texto)	Na minha opinião, quando eu vejo esses casos eu fico chocado com as meninas que fazem tudo que a mídia manda.

Para estabelecer a prevalência desse discurso numa sociedade que possui características corporais e de beleza heterogêneos, a mídia assume uma postura de pouca sensibilidade em relação aos indivíduos. O interesse comercial é colocado acima da saúde e até mesmo da vida das pessoas. Essa falta de bom senso da mídia é assim pensada por VAS (2º texto): “na verdade eles não estão nem ai se você vai morrer ou não”.

O enunciado de TSM (1º texto) não espera um futuro animador para a humanidade porque vislumbra uma sociedade composta de pessoas magras e doentes. Enfermas, mas consumidoras dos produtos oferecidos pela mídia. Para impedir que o discurso do consumo prevaleça sobre o bem-estar das pessoas, de acordo com o contexto do texto integral da aluna (ANEXO U), somente uma oposição discursiva partilhada socialmente seria capaz de vencer esse poder. Por isso, acredita na força do convencimento do outro pela informação e pelo aconselhamento.

Portanto, os alunos mostram-se conscientes do jogo discursivo existente na sociedade, ou seja, do cenário de oposição discursiva no qual estão inseridos. Em vista disso, eles são capazes de identificar, analisar e situar esses movimentos ideológicos, posicionando-se convictamente e com autonomia.

Os alunos NGA e NBD, de uma maneira geral, reafirmam a existência da pressão discursiva da mídia sobre os sujeitos, fazendo-os buscar o emagrecimento.

(NGA – 1º texto)	A anorexia ou bulimia não só atinge mulheres, mas também homens que são sim influenciados pela mídia.
(NBD – 2º texto)	Vivemos no mundo onde a mídia e a publicidade nos pressiona, pressiona se você é gordo se você é feia se você é magros e outros (...) Ninguém manda em nosso corpo, por que, quem pode nos mudar é nos mesmo, é nosso bio tipo é de cada pessoa cabe a nós aceita e viver em paz.

Os autores pregam a resistência a esse poder, ao apresentarem a possibilidade de tratamento médico, nutricional e psicológico para o combate à anorexia e à bulimia, além da manutenção de uma dieta alimentar balanceada e

exercícios físicos moderados. E deixam claro que os sujeitos precisam valorizar o olhar de si sobre si mesmos, respeitar a própria constituição física e ser autênticos em seus posicionamentos com relação ao corpo. Esses procedimentos são fundamentais para se lutar contra as referidas doenças, consideradas pelos autores como inimigas a serem vencidas. Portanto, em seus textos observa-se a valorização da vida saudável, feliz e harmoniosa que resulta de comportamentos e ações equilibradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo dessa pesquisa constitui-se em levantar e tentar compreender alguns aspectos formais e discursivos presentes em pares de textos colhidos de alunos da última fase Ciclo III, de uma escola pública municipal de Goiânia, no mês de novembro de 2009. Para escreverem seus textos, os alunos basearam-se em textos e imagens selecionadas para a pesquisa, que relacionam a possível influência da mídia e da moda com a constituição do corpo das pessoas.

O *corpus* da pesquisa compõe-se de 15 pares de textos sobre os quais nos debruçamos para investigar os aspectos discursivos mais recorrentes. Como não foram estabelecidas hipóteses, as ocorrências consideradas mais significativas encontradas no *corpus* do trabalho direcionaram-se à investigação.

Verificamos que os alunos-autores produziram dois enunciados em um intervalo de nove dias, dando continuidade ao tema do primeiro texto e mantendo o aspecto de uma mesma enunciação. Isso, apesar de não terem acesso à coletânea que lhes serviu de base para a primeira produção. Mesmo assim, é possível ler os dois textos como se tratassem de um mesmo texto. Cooperam para isso, a coerência e a coesão estabelecidas entre as produções textuais. Assim, compreendemos que o processo de produção textual pode desenvolver-se em dois episódios de elaboração diferentes, sem grande perda do sentido.

Como houve a manutenção do tema do primeiro para o segundo texto, é provável que os alunos tenham entendido que pudessem continuar o desenvolvimento da ideia iniciada anteriormente. Dessa forma, não revisam o texto e nem o reescrevem, mas complementam no segundo, as informações iniciadas por ocasião da escrita do primeiro.

Por outro lado, esse procedimento dos autores pode ser considerado uma releitura, visto que dialogam com o momento de enunciação anterior, ou seja, com a memória da aula passada. Mas não é só isso. Os alunos estabelecem também, nas duas versões, uma relação dialógica com as informações dos textos da coletânea de acordo com o conhecimento de mundo que possuem. Na segunda versão, o diálogo é estabelecido normalmente com o primeiro texto.

A descoberta de que os alunos são capazes de estabelecer relação de continuidade entre duas aulas distanciadas pelos dias, mesmo quando há outras

aulas e outros conteúdos nesse intervalo de tempo, nos permite afirmar que é possível ao professor de língua materna trabalhar a produção de textos com os seus alunos, em momentos diferentes, utilizando a mesma temática. Esse procedimento contribui para que o aluno amplie seu conhecimento acerca do assunto abordado e desenvolva habilidades linguísticas e discursivas.

Certamente os estudantes têm essa compreensão devido às condições de produção textual a que foram submetidos. Eles sabiam que haveria dois encontros para a escrita do texto em primeira e segunda versão. Esses dois momentos alteram a rotina das aulas de Língua Portuguesa, pela movimentação diferente e a incomum presença do pesquisador em sala de aula. Esses podem ser alguns dos motivos pelos quais fazem da segunda versão uma continuidade ou complemento da primeira.

Pode-se entender pela análise dos textos que os dois momentos de escrita são dois enunciados diferentes porque eles, bem como as suas condições de existência, não se repetem. O que une os dois enunciados é a presença do mesmo tema. A enunciação comumente compartilhada é de natureza relativamente estável.

Verificamos que os alunos são capazes de reconhecer a diversidade de vozes presentes na sociedade, neste caso, as relacionadas com o cuidado do corpo. Além de identificá-las, percebem o posicionamento ideológico heterogêneo presente nelas, bem como os pontos de divergência entre essas vozes. A partir da constatação de que os alunos são conscientes do jogo discursivo existente na sociedade, ou seja, do cenário de oposição discursiva no qual estão inseridos, observamos que eles são capazes de se posicionar criticamente e com relativa autonomia diante dos discursos.

Podemos dizer que há a presença da contrapalavra ou de uma voz discordante nos discursos de alguns dos alunos. Como o ambiente social é povoado de vozes em oposição, quando os alunos percebem essas oposições discursivas e são capazes de posicionarem-se criticamente diante delas, pode ser um sinal de que eles melhoram na interação e na compreensão dos discursos que circulam na sociedade e, conseqüentemente, na produção dos seus textos.

Os alunos se valem de sofisticados recursos argumentativos e usam diferentes estratégias com a finalidade de convencer o leitor acerca do que têm a dizer. Eles buscam referenciais na própria realidade por meio de exemplos pessoais

e de terceiros a fim de aconselharem o leitor; fazem uso de ironia com o intuito de produzirem efeitos de sentido; enfatizam suas ideias por meio do uso expresso de sinais gráficos como parênteses, aspas e exclamação; constroem orações apelativas colocando-se na posição discursiva de quem pode ordenar ou sugerir e formulam perguntas reflexivas, visando o comprometimento do leitor com as suas respostas.

Nesse processo de construção dos argumentos e das estratégias, colocam-se no lugar do interlocutor dos seus textos. A partir desse lugar, antecipam-se aos anseios, opiniões e questionamentos do leitor para, assim, terem melhoradas suas operações de convencimento.

Notamos também que a mídia e a moda, geralmente, são mencionadas nos textos dos alunos como instâncias promotoras de um discurso homogeneizante voltado para o cuidado do corpo e para a promoção da beleza. Os alunos entendem que a mídia e a moda assumem uma postura de pouca sensibilidade em relação aos indivíduos, inclusive colocando os interesses comerciais acima da saúde e até mesmo da vida das pessoas. Esses lugares discursivos buscam estabelecer seus discursos homogeneizantes numa sociedade que possui características discursivas de beleza e de corpo heterogêneos.

Sabemos que as condições de produção representam um fator essencial no comportamento do aluno durante a escrita do texto. Portanto, as atitudes de censura e resistência encontradas nos textos dos alunos com relação aos discursos da mídia e da moda, foram motivadas pelos textos e imagens da coletânea que eles receberam dos orientadores para a construção dos seus textos.

Nosso estudo consegue entender alguns aspectos do complexo campo da pesquisa textual e da pesquisa linguística. Contudo, consideramos que ainda é preciso haver mais estudos para que o tema seja melhor abordado e compreendido. Mesmo porque, durante a realização da pesquisa algumas perguntas emergiram das análises e não foram respondidas. Esperamos que o levantamento das questões a seguir, sirva de sugestão para futuras investigações.

a) Os alunos da última fase do Ciclo III, ao construírem os seus textos, vão sempre aderir aos discursos implícitos apresentados na coletânea de textos e imagens selecionadas pelo pesquisador?

b) Pelo que pudemos observar, os alunos distinguem as diferentes FDs presentes na sociedade e sabem *jogar* com elas e se posicionam diante dos discursos. Suspeitamos, porém, que essa flexibilidade discursiva dos alunos, atende às suas conveniências. Portanto, como diferenciar a autêntica postura crítico-autoral em textos estudantis da simples atitude de submissão e amplificação das ideias escolhidas pelo pesquisador?

c) Que caminhos o professor de língua materna deve seguir para que o aluno alcance a necessária autonomia crítica para expressar o que realmente pensa em seus textos escritos, sem que falseie suas intenções discursivas?

d) Por que alguns alunos-autores, ao escreverem seus textos baseados em uma coletânea, tendem a dar menos importância ao tema sugerido, elegendo em seu lugar outro tema que orbita na própria coletânea? Podemos continuar acreditando que o aluno procura eleger um tema que lhe seja mais concreto ou trata-se de uma falha do pesquisador no processo de apresentação e de hierarquização das ideias da coletânea?

Esta pesquisa contribuiu para se compreender um pouco melhor como ocorre a produção textual numa sala de aula, a partir do uso de uma coletânea específica. Percebemos como os alunos estabelecem a coesão e a coerência entre enunciados produzidos em momentos diferentes; como eles fazem uso das estratégias argumentativas visando convencer o seu leitor; como se valem de vozes discursivas de outros lugares para construir o seu próprio discurso; e principalmente, assegurar que um professor de língua materna pode trabalhar a mesma temática em momentos diferentes, visando à ampliação do conhecimento linguístico e discursivo do aluno, sem que se esgote o conteúdo e as possibilidades de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido, In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas, Pontes, 1999.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades enunciativas. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. n. 19, p. 25-27. Campinas: Unicamp, 1990.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 2005. p. 25-36.
- BAUER, M. W.; GASKELL G. *Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.
- BRAGGIO, S. L. B. *Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Inep, 1999.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. Tradução Fabiana Komesu et al. São Paulo: Contexto, 2004.
- DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 2005. p. 55-84.
- FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FERNANDES. E. M. F. *A produção escrita e a reescrita: indícios significativos no processo de produção de textos*. Goiânia: UFG, 2007. Tese (Doutorado em Letras e Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2007.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

GOIÂNIA. Secretaria Municipal de Educação. *Proposta Político-Pedagógica para Educação Fundamental da Infância e da Adolescência*. Goiânia, 2004.

GREGOLIN, M. R. *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004.

HALLIDAY, T. L. *O que é retórica*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

KOCH, I.G.V. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LIMA, E. S. *Ciclos de formação: uma reorganização do tempo escolar*. São Paulo: Sobradinho, 2002.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-131.

ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (org.). *Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.

PASCHOALIN, M. A.; SPADOTO, N. T. *Gramática: Teoria e exercícios*. São Paulo: FTD, 2000.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani et al. Campinas: Unicamp, 1990. p. 61-105.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3 ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

_____. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

PIAGET, J. *Seis Estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1994.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 20. ed. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-36.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 177-190.

VYGOTSKY, L. S. *A formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Trad: J. Cipolla Neto et alii..São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ZILBERMAN, R. Para o leitor, ao sabor do texto. In: PAULINO, G. et al. *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Texto de apresentação da coletânea

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

Aluno: Orley José da Silva

Orientadora: Dra. Eliane Marquez da Fonseca Fernandes

O presente trabalho faz parte da “pesquisa de campo” que tem lugar em uma escola municipal, da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia (GO), em situação normal de sala de aula, que objetiva colher textos escritos por alunos da última etapa do Ciclo III, no final do ano letivo de 2009, compreendendo duas versões de texto, que formará o “corpus” a ser analisado durante os nossos estudos no programa do curso de Mestrado em Letras e Linguística da UFG (2009/2011).

Com base na coletânea de textos da página seguinte, produza um texto dissertativo argumentativo, cuja organização das idéias tenha em vista um leitor, à quem você possa demonstrar claramente sua opinião acerca do assunto abordado, não deixando também de apresentar alternativas àquelas expostas na proposta.

Observações:

- O texto deverá ter no mínimo 15 (quinze) linhas escritas.
- A redação deverá ser escrita com caneta de cor azul ou preta.
- O rascunho poderá ser feito à lápis na última página deste caderno.

APÊNDICE B – Carta dos pesquisadores aos alunos.

Goiânia, 01 de dezembro de 2009

Cara aluna/Caro aluno da Turma “I”, do Ciclo III, do Ensino Fundamental, da Escola Municipal X.

Como professor de Língua Portuguesa, estou realizando uma pesquisa de mestrado em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Goiás. Ao final do curso, deverei apresentar uma dissertação na qual defenderei as conclusões obtidas após uma pesquisa acerca de textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental.

O assunto de minha pesquisa centra-se no ensino de língua materna, especificamente, na área de produção textual. Pretendo observar nos textos dos alunos a evolução da capacidade de escrita no decorrer do primeiro texto para o segundo.

A turma da última fase do Ciclo III foi a escolhida para a coleta de dados justamente por ser a turma que termina o Ensino Fundamental. Os textos serão usados por mim durante a pesquisa. O original das redações ficarão arquivados como documento, sob minha responsabilidade. Comprometo-me a manter sigilo quanto ao nome dos autores dos textos. Os textos serão conhecidos apenas pelas iniciais desses nomes ou números.

Espero poder contar com o seu interesse e apoio, pois as conclusões da pesquisa serão importantes para o desenvolvimento dos estudos em relação à produção de textos por alunos do Ensino Fundamental.

Cordialmente,

Professor Orley José da Silva

APÊNDICE C – Formulário de cessão dos direitos autorais do texto.**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE OS TEXTOS PARA A PESQUISA**

Eu, _____aluno(a) da Turma “I”, do Ciclo III, da Escola Municipal X, em Goiânia(GO), autorizo o professor Orley José da Silva a utilizar meus textos escolares em uma pesquisa de mestrado em Letras e Linguística, junto a Faculdade de Letras da Universidade federal de Goiás, acerca da produção textual no Ensino Fundamental. Estou ciente de que os textos serão despersonalizados e minha identidade será mantida em sigilo.

Goiânia, 01 de dezembro de 2009

Assinatura por extenso

Como tenho menos de 18 anos, meu responsável legal também assina o documento.

Eu, _____, residente na cidade de _____, no Estado de _____, assino a cessão de direitos dos textos do aluno acima identificado, desde que seja preservado o sigilo como manda o código de ética da pesquisa da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Goiânia, _____ de dezembro de 2009

Assinatura por extenso

APÊNDICE D - Coletânea de textos para o primeiro texto

As opiniões da mídia e da moda, quanto ao modelo ideal de corpo, influenciam as pessoas?

Esta coletânea contém fragmentos de textos extraídos e adaptados da seção *Folhateen*, do jornal *Folha de S. Paulo*, de 07 de fevereiro de 2005, além de imagens copiadas do site www.anorexia.com.br, no dia 18 de outubro de 2009, deve ser usada como base para a primeira versão do texto a ser desenvolvido pelo aluno.

1. Uma garota morre de vontade de comer cachorro-quente e tomar sorvete, mas não come nada porque quer que lhe caia bem uma calça de cintura baixa que acabou de comprar. Um rapaz odeia fazer exercícios, mas passa horas na academia só pra ter o corpo malhado e ser elogiado pelas garotas. Afinal, quem é que manda em nosso corpo e em nossas vontades? A moda tem tanta força assim para dizer o que as pessoas devem ou não fazer com os seus corpos?

2. A **anorexia** faz com que as meninas, mesmo magras, se sintam gordas e não comam para que fiquem ainda mais magras; já a **bulimia** é quando a pessoa come a todo instante, grandes quantidades de comida, para depois ficar com a consciência pesada (porque acha que pode engordar!). Então provoca o vômito ou a evacuação pelo uso de laxantes.

3. Estatísticas macabras

A anorexia é a doença psiquiátrica que mais mata:

5,6% dos pacientes morrem depois de dez anos de doença;

21% dos pacientes que são internados morrem.

4. Trecho de *blog* pró-ana e pró-mia

“Estou na escola agora... Sem net em casa pra variar... Então, faz 3 dias que eu to comendo quase nada, fico +- até 19h só tomando água e depois eu comia um sanduíche e miava... comia mais um pouquinho, mas não passava de 100 kal, e miava de novo... Ontem eu fui caminhar e depois quis ir na sauna. La dentro eu sentia meu coração acelerado, faltava ar, achei que era normal. Fui ao vestiário, entrei no chuveiro e fui caindo, daí tudo apagou e eu acordei meio sem saber onde estava. Ainda to muito graça. Fiquei com vergonha de isso ter acontecido, mas eu to emagrecendo!”

5. A desculpa de muitas garotas para seguir essa dieta mortal é a pressão da mídia e da publicidade. “Vivemos vendo aquelas modelos magríssimas e todas aquelas mulheres lindas, maravilhosas na TV. Com isso nos sentimos péssimas, inferiores. A mais feia das feias”, diz a gaúcha Karina, 16, 1,70m, 55kg, que deseja pesar menos de 50kg

6. Imagens:

Um dos sinais deste problema é que a pessoa não se sente satisfeita com o próprio corpo



APÊNDICE E – Folha para produção textual

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

[illegible]

APÊNDICE F – Texto complementar para o segundo texto**Após depressão e transtorno alimentar, psicóloga cria grupo de apoio online**

Aos 17 anos, Joyce Peu, atualmente com 29, se sentia 'gorda e disforme'. 'Grupo Sinto Muito' é um porto seguro virtual para anoréxicas e bulímicas.

Marília Juste Do G1, em São Paulo



Joyce Peu superou a depressão e um transtorno alimentar e hoje ajuda quem passa pelos mesmos problemas. (Foto: Raul Zito/G1)

Quando tinha 17 anos, Joyce Peu sentia tristeza profunda, sofria com tonturas, dores de cabeça e tinha sentimento de desespero. Acreditando que era “gorda e disforme” a então adolescente passou a restringir ao máximo a alimentação e aumentar religiosamente a carga de exercícios.

Era um quadro preocupante, de depressão associada a um transtorno alimentar tão disfarçado quanto perigoso. Hoje, aos 29 anos, Joyce não apenas superou a doença: ela criou um grupo de apoio a meninas com transtornos alimentares, se formou psicóloga, atende pacientes e pesquisa o assunto.

Como na maioria dos casos de depressão e transtornos alimentares, os primeiros sintomas de Joyce surgiram sorrateiros, quando ela tinha 14 anos. “Comecei a eliminar alimentos gordurosos do meu cardápio e a me dedicar com muito comprometimento à prática de atividade física. A perda do peso excessivo ocorreu; a melhora na forma como eu me autoavaliava, não”, conta ela.

O caso não chamou a atenção da família nem causou alarme nos (seis) médicos que ela procurou, porque Joyce nunca apresentou os chamados “sintomas clássicos” de um distúrbio alimentar. Ela nunca forçou vômito, nunca usou remédios para emagrecer nem chegou a ser magra demais.

“Era, aos olhos alheios, a personificação de um estilo de vida saudável. Eu, no entanto, sabia que a forma como eu me relacionava comigo, sobretudo em relação ao meu corpo, não era saudável”, conta ela.

Depois de sofrer com remédios passados por um psiquiatra que, segundo ela, “não deu a devida relevância aos sintomas alimentares”, Joyce procurou a ajuda de um serviço de atendimento especializado nesse tipo de transtorno. Foi aí que sua vida começou a mudar.

“Não costumo usar os termos ‘cura’ e ‘recuperação’. Encaro as situações pelas quais passei como constituintes disto que sou. Os sintomas foram ‘gritos’ de desespero que berrei e os quais tentei ouvir com a melhor acuidade possível. Fazer uma cisão entre doença e saúde é, ao meu ver, inviável, tanto quanto separar aquilo que eu fui disto que eu sou hoje. Quem há de dizer que não é saudável aquele

que, em sofrimento, expressa a sua dor e procura ajuda?”, conta a hoje psicóloga.

‘Sinto Muito’

Em 2002, quando ainda estava em tratamento, Joyce criou o grupo virtual “Sinto Muito”.

“Eu participava de outros grupos do gênero e achava muito interessante o uso da internet como possibilidade de expressão de conflitos que, assim, mostravam-se não apenas individuais, mas também sintomas sociais. O problema era que o que se expressava em tais grupos era, em sua maior parte, uma 'gritaria' ensurdecadora: por estar em sofrimento extremo e não conseguir identificar aquilo que as fazia gritar, as pessoas acabavam por reforçar os sintomas umas das outras”, conta ela.

Joyce tentou transformar o “Sinto Muito” em um grupo diferente. Deu certo. “Tento conter a verbosidade sobre os sintomas e incentivar que as pessoas procurem entender o que faz com que os sintomas estejam presentes”, afirma.

Mas o segredo do sucesso da iniciativa é um só: Joyce fala com as participantes do grupo não como psicóloga, mas como alguém que já esteve onde elas estão. “Faço questão de, ainda que seja psicóloga especialista na área, colocar-me numa relação horizontal com os demais”, explica.

No grupo, há abertura para falar de tudo. As jovens são livres para conversarem sobre o que quiserem, longe dos ouvidos possivelmente censuradores de pais, amigos e médicos. Ali, elas podem tanto pedir socorro quanto simplesmente contar que não querem socorro, sem qualquer tipo de julgamento. Joyce orienta a todas, uma por uma, publicamente, através do e-mail tambemsintomuito@yahoo.com.br.

A experiência ensinou a jovem que ignorar os problemas nunca é a solução mais adequada e que a verdadeira sabedoria é saber “entender” o outro. “Se tenho à minha frente um paciente, quero me desfazer de tudo que sei e ouvir apaixonadamente a história que ele tem a me contar sem a intenção de enquadrá-lo num ou noutro transtorno. Mais do que verificar se o sintoma que ele apresenta é de anorexia, de bulimia ou de algo sem nome - o que para mim equivaleria a tipificar o 'grito' dele -, interessa-me saber o que faz com que ele apresente aquele sintoma, ou seja, o que faz com que ele 'grite', e ajudá-lo a decifrar o enigma existente no sintoma”, diz Joyce.

“E se, à minha frente, estiver minha imagem refletida no espelho, quero poder enxergar quem sou sem necessitar desesperadamente dos olhos alheios para reafirmar o que vejo e quero, ainda, sentir prazer e orgulho pela minha trajetória”, conta.

O conselho de Joyce para quem passa pelo que ela já passou? “‘Grite’, sim, e procure decifrar por que grita”. <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL1344512-5605,00-APOS+DEPRESSAO+E+TRANSTORNO+ALIMENTAR+PSICOLOGA+CRIA+GRUPO+DE+APOIO+ONLINE.html>

O Portal de Notícias da Globo - Atualizado em 18/10/09 - 08h00

APÊNDICE G – Texto complementar para o segundo textoSegunda-feira, 8 de Janeiro de 2007, 19:29 | **Online****Adolescente morre de anorexia nervosa no Rio**

Maira Galvão Vieira, de 14 anos, estava com apenas 38 quilos; família nunca suspeitou das idas da menina ao banheiro, logo após as refeições

A família da adolescente Maiara Galvão Vieira, de 14 anos, que morreu sábado, 6, em consequência de uma anorexia nervosa, com apenas 38 quilos, nunca suspeitou das idas da menina ao banheiro, logo após as refeições. Os sinais da doença passaram despercebidos dentro de casa, onde ninguém tinha conhecimento do assunto, mas foram igualmente ignorados nas emergências dos três hospitais públicos por onde a paciente passou entre setembro e dezembro.

Por causa da demora no diagnóstico, os pais da menina, moradores de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, pensam em entrar com um processo por negligência médica. "Os médicos nunca falaram nada sobre anorexia nervosa. Diziam que era uma virose ou que ela estava com anemia. Só davam soro e liberavam", contou nesta segunda-feira, 8, a tia da adolescente, a comerciária Rosa Maria Rodrigues.

Ela disse que os pais de Maiara não queriam falar com a imprensa, pois ficaram chateados com declarações feitas contra eles em um debate de rádio. "Falaram que eles queriam que a filha virasse modelo para poder ganhar dinheiro com isso. Eles sabiam que era um sonho dela desfilarem, aparecer na televisão, mas nunca forçaram nada", contou a tia, sem conseguir segurar o choro.

Rosa lembra que a família fez de tudo para descobrir o que Maiara tinha. Por diversas vezes, o pai dela, o sapateiro Marcos Galvão Vieira, levantou-se de madrugada para enfrentar filas e conseguir uma ficha de atendimento em uma unidade pública de saúde, tentativa muitas vezes frustrada.

Além disso, a família chegou a aguardar quase dois meses para conseguir marcar um exame para a adolescente. "Só quem precisa de um hospital público é que sabe como tudo é muito difícil. Fizemos de tudo, mas os médicos não conseguiam descobrir o que estava acontecendo", relatou a tia, referindo-se a profissionais dos hospitais estaduais Rocha Faria e Pedro II, e do Hospital Municipal Souza Aguiar. A doença só foi descoberta no Miguel Couto.

Internação

Segundo Rosa, Maiara, que morreu após sofrer uma parada cardiorrespiratória, permaneceu lúcida durante os 26 dias de internação no Hospital Municipal Miguel Couto. Até alimentos sólidos, mas nem sempre conseguia retê-los no estômago. "Uma vez ela disse que queria comer uva. Eu trouxe, ela botou apenas duas na boca e, logo depois, e já começava a meter o dedo para colocar tudo para fora. No dia que ela morreu, pediu para a irmã levá-la para casa. Estava meio triste", recordou a tia, contando que a menina estava recebendo tratamento psicológico no Miguel Couto.

Quando morreu, estava com um Índice de Massa Corporal 13. O indicador, que mede a relação entre peso e altura, está muito abaixo de 18,6, valor mínimo considerado como normal pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

<http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2007/not20070108p14797.htm> acessado em 18/10/2009

APÊNDICE H – Texto complementar para o segundo texto**Conhecendo melhor a anorexia e a bulimia****O que é a bulimia?**

É transtorno alimentar caracterizado por episódios recorrentes de "orgias alimentares", no qual o paciente come num curto espaço de tempo grande quantidade de alimento como se estivesse com muita fome. O paciente perde o controle sobre si mesmo e depois tenta vomitar e/ou evacuar o que comeu, através de artifícios como medicações, com a finalidade de não ganhar peso.

"Isso não é uma doença... É um estilo de vida!" - Pró-Annas e Pró-Mias

A bulimia nervosa é um transtorno alimentar caracterizado por episódios repetitivos de compulsão alimentar, em que num curto espaço de tempo é ingerida grande quantidade de alimento. Quem sofre desse transtorno perde o controle sobre si mesmo, come compulsivamente e depois força a eliminação desses alimentos, seja por meio da auto-indução do vômito ou evacuação.

Para diagnosticar um caso de bulimia nervosa é preciso que os episódios de comilança e medidas compensatórias ocorram duas vezes por semana, durante três meses. A comilança excessiva está relacionada ao consumo demasiado de alimentos, principalmente os de alto teor calórico, durante um período limitado de tempo, cerca de 2 horas em média.

Já as medidas compensatórias, são aquelas que amenizam o dano causado pela ingestão dos alimentos, como ficar em jejum por muito tempo, fazer exercícios excessivos, além de fazer uso freqüente de medicamentos que induzam a evacuação ou a eliminação de urina por meio de diuréticos.

A auto-indução do vômito, outro recurso muito utilizado, gera problemas em outros sistemas do corpo. A bulimia atinge mulheres, jovens ou adultas, raramente homens. Essa compulsão pode ocorrer após uma dieta muito restrita, ou pode ser de natureza sócio-cultural, psicológica, individual, familiar, neuroquímica ou genética.

O tratamento deve ser contínuo e precisa contar com uma equipe multidisciplinar, com médicos, nutricionistas e psicólogos. Uma orientação nutricional adequada, com diário alimentar, psicoterapia e medicamentos em alguns casos.

Por Milena Lima (Nutricionista - CRN-3 14.100)

O que é anorexia?

Essencialmente é o comportamento persistente que uma pessoa apresenta em manter seu peso corporal abaixo dos níveis esperados para sua estatura, juntamente a uma percepção distorcida quanto ao seu próprio corpo, que leva o paciente a ver-se como "gordo".

Apesar das pessoas em volta notarem que o paciente está abaixo do peso, que está magro ou muito magro, o paciente insiste em negar, em emagrecer e perder mais peso.

O funcionamento mental de uma forma geral está preservado, exceto quanto a imagem que tem de si mesmo e o comportamento irracional de emagrecimento.

O paciente anorético costuma usar meios pouco usuais para emagrecer. Além da dieta é capaz de submeter-se a exercícios físicos intensos, induzir o vômito, jejuar, tomar diuréticos e usar laxantes.



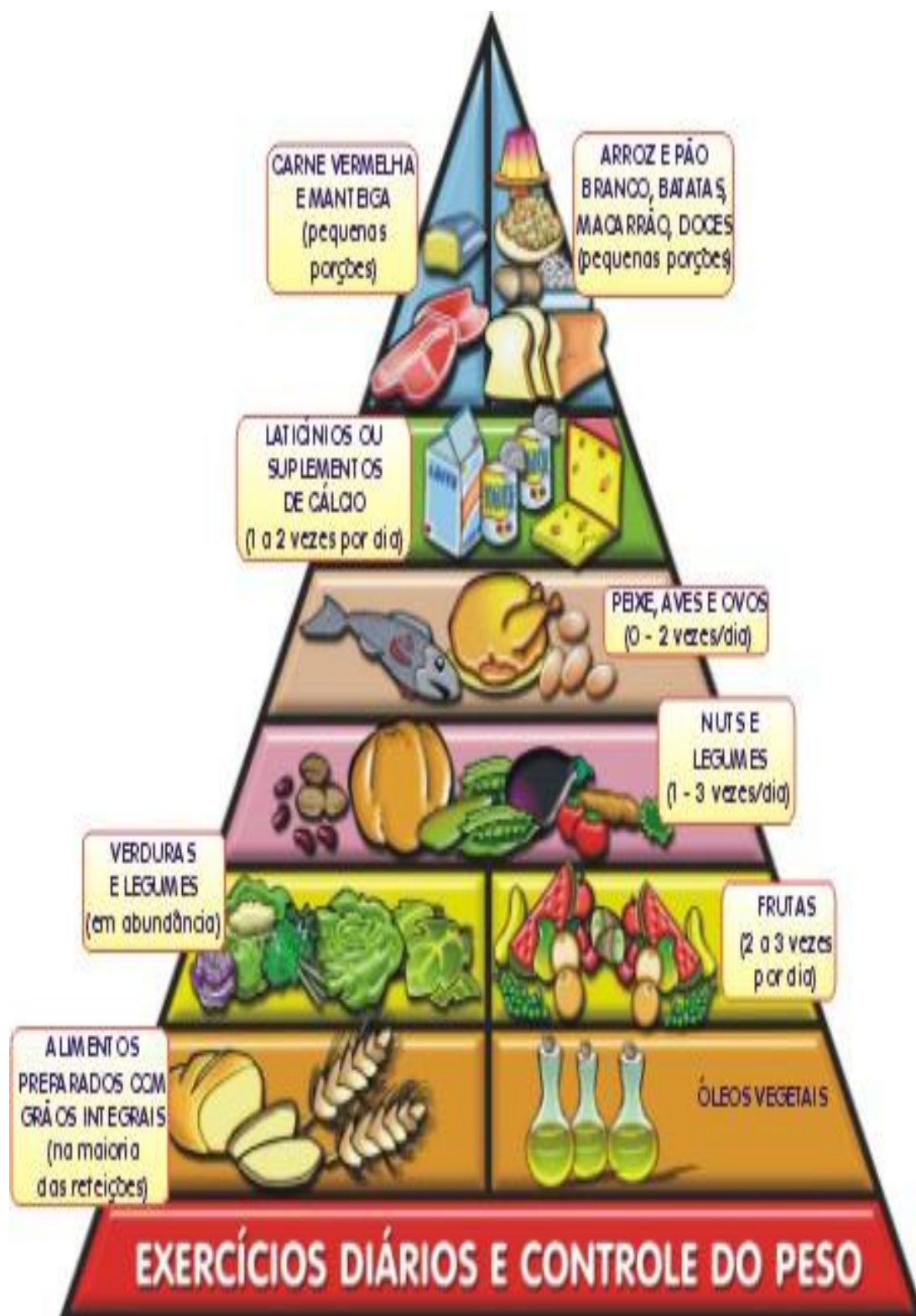
Aos olhos de quem não conhece o problema é estranho como alguém "normal" pode considerar-se acima do peso estando muito abaixo.

Não há explicação para o fenômeno mas deve ser levado muito a sério pois 10% dos casos que requerem internação para tratamento em hospital geralmente morrem por inanição, suicídio ou desequilíbrio dos componentes sanguíneos.

http://monicaalencar.blogspot.com/2009_02_10_archive.html.acessado em 18/10/2009

APÊNDICE I – Texto complementar para a segundo texto

Pirâmide alimentar: guia prático para a alimentação saudável



Meninas essa é a nossa famosa **Pirâmide de Alimentos!!**

Se nos alimentarmos seguindo essa Pirâmide nossa alimentação estará completa!!! Sempre de baixo pra cima!!! Começando pela atividade física pelo menos 1 hora de caminhada diária!!! os exercícios físicos nos ajudam a reduzir o índice glicêmicos (diabetes), controla o colesterol, aumentado o HDL (colesterol bom), doenças cardiovasculares, osteoporose e perda de peso! Lembrando que em todas as nossas refeições nosso prato deve estar sempre colorido e deve ter um alimento de cada grupo!!

A maioria da pessoas seguem aquelas dietas mágicas, dieta do CHO ou dieta das PTN, essas dietas são muito prejudiciais, pode levar a problemas seríssimos de saúde. O ideal é uma **REEDUCAÇÃO ALIMENTAR**!!! A pessoa aprende a comer, perde peso se alimentando corretamente e depois dificilmente volta a ganhar peso!!! Quando segue essas dietas mágicas, ou toma alguma formula, perde peso muito fácil, e assim que está com o peso ideal dentro de pouco tempo engordam tudo de novo!!!

Cada grupo de alimentos fornece alguns nutrientes, mas não todos os que o organismo necessita; nenhum grupo é mais importante do que o outro. Para o bom funcionamento do corpo é necessário que os alimentos de todos os grupos façam parte do seu plano alimentar.

A quantidade de porções de cada grupo recomendada para um indivíduo depende da sua necessidade de energia que está relacionada com a idade, peso, estatura e atividade física. A partir dos valores de cada porção, você poderá montar o seu plano alimentar.

ORIENTAÇÃO NUTRICIONAL!!!

Não ingerir líquidos durante as refeições; Realizar atividade física; Evitar doces em geral; Dar preferência a frutas e verduras; Ingerir no mínimo 08 copos de água por dia; Realizar 06 refeições diárias, respeitando os horários; Não realizar lanches intermediários. Ai meninas acho que por hj é só!!!! Se tiverem qualquer duvida é só perguntar viuuuuuuuuu Gostei disso sempre que eu puder vou estar postando alguma coisa de nutrição!!! beijos!!!!

<http://www.flickr.com/photos/27107879@N07/2733491581> acessado em 18/10/2009

APÊNDICE J – Imagens para o segundo texto

Imagens



www.mural.com.br



suicidesolucion.blogspot.com



bomboneca.blogspot.com



docesmeninas.wordpress.com



bullshitando.wordpress.com



dramasocial.wordpress.com



pessoal.educacional.com.br



jeca-8a.blogspot.com



Lindsay-make-up.blogspot.com



anaymia24.wordpress.com



minhavida.com.br



drpauloteixeira.no.comunidades.ne



img66.imageshack.us



suite101.com



hdehomem.com



viafreud.blogspot.com

ANEXO A 1

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A):

Anorexia e bulimia

Muitas pessoas, ou seja a maioria das pessoas são as modelos, quase todas têm anorexia. Uma prima minha fez um curso de modelo e passou, ela não queria quase nada mais o sonho dela era ser modelo. Por isso os pais dela deixaram ela cuidar da vida dela. É a cada dia ela está emagrecendo mais, porque o rapaz que cuida do desfile falou para ela que se ela não ficar se magria totalmente, não teria como desfilar, e ela começou emagrecer de mais e todos da família está encobertos. Por isso eu acho que tudo na vida tem que ser tratado com equilíbrio, se você está preocupado com sua gordura, procure logo um médico antes de fazer qualquer coisa, porque o médico vai te explicar tudo direito o que você deve fazer e o que você não deve fazer, ele vai te indicar quantos quilos que você está acima do seu peso e quantos quilos que você está abaixo do peso, em fim! Vamos acabar com esse mal de anorexia e bulimia, vamos ser felizes com uma vida normal uma vida equilibrada, porque tudo que é demais não presta, e tudo que é equilibrado é bom!

ANEXO A 2

(TEXTO 2)

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A):

Anorexia e Bulimia

Estive lendo um texto que o professor nos mostrou, e pode ver, que m tem várias mulheres querendo ficar mais bonita a cada dia que se passa, a vaidade está rebando com as pessoas hoje em dia. Li que a mulher estava tendo problemas para emagrecer e começou a ficar sem comer, e começou a passar mau com o tempo, sentindo tonturas, dores de cabeça e etc, e o pior era que os médicos não conseguia resolver o problema dessa moça e ela encontrou algumas pessoas e pediu ajuda e ela conseguiu a se recuperar e voltar ao normal e o interessante de tudo isso, foi que ela montou um grupo de pessoas que tinham os mesmos problemas que ela tinha e ela ensinava como lhe dor com esses problemas que um dia ela também passou!

Não tenho nada contra lipé ou redução de estômago, mais nos temos que aprender a lidar ou seja nos estômos desprezando aquilo que Deus nos deu, e começar a gostar de nós mesmos do jeito que nós somos!

Tantos modelos por ai com anorexia ou Bulimia em fim, querendo emagrecer pela pressão da mídia. Temos pavor com isso e vamos nos unir contra a Bulimia e Anorexia!

Diga não a Anorexia e Bulimia!

ANEXO B 1

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _

Bom, a tal coisa é o Cominho da proreia, só acontece quando a gente olha no espelho e vê aquele que não quer ver, eles podem até estar baixo do seu peso que se sente gordo.

Muitas vezes olhando do espelho quer comprar um calço, e não vai bem então eles dizem "lá eu estou muito gordo."

Mais no mundo das coisas são os calços que tem um pouco apertado. Por exemplo: Eu vou lá no loja e compro um calço e meu número é 36 (trinta e seis) no etiqueto o número pode até ser 36 mais na verdade não é, o número pode ser um 34 ou 38 por aí.

Então os garotos chegam a pensar que estão gordos e dizem "é preciso começar" e então procuram o remédio, falam sem comer, e aí é que eles mais querem. Começam a emagrecer e a adoçar, eles emagrecem tanto que dão uma fortíssima, fico com o membro rirruco, os cabelos ficam finos e quebradiços, o coração baixa a pressão sanguínea, os ossos e músculos ficam finos e frouxos de se deslocar, dão pedras nos rins e até no do perna de dentro e então lá, não mais estou mais (etc)

6º assim que chegam a amarelar.

ANEXO B 2

USE ESTA FOLHA PARA RASCUNHO:

Com uma aula passando nos falamos do assunto e agora vamos falar da Saúde.

Com as vezes não devemos deixar o orgulho tomar conta de nós, e nem a vaidade e nem os amigos(a) porque muitas das vezes você pode estar com o corpo perfeito, mas o seu orgulho a vaidade e seus colegas faz ele ficar ridiculoso mas não vão pra ser assim mas fa que e, vamos começar com um maneira melhor de emagrecer de seje unindo a conexão a Boêmio Ex:

fazer caminhada
muitos exercícios físicos
não enguir líquidos durante a refeição
Beber de 8 a 10 copos de água
Dar preferência a frutas e verduras
enguir no mínimo 8 copos de água por dia
não realiza lanches intermediários
natural calim de de a ajudar emagrecer vai
fazer bem mais saudável e faz bem pro
muitos outras coisas de problema no corpo
então pense duas vezes de + pra emagrecer
vai na forma mais saudável.

porque muitas vezes

ANEXO C 1

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

Atualmente a anorexia e a bulimia estão muito elevadas, tudo isso porque a moda e a mídia, com o Jovem e o corpo e a mente dessas pessoas, que querem ser como as modelos de capa de revista, quando a pessoa deixa isso acontecer, ela perde totalmente a noção de seu peso e de quanto está magra, pensando assim, que sempre ~~estou~~ ^{estou} gorda e quando se olha no espelho, por mais magra que estiver continua se vendo gorda, e isso é danoso.

Uma das tipos de doenças a bulimia e a anorexia. A bulimia ocorre quando uma pessoa acha que está acima do peso e ~~ela~~ depois de se alimentar provoca vômito ou toma laxante, a bulimia é um caminho para a anorexia.

A anorexia por sua vez é quando uma pessoa acha que está gorda e passa dias sem comer, só para emagrecer. Essas doenças ~~no~~ podem matar e trazer vários problemas de saúde, e todas as garotas e garotos que têm uma dessas doenças sabem disso, mas elas fazem tudo em nome da moda.

ANEXO C 2

3 2' 2 4 4 4 (TEXTO 2)
 ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

NOME DO ALUNO(A):

Anorexia e Bulimia

A anorexia e a bulimia são casos muito comuns, tudo isso por causa da moda, muitas garotas e garotos põem como carreira de modelo e para conseguirem isso fazem dietas radicais que prejudicam muito a saúde e que podem levar à morte.

A maioria delas já sabem das coisas que correm, mas mesmo assim fazem tudo pela moda. As dietas que essas pessoas costumam fazer são muito perigosas, como: a dieta da sopa, a dieta da lua, a dieta de comer um bife bem grande com saladas por dia, etc.

Hoje a maioria das coisas são em adolescentes e jovens de 13 a 30 anos, e muitos já morrem por causa dessas coisas, pois (H) eles mesmo fazem sua dieta "com ajuda de um nutricionista".

ANEXO D 1

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

Anorexia e bulimia, as duas doenças que mais atinge o mundo das celebridades e dos astros como os modelos que querem manter o corpo sempre em forma e bonito com a maior preocupação com os quilos amais para não engorda nenhuma grama.

Anorexia é uma doença psicológica que mesmo quando a pessoa está magra ela se olha no espelho e se acha gorda e o que mais acontece no caso das modelos por que dependem do seu corpo para trabalhar.

Bulimia é uma doença especificamente parecida com a anorexia só que a bulimia a pessoa come só que fica com a consciência pesada depois que come e coloca tudo para fora essas doenças são assim uma leva a outra.

ANEXO D 2

(TEXTO 2)

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): __

Amorcia nervosa como todos nós sabemos é uma doença muito popular mas perigosa para todos nós por que ela chega de surpresa sem avisar temos que ter muito cuidado com essa doença que nos dá a impressão que estamos gordos, mas tudo começa com o regime e depois começamos a não sentir fome, quando comemos sentimos a necessidade de comer muito após a refeição assim vamos ficando magros até diminuir e acaba levando a morte apesar que muitas pessoas não conhecem sobre a doença se conhecessem mas não ~~se contaria~~ aconteceria tantos casos de amorcia.

ANEXO E 1

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

Hoje em dia temos vários problemas de anorexia e bulimia, então somos exatamente incomformados com nosso corpo e, que causa essas doenças são as pessoas se rejeitarem ao seu corpo, querer cada vez mais e magrezer mesmo estando magras achando que estão gordas.

Não pessoas que não devam a sério esses problemas, mas devemos levar, devemos saber que cada vez mais irá piorar mesmo estando gordas.

A anorexia faz com que as meninas mesmo magras se sintam gordas. A bulimia é quando a pessoa come a todo instante, fica com a consciência pesada (tem medo de engordar), dá ânsia de vômito.

Acho isso uma bobagem, tentar uma quem, precisamos ficar satisfeitos com o corpo que Deus nos deu.

ANEXO E 2

(TEXTO 2)

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

Alimentação controlável

Podemos ter o nosso corpo em forma para isso devemos comer legumes, frutas, pequenas porções de carne vermelha e manjeca, arroz e pão branco pequenas porções, daticínios ou suplementos de iodo 1 ou 2 vezes por dia, peixe, ovos e ovos, alimentos preparados com grãos integrais na maioria da refeições, isso sim precisa mas para manter o nosso corpo, outra coisa que nós devemos fazer 1 hora de caminhada diária e tomar no mínimo 8 copos de água ao dia.

A pessoa que aprende a comer perde peso, mas perde secretamente e depois dificilmente volta a ganhar peso. As mães via das pessoas veem aquela dieta que para emagrecer precisam tomar remédios que podem até levar à morte, basta a nossa alimentação ser controlada.

ANEXO F 1

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA;

NOME DO ALUNO(A):

Porque a bulimia, a anorexia estão atingindo muitos jovens, antes era muito pouco, o caso dessa duas doenças que está matando os jovens de hoje. Mas porque que uma doença está se espalhando cada dia mais? Seria por falta de interesse dos pais, até da mídia que influencia a cada dia mais, até os vapores de hoje influencia a cada vez mais. Por que os vapores estão dando mais gosto cada vez mais apertadinho, e como fica as "querdinhas"? Com tantas discriminações assim, então começa a se achar muito gorda já não quer comer porque acha que vai engordar mais ainda então quando come, vomita, ou então toma laxantes, cada vez mais querem ficar mais magras, vão pra frente do espelho e ficam se olhando e até mesmo pensando como estou gorda! olheira como nos podemos fazer pra acabar com tudo isso fazer mais projetos nas escolas na televisão pra vez se acaba um pouco com essa doença que está acabando com os jovens de hoje.

ANEXO F 2

(TEXTO 2)

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

O cuidado com o nosso corpo é essencial
 fazer uma alimentação saudável, fazer exercícios
 fazer bem por nosso corpo e também pra
 alma. Devemos fazer um exercício mas
 um exercício saudável, não com muito estresse
 não com fadiga em fazer com um "corpo
 perfeito". Quem tem um corpo perfeito ele vem
 em comer, menos e quando come vomita
 ou até mesmo fica dias e dias sem
 comer o medo de engordar, toma conta
 da pessoa pra todo o dia que ela vê
 na televisão dela, ela está muito gorda
 com muitos pontos e cada vez mais
 isso vai crescendo e acabando, com ela
 com alta estatura dela. Então vem a
 mídia, revista influenciando a ter aquilo
 que passa na TV em revistas, então aquela
 pessoa que mais querendo de aquele
 corpo daquela modelo, linda, perfeita então
 pensa.
 - "Quem tem que ter um corpo daquele
 então começa a fazer exercícios demais
 não come isso ou aquilo e acaba
 ficando doente ou até mesmo morrendo."

ANEXO G 1

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A):

No tempo que nós estamos, as pessoas ficam com vontade de comer e que querem principalmente os jovens eles gostam de comer muito, só que alguns que querem mas não come para não engordar, este tema é muito interessante pois as pessoas aprende o que fazer e como combater a doença.

É como se fosse uma garota come e come bastante, ela não quer engordar e pensa que ficou gorda, aí ela vai lá e vomita tudo que comeu, elas não conta para ninguém, fica naquela rotina todos os dias, e acaba ficando doente sem forças, isso leva até a morte.

Isso não acontece só com as mulheres não, também acontece com os homens que fazem academia, eles malham bastante mas não comem com o medo de engordar, eles ficam magros e pensa que está gordo e fica sem comer, e acaba adoecendo. Isso se chama Anorexia e Bulimia.

ANEXO G 2

(TEXTO 2)

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

Essas pessoas, fazem esse tipo de coisa por causa dos outros, eles não fazem por conta própria faz por causa da mídia, por causa dos colegas.

Uma menina magra, e as pessoas ficam zangado da quando começa a engordar, ela fica traumatizada e para de comer, come só o necessário para não morrer, vai ficando cada dia mais magra.

Uma modelo magra para a mídia ainda tem que emagrecer bastante, passa uma dieta ela tem que fazer se não é despedido do serviço. Quando ela vê está magríssima só o corpo e o erro.

Isso também acontece com os homens, eles fazem academia fica bombado com músculos grandes, depois vem um amigo e fala nessa como você tá gordo em. Esse rapaz para de comer fica magro e perde a massa muscular.

Isso acontece com as pessoas famosas também, quando um homem está com músculos e gordo, eles tem que emagrecer por causa da mídia pois eles gordo, eles ficam com vergonha e fica muito feio.

Isso é siga o seu próprio conselho esse é o melhor.

ANEXO H 1

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

Anorexia e bulimia. Não vou mudar nada para
falar deste assunto por isto vou dizer o que
eu acho, isto é a minha opinião.

Como não vou convencer nem bulímica, não sei
o que eu posso na vida destes meninos de
eu sentir assim tão "gordos" sendo tão magros.

Acho que a 100% influência da moda, com
aquelas mulheres sexy para fazerem comerciais,
celebridades, enfim, aquelas que se acham belas.
Mas será que essas gordas que fazem esses comer-
ciais são realmente bonitas? Há algumas pessoas
que não veem a beleza física, mas sim a be-
za que há por dentro. (Não são os médicos/cirurgiões)

Acho que essas anoréxicas são "Móias" com os
contos", pois não há sentido em ficar magra porque
a outra é, por que um vez mais, elas não po-
dem ser felizes do jeito que a outra é, ou melhor,
procure a sua própria felicidade.

Uma vez vi no depoimento de uma anoréxica
que elas são lindas como anjo. Eu não sei
que um anjo era doente, deprimido e assustado.

Eu não acho boa ideia morrer cedo e
"bonito". Mas acho, ou melhor, tenho certeza que a
melhor coisa da vida é que se vive na
vida.

ANEXO H 2

(TEXTO 2)

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

Não sei em qual das pessoas se preocupam mais com a beleza do que com a saúde! É incrível a quantidade de pessoas que fazem tratamentos para perder peso que não é necessário perder, mas, "tem que perder para ficar de acordo com a moda".

É uma tortura! Eu, na minha opinião não acho certo perder peso, "passar fome", para ficar magra e estar ainda por cima. Se pelo menos a mídia olhasse o esforço que as pessoas fazem para emagrecer, mas não, elas fazem a crítica mais ainda, a mídia usa quem quer que você compre o que ela oferece e fique o que quiser.

Não estão querendo dizer que você tem que ser gorda e feia, mas estão querendo dizer que há outras possibilidades para você ficar bonita e também saudável! Isso não é mais vilhoso! A gente fica bonita por mais tempo, não há perigo para morrer.

Para emagrecer saudavelmente é simples! Só basta você fazer exercícios físicos e se alimentar de acordo com o que os médicos dizem.

Prfim para realmente se bonito e precise ser feliz, não há perigo maior do que isso!

A felicidade começa no corpo e purifica um ser! Só basta você viver.

ANEXO I 1

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

Cada pessoa vê sente gerda independente imagem de gerda.

Vivemos no mundo onde a mídia e a publicidade nos persuadem, persuadem-se ver o gerda-se ver o que se vê o imagens e outros...

Ninguém imorta em morte corpo, por que, quem pede nos mudam o nos mesmo, e morte não vive de cada pessoa cabe a nós aceitar e viver em paz.

Quem quer imagemem faça exercícios proteja esporte, faça comento nos sem muitos... Quantos pessoas mudam por influência de energia por influência de "órgãos" pela "méd", todos os dias por que, quem imagemem e também vive com pessoas com os pais as famílias, muitos quem opinos e julgar e outros persuadem por que se enganando de mais "osum nos se enganamos-nos, gerda de fato que se se fica velha". Um exemplo caso por um exemplo "Páginas do vida uma mãe que quem que sua filha vive uma vida melhor. (A vida e osum nos vista acitor).

ANEXO I 2

(TEXTO 2)

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

Termos que temon cuidados com imensa
documentação. Termos casos de pessoas
"adolecentes" que vivem todos os dias por
causa dos estudos documentares.

Termos que ficam de olho sobre um
caso quem tem filho adolescente, tem que
se preocupar mais, teremos uma documentação e
imprimir as pessoas.

Anexaria e voluntária muita mais
enquanto uma verdadeira e adolescente ficam
na internet conversando com outros grupos
que tem uma mesma ideia.

Termos que vivem os adolescentes com a
comida, conversando com coisa.

Conhece muitos grupos que vivem
um problema na vida mais por ajuda eles
se enchem e hoje estão bem, por que
preocupam pessoas que se possa ajudar.

ANEXO J 1

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A):

O que é ANOREXIA?

Você sabe o que é anorexia ou a bulimia?

Bulimia é o caminho que percorre, por muitas modelos que querem a fama, que submetem a tudo para serem famosas. A bulimia é só o caminho para a anorexia que é a doença. A bulimia é quando garotas e garotos comem e ficam com a mente pesada, e que provocam o vomito, o que é um problema psicológico mas por outro lado tem a anorexia que foi é um problema físico, que seu corpo perde a massa muscular.

A anorexia ou bulimia não só atinge mulheres, mas também homens que são sim influenciados pela mídia. Esse problema sim, tem solução, mas pessoas passam por terapias psicológicas e não tratadas, algumas e procure ajuda porque anorexia pode até provocar a morte.

ANEXO J 2

(TEXTO 2)

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A):

10
 Fervima-se contra a
 anorexia

Essa é uma doença pouco publicada
 pela a mídia, a mídia, e todos
 os recursos de comunicação, prega
 a todos a lei do perfeccionismo
 que fazem pessoas buscar a perfeição
 do corpo, assim como quem ganham
 dinheiro com ela, modelos que
 são criticadas pelas as gordurinhas
 e que são busca remédios e
 dietas milagrosas para a retirada
 da sua gordurinha. É que entra
 a anorexia.

Uma alimentação boa não é
 aquela que enche a barriga logo
 mais além as mais variadas, frutas,
 legumes, carnes e grãos. Hoje podemos
 dizer que nenhuma pessoa tem o gêmeo
 de outro, tem pessoas que é propícia
 a ficar mais gordinha que a ou-
 tra, mas não se confunda com a
 obesidade, bulimia ou anorexia tem
 tratamento, é preciso de gostar
 de si mesmo e deixar o que os
 outros pensão ser não mesmo
 não tem mais nenhum.

ANEXO K 1

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

Essa Doença Está por todos os lados, as mulheres preocupam muito com o peso e pegu essa doença, primeiro ela pegu a bulimia que tudo que come vomita, e Depois posso parou o anorexia que fico cada vez mais magra. Eu acho que poro ajuda essas pessoas que tem "anorexia e bulimia" preciso de uma ajuda psicológica. Essas pessoas que tem essa doença tem um blog no internet e lá eles conversa com as pessoas que tem a mesma doença. Essa doença pode levar até a morte. Essa doença também afeta a psicologia das pessoas que tem essa doença. Cada vez que eles se ve no espelho se acham gordos, e comem menos vindo

ANEXO K 2

(TEXTO 2)

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

Os adolescentes hoje em dia estão muito preocupados com o peso, não só os meninos mas as meninas também. Elas batem no cabeça que estão muito gordas e começam praticar exercícios físicos. E também diminui o comida por exemplo: Um adolescente de 14 anos encheu que estava gordo e ele queria que quisesse emagrecer, aí ele procurou os amigos dele como que ele fazia para emagrecer aí eles disseram para ele tomar limão aí nisso ele começou a tomar todo dia água com limão. Aí o corpo dele não aguentou por que ele estava muito fraco e por que também ele não comia nada lá deu uma bulimia muito forte né aí ele não aguentou e ele faleceu.

ANEXO L 1

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

A Bulimia não chega à ser uma doença; mas é um passo para a Anorexia. A bulimia é uma sensação que várias pessoas sentem por ter a impressão de estarem gordas; as primeiras atitudes são: A(o) jovem sente-se que está gordo(a); então ele(a) passa a ter uma espécie de regimes e dietas. A bulimia é um problema psicológico, desde então a pessoa se entope de refeições sem ter compromisso nenhum com o próprio corpo, então ela vomita tudo aquilo que comeu.

A anorexia é uma doença gravíssima que por falta de alimentação adequada pode levar a pessoa até a morte. Essa doença é um problema físico, os primeiros sintomas são: A(o) jovem deixa de comer para ter o corpo que deseja, sendo assim ela(e) fica cada vez mais magro(a).

Na minha opinião; quando eu vejo esses casos eu fico chocado com os garotos que fazem tudo o que a mídia manda. Eu tenho uma prima de 11 anos que fica de regime intenso. Com o sonho de ser uma modelo, ela deixa de comer chegando ao ponto de desmaiar de fome por falta de uma alimentação adequada. Ela é tão magra que veste os roupas da irmã de 3 anos. A anorexia e a bulimia atingem não só apenas os garotos mas também atingem garotas e até crianças. Se você jovem não se cuidar a anorexia e a bulimia pode te matar.

ANEXO L 2

USE ESTA FOLHA PARA RASCUNHO:

Um método ideal para
ter uma alimentação saudável
sem causar danos em seu corpo

Como se alimentar corretamente?

Para ter uma alimentação balanceada, é preciso não só apenas comer e se entupir de lanches, hot dogs, sanduíches, sucos e bebidas, para dizer que tem peso. Você precisa ter consciência do que está ingerindo, se vai fazer bem pra sua saúde, que danos e consequências pode causar no seu organismo, se é prejudicial à sua saúde e principalmente os nutrientes, vitaminas, carboidratos e etc que o alimento pode oferecer. Você sabia que os esportes e os exercícios físicos que estão no nosso dia-a-dia, podem combater vários doenças do nosso corpo. Você precisa comer de tudo um pouco, mas não apenas para se saciar e se satisfazer que está bem alimentado. Para ter uma alimentação realmente boa, você tem que seguir as seguintes orientações: Alimentos preparados com grãos integrais (na maioria das refeições); verduras e legumes (em abundância); frutas (2 a 3 vezes por dia); nozes e legumes (1-3 vezes por dia); peixe, aves e ovos (0-2 vezes/dia).

laticínios ou suplementos de cálcio (1 a 2 vezes por dia); arroz e pão branco, batatas, macarrão, doces (pequenos porções). Carne vermelha e manteiga (pequenos porções); evitar de ingerir líquidos durante as refeições; exercícios diários e controle do peso semanal. Então tudo isso galera faz parte de uma alimentação balanceada que vai te prevenir de várias doenças tipo: diabetes, hipertensão, doenças cardíacas e cardiovasculares, obesidade, anorexia e outras. Cópia! Não se pela cabeça dos outros seja você mesmo, não seja igual seja diferente e principalmente use a cabeça.

ANEXO M 1

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

Anorexia e Bulimia

Hoje estamos falando de um tema sério muito sério mesmo aché porque? porque vamos falar sobre (Anorexia e Bulimia) que é uma psicopatologia que faz com que adolescentes comecem a achar que estão gordos e começam a parar de comer isso faz com que eles emagresçam até a morte. Outros começa a ter casos de doença gravíssima como doença renal que prejudica os rins que é o principal no funcionamento do órgão urinário que queda muito sem o funcionamento do rins os pesos que tem anorexia morre.

E Bulimia em um dos passos para anorexia na bulimia tudo que se come não é vomitado ou seja quando tudo isso faz com que você perca peso e acaba na anorexia.

Anorexia é uma doença psicológica que causa a morte porque os adolescentes ou adolescentes se olha no espelho e acha que estão gordos e tem que emagrecer para ficar com aquele corpinho. mais isso faz com que, ele perca a massa corporal e emagreça ~~que~~ mais do que eles queria e põe na conta e assim. Como podem ver a anorexia também ocorre não só em adolescente mais também criança, adulta etc..

Isso vem aumentando cada vez o número de adolescente com anorexia e bulimia e o saldo de morte também aumenta e muito mais do que antes.

ANEXO M 2

(TEXT0 2)

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

Como vimos na semana passada a anorexia é um caso muito grave e agora que descobrimos mais coisa sobre ela podemos falar mais sobre os seus riscos e o que causa essa doença (P) ou psicologica caso não entenda.

Vamos começar com as dietas que causam anorexia por exemplo a dieta da sopa, que é conhecido popularmente para emagrecer mais essa dieta não é tão boa assim ela prejudica o nosso corpo não é porque tem verduras ou legumes mais sim porque as elas não dão da conta do recado precisa de muito carboidrato e não se a dieta da sopa como dieta da lua, dieta de south Beach.

Essas tipos de dietas não funciona como era para funcionarem em vez de perder 5% de gordura se perde 5% de massa muscular nessa perda de massa faz com que as pessoas emagreça cada vez mais achado que está perdendo gordura, mais está perdendo massa muscular e isso causa a morte de indivíduos.

Se anorexia é uma doença sério muita gente já morreu sem saber que estava com doença (P) como o caso da menina de 14 anos que morreu com anorexia sem saber mais saber por que muita gente não sabe e que não é uma doença que cura rapidinho não é uma coisa sério quase igual a aids que também leva a morte. Gente vamos acordar anorexia não é

CONTINUA -> -> -> -> -> -> ->

USE ESTA FOLHA PARA RASCUNHO:

Drincaadlro não se não ajuda quem precisa
vai acabar morrendo semos para para pensar, não
so em você como nas outras pessoas.

Porque beleza não é tudo o que importa é o
que tem dentro do coração é o que você é não
importa se você é magro, gordo, alto, baixo
isso não conta so importa mesmo o que tem
dentro de você. Pence e repence.

~~Beleza~~ e ~~beleza~~

ANEXO N 1

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

Hoje em dia, quanto as mulheres e os homens, acham que devem seguir o caminho da mídia.

Mulheres se olham no espelho e se verem gordas, mas na verdade elas são bem magras, isso é o que acontece quando a pessoa tem anorexia ou bulimia.

Anorexia faz com que as meninas, mesmo magras se sintam gordas e não comem, pois o medo de engordar é tanto que nem um sanduiche de 60kcal elas querem ver na frente delas.

A bulemia faz com que as meninas comam, comam, e comam pra depois ficarem com a consciência pesada e vomitarem; Muitas meninas chamam a bulimia de "Mia" nome chamados por elas pela internet.

Isso tudo acontece mais por influência da mídia, que hoje so sabem mostrar aquelas meninas magrelas e com os corpos. Vê se por ai existe alguma modelo gordinha?

Não! Não! Já vendo é por isso que a tal "Mia" ataca.

Acho que isso vai ser a verdadeira humanidade daqui pra frente, se ninguém tomar atitude a mídia vai ganhar e a gente vai perder. As vezes precisamos fazer grandes sacrifícios na vida, para conseguir tudo o que queremos.

ANEXO N 2

USE ESTA FOLHA PARA RASCUNHO:

Como disse no primeiro texto, anorexia e bulimia são duas doenças graves que giram em torno da pirâmide alimentar.

Muitas meninas acham que tudo tem a ver com a mídia. "Se aquela atriz cortar o cabelo mais curto e se o cabelo curto estiver na moda, a menina vai lá e corta também, e se uma atriz ou melhor quase todas as atrizes forem bonitas e magrinhas?

As gordinhas querem ser também!

Aí vem o problema!

Para elas agora são só as dietas, é dieta de sopa, é dieta de lua e ventos, elas até emagrecem mais parece que nunca estão satisfeitas. Para outras tudo se resume em "PARAR DE COMER"

"pra mim comer agora é só verdura" mais e a carne, a massa e o leite? ficam vendendo? pois é! ache que elas não se fazem essa pergunta!

ANEXO 01

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A):

Hoje em dia mulheres, homens, adolescentes ~~(e)~~ usam em busca de um corpo perfeito.

Passamos horas em um shopping buscando uma roupa que nos caia bem, e depois de ter passado a tarde toda em um shopping, achamos uma roupa que não era bem o que nós queríamos.

Muitas pessoas por causa da chamada "ditadura da moda" querem ser aquelas modelos magérrimas que vemos na televisão.

Porquê vemos assim?

Porquê é tão difícil nos sentirmos bem com nós mesmas e com o nosso próprio corpo?

Porquê vemos tão magérrimas com nós mesmas? Porque a sociedade quer que usamos as ideias da sociedade. Porque a mídia quer que sejamos assim.

Se fossemos felizes com nós mesmas não ~~(nós)~~ teríamos casos de bulimia e anorexia porque encontraríamos a felicidade dentro de nós mesmas.

ANEXO 02

(TEXTO 2)

ESCREVA A DISSERTAÇÃO NESTA FOLHA:

NOME DO ALUNO(A): _____

A anorexia e a bulimia
A anorexia e a bulimia hoje
atacam milhões de pessoas princi-
palmente as adolescentes. Essa
doença pode causar varias complica-
ções e até levar a morte.

Muitas pessoas fazem dietas por
conta própria sem indicação dos
nutricionistas. A mídia faz com que
as pessoas se sintam inferiores.
Elas querem que sejam magé-
mas como as modelos, as meninas
das preparadas etc.

A moda não obriga ninguém
a não ser as "divas" da socie-
dade.

As vezes não paramos pra pensar
que estamos fazendo mal para nós
mesmos, nem a mídia e muito
menos a moda não está nem aí
pelo sua saúde para o seu psicó-
logo. Na verdade eles não estão
nem aí se você vai morrer ou
não.

Devemos pensar mais em nós
pararmos de nos preocuparmos com
o que as pessoas vão pensar.

Devemos nos gostar!!!